



Entre o céu e o mar

Barbara Delinsky

Momentos Íntimos

Série Vitória Casamenteira 01

*Numa ilha do Atlântico um homem e uma mulher se amam com loucura...
A atração que Deirdre sente por Neil tem a força das tempestades.*

Deirdre Joyce parte para uma ilha deserta à procura da tranquilidade há muito perdida. Lá, longe de tudo e de todos, se vê obrigada a conviver com Neil Hersey, um homem totalmente desconhecido.

Aos poucos, contra a própria vontade, precisa encarar a verdade: ele a atrai como nenhum outro homem a atraiu em toda a sua vida. A simples presença dele a desperta para um mundo que por mais que tentasse nunca conseguiria conhecer; um mundo de sensações inebriantes, de loucura e de prazer. O desejo que sente por Neil a assusta e para se proteger Deirdre o rejeita com todas as suas forças!

OBS: Livro também conhecido como "Um Mundo que nos Separa"

THE REAL THING © 1986

Barbara Delinsky

Digitalização e revisão: Márcia Goto



Capítulo 1

Não era o fim do mundo, não foi um terremoto, nem mesmo foi um fato completamente inesperado, mas acabou sendo a gota d'água, depois de seis semanas de aborrecimentos e problemas.

Neil Hersey continuou olhando a cidade do alto da janela do escritório, mas não via a Constitution Plaza nem qualquer dos prédios do centro de Hartford. E sua fúria era tanta que precisava fazer um esforço imenso para ouvir o que Bob Balkan dizia.

— Ok, Bob. — Afinal, virou-se para ele. — Diga logo o que você tem a dizer. Somos amigos há muito tempo e não é preciso ficar aí sentado, tentando inventar desculpas. — Continuou em pé, com as mãos metidas nos bolsos da calça bem talhada. — É claro que não se trata apenas de trocar um advogado por outro qualquer. Nós dois sabemos que eu sou perfeitamente qualificado para o trabalho que faço e que Ryoden passou mais de um ano tentando me contratar. Deve ter acontecido alguma coisa, no último instante, que o fez mudar de idéia. — Olhou para Bob, com as sobrancelhas franzidas. — Tenho minhas suspeitas... e você pode começar a confirmá-las.

Robert Balkan, vice-presidente executivo das Manufaturas Ryoden, levantou a cabeça e respirou fundo. Neil e ele eram amigos havia muito tempo, tempo suficiente para que pudessem conversar sem subterfúgios.

— Tudo começou com o próprio Wittnauer-Douglass, Neil. — disse, sério. — Pelo que sei, a empresa está tentando protegê-lo: ou o demitiam ou seriam obrigados a levá-lo a julgamento.

Neil resmungou um palavrão e balançou a cabeça.

— E o que mais?

— A diretoria alega que você é responsável por algumas transações consideradas poucos éticas e por outras completamente ilegais. Para que sua reputação seja protegida, a diretoria decidiu não divulgar os detalhes e está tomando todas as providências para reparar os danos que seus atos possam ter causado a terceiros.

— Sim, claro, os meus atos...

— Mas o que é que você quer que eu faça, Neil?! Não havia uma única prova contra você, mas a diretoria não precisa de provas para dispensar um de seus advogados. Bastou alguém soprar uma palavrinha no ouvido do velho, e você se transformou em inimigo público número um. Há alguém na empresa que sabia perfeitamente o que estava fazendo quando telefonou para Ryoden. Ned Fallenworth entrou em ação e aqui estamos.

Fallenworth era outro dos vice-presidentes da empresa, fato que Bob muitas vezes chegou a lamentar; nenhuma, porém, que pudesse comparar-se àquele momento.

— Estou sem dormir desde que Ned me disse o que haviam decidido fazer com você — Bob continuou. — Ned sempre agiu como um covarde, e o que está fazendo agora é, novamente, cumprir ordens de Ryoden. Fiz o que foi possível, mas foi como falar com uma parede. São pessoas de mentalidade estreita, Neil... são todos assim.

Neil tentou sorrir, mas tudo o que conseguiu foi uma careta, mais amarga que irônica:

— É... muito estreita! O problema é que além de mentalidade estreita seus chefes têm um poder imenso! — resmungou, dando as costas a Bob e começando a andar pela sala, indo e vindo sobre o tapete persa. Até que parou e encostou-se na mesa de carvalho, com os braços cruzados. Em outras circunstâncias daria a impressão de estar descontraído e à vontade.

— São seis semanas, Bob — disse, balançando a cabeça. — Este inferno vem se arrastando há seis semanas! Faz seis semanas que estou sendo triturado, estão me bombardeando com fogo pesado, em todas as áreas da minha vida. Não sei o que mais poderá acontecer!

— Você precisa de dinheiro? Se precisar, você sabe que...

— Não, não — Neil respondeu com um gesto de impaciência, mas logo arrependeu-se e sorriu. — Pelo menos por enquanto não estou com problemas de dinheiro. — Respirou fundo, franzindo as sobrancelhas. — O problema é mais complicado, Bob... Você sabe tão bem quanto eu que estou acabado. Não tenho a menor possibilidade de continuar trabalhando como advogado nesta cidade... e isso, com certeza, era exatamente o que Wittnauer-Douglass queria.

— Talvez valesse a pena continuar lutando. Você poderia tentar provar que...

— Não seja idiota, Bob — Neil o interrompeu, desencostando-se da mesa, com o corpo todo tenso. — Obrigado pelo voto de confiança, mas você não conhece essa empresa como eu a conheço. Item um: a esta altura, já não há mais como provar coisa alguma. Item dois: eles têm condições de fazer com que o processo se arraste durante anos, até que eu não tenha mais dinheiro para continuar e seja obrigado a fazer qualquer acordo que me proponham. Item três: seja qual for a sentença, supondo-se que eu consiga levar o processo até o fim, eles já terão feito tamanco alarde de todos os detalhes sórdidos envolvidos nesse caso e a imprensa já terá feito tanto comentário que, mesmo que eu seja absolvido e consiga provar que eles realmente são corruptos, minha reputação profissional estará arruinada. Você não conhece aquela gente, Bob...

— Mas, então... por que você continuou a trabalhar para eles?!

— Porque eu não sabia de nada, droga! — Neil esmurrou a mesa, fazendo saltar o elegante porta-canetas de aço escovado. — E aí está o pior de tudo: eu não percebi nada! Fui ingênuo!

— Ninguém é infalível, Neil... Nem você nem ninguém.

— Para enfrentar essas feras é preciso ser, pelo menos, quase infalível.

Bob levantou-se:

— Lamento não poder ajudá-lo.

— Claro, Bob... você já cumpriu com o seu dever. Veio até meu escritório e me informou que Ryoden não precisa dos meus serviços. — Neil percebeu que havia mais amargura em sua voz do que ele próprio esperava, e muito mais do que Bob merecia, mas não conseguiu encontrar palavras para se desculpar.

— Tenho um compromisso às três. — Bob desviou os olhos do rosto do amigo.

Para Neil, já não era surpresa: apenas mais um dos velhos amigos que

decidia abandonar o barco, agora que o naufrágio parecia inevitável. Seis semanas antes, todos os conhecidos temiam encará-lo em público. Sorriu e estendeu a mão a Bob, querendo certificar-se de que não estava sendo injusto.

— Não vejo Julie há meses. Vamos esquecer as tristezas e sair para jantar, como nos velhos tempos?

— Claro, Neil! Eu lhe telefono qualquer noite dessas... — Bob deu um sorrisinho e apertou-lhe a mão, com mais entusiasmo do que o necessário, como se estivesse aliviado por poder sair.

"Claro...", Neil pensou. O trabalho sujo estava feito, e "qualquer noite dessas" era tão vago quanto Neil temia que pudesse ser. Definitivamente, não estava sendo injusto com Bob Balkan.

Minutos depois, novamente sozinho no escritório, sentia-se a ponto de explodir. Sentou-se na cadeira de couro que Bob acabara de deixar, fechou os olhos e passou o dedo indicador pela testa franzida. Precisava fazer alguma coisa, qualquer coisa, ou pelo menos tentar manter-se calmo, antes que começasse a fazer loucuras que só poderiam complicar ainda mais a situação. Mas como? Como manter-se calmo se, à sua volta, o mundo parecia estar se desintegrando? Onde estava a justiça, o direito, o certo e o errado? Onde estariam todos os valores que ao longo da vida havia aprendido a defender e nos quais acreditava?

Era fácil perceber que havia um abismo entre ele e a empresa para a qual estivera trabalhando como assessor jurídico. Era indiscutível, também, que tinha tanta vontade de continuar trabalhando para Wittnauer-Douglass quanto Wittnauer-Douglass de mantê-lo como seu advogado... Mas nada disso justificava o fato de a empresa querer crucificá-lo.

Não era justo! Aqueles homens estavam decididos a destruir tudo o que lhe custara anos de sacrifícios para construir!

Já havia perdido vários clientes, alguns pequenos e outros, na verdade seis, das maiores empresas para as quais trabalhava. E tudo isso em menos de seis semanas! Não havia como resistir, nem como continuar a sonhar em se vingar ou fazer justiça, tendo pela frente um inimigo tão poderoso.

Abriu os olhos e olhou para as altas estantes de madeira cheias de livros sobre Direito; os diplomas emoldurados, o telefone e o terminal de computador ligados à mesa da secretária na sala ao lado, e dali ao resto do planeta... tudo elegante, fino, moderno e miseravelmente inútil. Apenas cenário, pano de fundo para o único patrimônio realmente valioso, realmente indispensável, insubstituível: os anos de estudo e a longa experiência profissional que acumulara ao longo do tempo, guardada com muito cuidado em sua cabeça. Mas de que serviriam seus conhecimentos se não pudesse advogar na cidade? E era exata-mente esse o ponto que mais o atormentava, que martelava-lhe o cérebro sem parar.

Neil Hersey jamais se sentira tão furioso, tão amargurado e tão desamparado em toda a sua vida. Sabia que precisava fazer alguma coisa, sabia que era o único que poderia fazer alguma coisa, mas não conseguia ter a menor idéia de por onde começar. Simplesmente não sabia o que fazer... num momento em que toda a sua vida parecia estar pendurada em um fio, balançando perigosamente sobre um abismo.

Levantou-se da cadeira, praguejando. Precisava sair... parar de pensar sempre no mesmo problema, mudar de ambiente. Procurou na gaveta um pequeno caderno de telefones em que estavam os números de seus amigos mais íntimos, uma agenda que raramente usava no escritório. Letra L! Landry. Lazuk.

Lee. Lampert. Lesser: marcou o número com o dedo, aproximou-se do telefone e discou. Vitória Lesser. Em segundos estaria falando com o elegante apartamento do Park Avenue, a cobertura de um dos prédios mais altos do centro de Manhattan.

— Residência da Sra. Lesser — atendeu a voz bem-educada do mordomo.

— Quem está falando é Neil Hersey. Preciso falar com a Sra. Lesser.

— Por favor, espere um momento.

Neil esperou, batendo o pé no tapete impacientemente e sentindo a cabeça latejar. Fechou os olhos, respirou fundo e só conseguiu sorrir quando pensou em Vitória correndo para atender ao telefone, flutuando entre o mobiliário antigo e elegantíssimo da sala de estar, como sempre vestindo um velho jeans e algum camisa de trabalho.

Vitória era uma mulher única. Graças ao marido, que ela amara apaixonadamente até a morte, seis anos antes, tornara-se incrivelmente rica e influente. Apesar da riqueza e dos amigos que tinha, ela poderia ser considerada a última e única hippie de cinquenta e dois anos que ainda sobrevivia em Nova York. E Neil gostava muito dela. Vitória era viva, sincera, autêntica e absolutamente indiferente às convenções sociais. Gostava de viajar e de dançar e tinha aulas de bale e de dança moderna. Gostava também de se imaginar uma grande pintora e, às vezes, passava dias e dias encerrada em seu ateliê, às voltas com pincéis e tubos de tinta. Era uma mulher interessante e a melhor amiga que um homem poderia desejar. A pessoa certa para ajudar Neil a enfrentar uma calamidade como a que, naquele momento, abatia-se sobre sua vida. Além de tudo, Vitória sempre se mostrava muito generosa, e não havia nada no mundo de que Neil precisasse mais do que de um pouco de carinho e de generosidade.

— Você é o único amigo que tenho que passa meses sem telefonar. — Vitória riu, do outro lado da linha. — Você sabe que não me telefona há meses?!

— Eu sei, Vitória, perdoe-me. Como está você?

— "Como está você?" é uma pergunta absolutamente sem propósito, porque você sabe que estou ótima — Vitória respondeu, com a voz doce e carinhosa. — Mas depois do que li nos jornais de hoje estou é muito preocupada com você, Neil.

Neil não acreditava que as notícias já pudessem ter chegado a Nova York.

— Ainda tenho um telefone em meu nome, estou sentado em minha própria poltrona, em meu próprio escritório, falando com você. Para mim, é mais do que o suficiente para me sentir ótimo. — Neil riu. Parecia mentira, mas era absoluta verdade.

— Você continua a ser minha amiga?

— Claro que sim, Neil. Já sei de tudo o que aconteceu por aí. Conheço bem as raposas que compõem aquela diretoria. Se você preferir, pode também chamar de víboras. E sei também que você foi, e sempre será, um grande advogado. As coisas estão muito difíceis, não é?

— Muito. Preciso sair daqui, pelo menos por alguns dias.

— Quer ir para a minha casa na ilha, na costa do Maine?

— Estava aí outra das grandes qualidades de Vitória: ela jamais perdia tempo com detalhes sem importância. Ouvi-la, para Neil, era como começar a se reconciliar com a humanidade.

— Exatamente o que eu estava pensando em lhe pedir. — Ele riu novamente.

— Pois vá. A casa é sua.

— Não há ninguém por lá?

— Em outubro?! — Vitória deu uma gargalhada. — As pessoas ultimamente estão ficando frágeis como violetas. Ir para o Maine nesta época do ano, para

elas, é como passar o verão no Pólo Norte. Fique tranqüilo: não há viva alma naquela ilha abençoada. Se quiser, mude-se para lá e fique o tempo que tiver vontade.

— Pensei em ficar apenas uns quinze dias. Vou descansar, dormir, comer e pensar. Se não conseguir encontrar um novo rumo para minha vida, então, sim, só me restará ir advogar no Pólo Norte.

— Estou à espera de um telefonema seu há dias — Vitória continuou. — Como você não ligava, achei que estivesse dando tempo ao tempo. Por isso não liguei nem fui visitá-lo. Você continua certo de que não há nada que eu possa fazer para ajudá-lo? Sabe que tenho amigos influentes, Neil... talvez nós dois juntos e o procurador da República possamos encontrar um modo de pegar aqueles vigaristas...

Ali estava a coragem solidária que mais ninguém parecia capaz de demonstrar-lhe. Vitória não apenas lhe oferecia ajuda pessoal, o que já não era pouco, como lhe oferecia a possibilidade de comprometer-se, ao seu lado, para pedir ajuda a outras pessoas.

— Se você me emprestar sua ilha, estará me ajudando muito mais que imagina — Neil suspirou.

— E quando é que você quer ir?

— Iria hoje mesmo se fosse possível. Tenho algumas coisas para resolver... Acho que amanhã estarei a caminho. Você precisa me dizer como chegar lá.

Em rápidas palavras, Vitória deu-lhe o roteiro:

— Chegando a Spruce Head, procure Thomas Nye; é um ótimo sujeito, você vai gostar dele. É alto, de barba ruiva e vive lá, pescando lagostas. Vou telefonar a Thomas e dizer-lhe que você está a caminho. Ele tem um barco e poderá levá-lo até a ilha.

Neil agradeceu e prometeu ligar-lhe novamente logo que voltasse da ilha. O resto da tarde foi gasto com a secretária, para deixar-lhe a agenda livre de quaisquer compromissos durante, no mínimo, quinze dias. A tarefa foi fácil, porque a maior parte dos compromissos que tinha estavam marcados com clientes que já haviam dispensado seus serviços. Depois, Neil reuniu-se com os dois estagiários que trabalhavam com ele, explicou-lhes que resolvera viajar para "deixar que as coisas esfriassem um pouco" e lhes deu trabalho suficiente para mantê-los ocupados por duas semanas.

Ao sair do escritório, pela primeira vez em muitos e muitos anos, não segurava a pasta de documentos da qual jamais se separava. Tudo o que levava dali, a caminho da ilha de Vitória, era um punhado de charutos cubanos. Se estava decidido a se permitir uma trégua, seria preciso começar por esquecer que aquele escritório, nos últimos anos, havia sido muito mais importante para ele que a própria casa onde morava.

Deirdre Joyce olhou desanimada para o gesso branco, duro e pesado que envolvia sua perna esquerda, da coxa até os pés, e que só deixava a ponta dos dedos livre. Era um modo de não pensar em coisas ainda piores do que uma perna quebrada. Por exemplo, nos rostos aflitos que cercavam sua cama de hospital.

— Foi o destino, querida — sua mãe dizia. — Uma ajuda de Deus. Estou tentando falar com você há meses e você se recusava a parar e me ouvir... Precisa entender que o seu lugar é ao lado de sua irmã, dirigindo as empresas. Já era mais do que hora de acabar com essa loucura de dar aulas de dança e ginástica!

— Minhas aulas não têm nada a ver com isso, mamãe. — Deirdre apontou o gesso. — Escorreguei na escada de minha casa, caí e quebrei a perna. Não sei que ajuda divina pode existir em tropeçar e cair da escada, a não ser que Deus esteja interessado em me ensinar a ser mais cuidadosa... Mas acho que já seria um certo exagero da parte dele.

— A mensagem era outra — Maria Joyce continuou, inabalável. — Aí está o resultado de viver cuidando do corpo e esquecendo-se do espírito. Será que ainda não percebeu que vai ser obrigada a passar semanas sem poder se mover direito? Não vai poder dar aulas. O médico disse que não sabe nem mesmo se algum dia você poderá voltar a fazer exercícios como antes. Não está vendo que isso é um sinal para que você resolva começar a ajudar sua irmã a dirigir as empresas?

Deirdre virou o rosto para a irmã. Mais de uma vez na vida havia sentido pena dela, mas depois de seis meses de pressão ininterrupta, não conseguia sentir mais nada além do desejo de ficar bem longe da família.

— Sinto muito, Sandra. Já disse que não posso.

— Por que não, Dee? — Sandra era morena e alta, parecidíssima com a mãe. Sempre fora lindíssima, muito mais bonita que Deirdre, que era mais baixa e tinha cabelos loiros. Desde a infância eram diferentes uma da outra, como água e vinho. — Você estudou tanto quanto eu, formou-se pela mesma universidade, sempre teve melhores notas. Se eu posso, por que você não pode?

— Porque não nasci para dirigir empresas. Não nasci para isso, e ponto final.

Maria sacudiu a cabeça com veemência:

— Não acredito em predestinação, filha. Você tem é medo de assumir responsabilidades. Resolveu dançar... e aí está: na cama, imobilizada!

— Mamãe... — Deirdre fechou os olhos e deixou-se afundar nos travesseiros. Estava imóvel naquela cama havia quatro dias, e a falta de exercícios a fazia sentir-se fraca, o que servia apenas para irritá-la ainda mais. Daria qualquer coisa para sair da cama e tomar uma ducha quente, mas era absolutamente impossível. Dizer que a situação a deixava irritada era ainda muito pouco. Apesar de tudo, quando resolveu falar, sua voz soou surpreendentemente calma. — Já discutimos esse assunto pelo menos um milhão de vezes. Talvez você e papai tenham sonhado em construir uma companhia para ser gerida pela família; no caso, Sandra e eu. Mas esse foi o sonho de vocês, e não tem nada a ver comigo. Não quero ser empresária... Nunca quis ser empresária, pois sei que não nasci para isso. É tudo muito certo, muito organizado, muito parado para o meu gosto. Além de ser muito absorvente. Você sabe que eu já tentei, só para satisfazê-la, e não deu certo.

— Foram apenas oito meses, há muito anos, Dee — Maria insistiu.

— Sua mãe tem razão... — Era o tio de Deirdre, com a voz de sempre, grave e profunda. Desde o começo da discussão se mantivera de lado, silencioso e atento, parado junto à janela do quarto. — Isso foi logo depois de ter saído da universidade, você era muito jovem. Mesmo assim, na minha opinião, foi uma experiência válida. Você mostrou que é organizada, empreendedora, muito parecida com seu pai, mas era ainda muito inexperiente e assustou-se com as primeiras dificuldades que encontrou. Na verdade, nem tentou enfrentar os problemas e preferiu fugir logo ao primeiro combate.

Deirdre balançou a cabeça:

— Não fugi de coisa alguma. Apenas percebi que não ia dar certo, do mesmo modo que sei que não daria certo agora. É possível que eu tenha, como vocês

dizem, algumas qualidades que poderiam ser úteis, se eu fosse uma mulher de negócios. Mas não sou. O problema é emocional. — Deirdre sorriu. — Eu acabaria enlouquecendo se tivesse de assistir a duas reuniões de diretoria por dia, conversas, almoços com martinis e uísque, jantares de negócios, vestido, meias e salto alto o tempo todo.

— Você está sendo melodramática — sua mãe interrompeu.

— É, você tem razão, mamãe. Eu sou melodramática... e sei que não existe espaço para melodrama nas Empresas Joyce. Assim sendo, por favor, me deixem em paz e esqueçam a possibilidade de eu me enterrar por lá.

Sandra aproximou-se da cama:

— Nós precisamos de você, Dee... Por que é que você pensa que eu nasci para dirigir as empresas?

— Não disse que você nasceu para isso, Sandra. Disse apenas que eu não nasci. E você, pelo menos, gosta desse tipo de trabalho. Está lá porque quer.

— Estou lá porque alguém tem de estar. — Sandra suspirou. — Desde que papai morreu, tudo ficou muito difícil...

Aí estava o problema principal. Seis meses antes, Allan Joyce havia morrido durante o sono, absolutamente em paz, tranqüilo e sem culpas, sem poder imaginar os problemas que causaria com sua morte. Deirdre respirou fundo e outra vez fechou os olhos:

— Esta conversa é inútil — disse baixinho. — Vocês já sabem o que eu penso a respeito: nenhum de nós é capaz de administrar aquilo lá. Não somos capazes, não sabemos tudo o que é preciso saber! Precisamos contratar executivos, pagar-lhes bons salários e entregar-lhes a administração de todos os negócios. É a única solução possível.

— Não podemos fazer isso — Maria recomeçou. — As Empresas Joyce começaram com seu avô, elas pertencem à família há quase um século...

—...mas agora a família acabou! — Deirdre sentou-se, sentindo uma pontada aguda na perna quebrada. — Você, mamãe, não entende nada de negócios, Sandra está dizendo que não é capaz de dirigir tudo sozinha, tio Peter não pode trabalhar e tio Max está velho demais. Sobrou eu, que não quero e não vou trabalhar lá. Querem um conselho? Vamos vender tudo! Contrataremos um corretor para aplicar o dinheiro e vocês poderão passar o resto da vida sem precisar pensar em dinheiro e em trabalho. Querem mais um conselho? Contratem um executivo para a presidência, outros para as vice-presidências e...

— Já temos um presidente e vários vice-presidentes — Maria repetiu, provavelmente pela milésima vez. — Precisamos é de alguém da família para coordenar tudo. Como você sabe fazer tão bem!

— A única coisa que já coordenei na vida foram as festas de Natal da empresa, mamãe... — Deirdre gemeu. — A coordenação de um conglomerado, como o nosso, exige outro tipo de trabalho. O que me surpreende é que as empresas ainda estejam funcionando... Ainda não pararam completamente porque papai deixou vários projetos em andamento e eles estão nos dando a impressão de que tudo está andando bem. Mas tenho certeza de que, mais dia, menos dia, as engrenagens vão começar a parar... e aí, então, talvez seja tarde demais até para vender.

— Você é a única pessoa capaz de impedir que isso aconteça. — Maria arregalou os olhos, quase em pânico. — Você fala como seu pai falava, você pensa como ele!

— Mas eu não sou papai! Sou Deirdre Joyce, professora de dança e ginástica. Ótima professora, aliás.

— Claro, mas...

— Mamãe, por favor... Estou com uma terrível dor de cabeça. Tio Peter, por favor, será que você poderia levar mamãe para casa?

— Não, Deirdre — Maria protestou. — Você não pode pedir que eu me vá assim, sem mais nem menos! Isso é egoísmo. E você está colocando seus próprios interesses acima dos interesses de nossa família... como sempre fez! Será que você não percebe que também é responsável por tudo isso?

Estava começando o segundo capítulo... e com chantagem emocional, como sempre.

— Estou com dor de cabeça, mamãe... — Deirdre gemeu.

— Tudo bem. — Maria levantou-se. — Vamos deixar esta conversa para depois. Você terá alta amanhã cedo. Estarei aqui para buscá-la, vamos para casa e...

— Vou para minha casa, mamãe. — Deirdre ajeitou-se na cama.

— Com a perna quebrada?! Não seja tão teimosa, Dee... Você não vai conseguir nem subir as escadas!

— Se você acha que não posso nem subir três degraus pulando em um pé só, como é que pode pensar que vou conseguir dirigir uma empresa que movimenta milhões de dólares e está instalada no décimo sétimo andar de um arranha-céu?

— Há doze elevadores no prédio.

— E doze ascensoristas que têm famílias para sustentar e merecem receber os salários em dia, mamãe. — Deirdre cruzou o braço sobre o rosto. Estava cansada e terrivelmente frustrada, como acontecia sempre que se envolvia naquele tipo de discussão familiar. — O que sei é que amanhã vou ter alta e vou para minha casa. Depois, ainda não sei o que vou fazer, mas é problema meu. As Empresas Joyce não têm nada a ver com o que vou fazer de mim e de minha perna engessada.

— Conversaremos amanhã.

— Não há mais o que discutir: está resolvido.

Maria levantou o queixo, como fazia sempre que as coisas não estavam correndo exatamente como ela queria. E isso acontecia toda vez que discutia com Deirdre, mais do que em qualquer outra situação de sua vida.

— Você está fora de si, o que é compreensível... Está imobilizada, com dores... — Sorriu para a filha e beijou-lhe o rosto. — Amanhã, querida... amanhã poderemos conversar melhor.

Deirdre não disse nada. Sem mover um músculo, viu a família inteira sair do quarto, num cortejo calado e tenso. Assim que ficou sozinha, chamou a enfermeira. Estava com dor de cabeça, com a perna latejando e precisava de uma aspirina... Se possível, precisava também de um tapete voador que a levantasse daquela cama e a levasse para bem longe dali.

Como pudera escorregar naquela revista? Como pudera ser tão desajeitada a ponto de acabar quebrando a perna em três lugares?

De toda a aventura sobrava agora um desconunal ponto de interrogação a pairar sobre seu futuro profissional. Havia sofrido uma delicada cirurgia para recompor os ossos partidos e deslocados, estava hospitalizada havia vários dias e teria de ficar engessada ainda por seis semanas. Após tirar o gesso começaria um longo período de fisioterapia, e só depois poderia saber se teria condições de voltar a trabalhar.

Não bastasse isso, havia o problema com a família. Desde aquela experiência traumatizante, dos oito meses em que se dedicara às Empresas Joyce, Deirdre era obrigada a passar horas, dias, às vezes semanas, repetindo

que não queria, não sabia e não podia responsabilizar-se pela administração dos negócios da família.

Enquanto seu pai era vivo, coube a ele a tarefa de seduzi-la com longas conversas: "Tente, Deirdre... Se vocês, minhas filhas, não assumirem as empresas, de que terá valido tanto sacrifício?" Depois que ele morreu, sua mãe retomou o mesmo assunto, mais ou menos a partir do ponto em que o pai o havia deixado, chamando Sandra e os dois tios para ajudá-la. À medida que o tempo foi passando e a empresa começou a dar sinais de não estar indo tão bem como o esperado, a pressão aumentou.

Deirdre, porém, adorava seu trabalho: era criativo e gratificante. Orgulhava-se de ser ótima professora e de conseguir encontrar talentos entre os alunos. Até o dia do acidente, pelo menos tinha uma resposta para dar à mãe, à irmã, aos tios e a si própria, cada vez que se falava nas empresas. Mas agora, imobilizada, com a perna quebrada, sem saber sequer se poderia voltar a trabalhar, já não lhe restava nem o pretexto da carreira ou do trabalho...

A aspirina que a enfermeira lhe trouxera aliviou a dor da perna e da cabeça, mas não a ajudou a resolver o dilema em que se encontrava. E bastou pensar que no dia seguinte teria de voltar para casa, indefesa, à mercê da família, para que a cabeça recomeçasse a doer. Era fácil prever o que aconteceria: primeiro seriam os telefonemas, depois as visitas, aos poucos o cerco iria se fechando até que, sem pernas para sair correndo, alguém acabaria por metê-la em um vestido elegante e a arrastaria até a presidência das Empresas Joyce, sentando-a à força atrás de uma imensa mesa, com meia dúzia de secretárias pagas para vigiá-la dia e noite...

Resolveu agir antes que aqueles pensamentos a deixassem louca. Apanhou o telefone, discou para a telefonista do hospital, pediu uma ligação para Nova York, deu-lhe um número e esperou, com os dedos cruzados.

— Quem está falando aqui é Deirdre Joyce. Preciso falar com a Sra. Lesser.

— Por favor, espere um momento — respondeu o mordomo.

Deirdre esperou, batendo a ponta da unha no aparelho, com os olhos fixos no gesso da perna, vendo ali, como se fosse em um filme, a figura de Vitória, nos eternos jeans surrados e o enorme camisão de trabalho desabotoado, flutuando pelo living de seu maravilhoso apartamento no Park Avenue, correndo para atender o telefone. Que estaria fazendo? Já teria desistido das aulas de contrabaixo com o professor negro que conhecera no Harlem e que se transformara em um de seus melhores amigos? Ou estaria novamente dedicada ao canteiro de violetas-africanas que estava cultivando em seu quarto, numa estufa especial?

Vitória não era nem contrabaixista nem jardineira, mas nem no Harlem seria possível encontrar alguém que se dedicasse com maior paixão ao seu instrumento; ou, na África, alguém que cuidasse melhor de violetas-africanas... Ela sempre se dedicava com amor a tudo que a cercava. A única coisa em que era quase impossível acreditar, em relação a Vitória Lesser, é que fosse amiga de Maria Joyce, desde a universidade... — Deirdre sorriu, pela primeira vez em muitos dias. — Vitória, sem dúvida, era uma das mulheres de quem Deirdre mais gostava e a quem mais admirava. Era livre, independente, com idéias próprias, imaginação e alegria de viver. Nem a morte do marido, que ela amara apaixonadamente, fora suficiente para abatê-la. Em vez de chorar, Vitória passou a viver ainda com mais intensidade e coragem, certa de que, onde quer que o marido estivesse, detestaria vê-la abatida, com os olhos vermelhos, fechada em casa.

— Mas é você mesma, Deirdre? — Vitória atendeu, com a voz alegre de sempre. — Por onde andou durante tanto tempo?!

— Não andei. Estou em Providence, como sempre, mais parada do que nunca — Deirdre respondeu, conseguindo a proeza de rir do gesso da perna. Vitória era capaz de operar qualquer milagre. — Diga o que é que você estava fazendo quando o telefone tocou, Vi. Estou desesperadamente necessitada de alguma coisa que me faça recuperar as esperanças...

— Oh, isso é mau sinal. Alguma coisa aconteceu por aí... Deirdre sentiu um nó na garganta. Era a primeira voz solidária que escutava em, no mínimo, quatro dias.

— Você é a única pessoa que conheço que consegue conversar com minha mãe sem enlouquecer. Você é a melhor amiga que tenho, Vi...

— Deve ser grave. — Vitória mudou de tom: — O que houve? Estão querendo obrigá-la novamente a assumir...

— Pior do que isso — Deirdre a interrompeu. — Estão querendo me obrigar novamente a assumir... só que desta vez estou no hospital, com uma perna quebrada em três lugares. Vou ficar doente de raiva, Vitória.

Do outro lado da linha, Deirdre ouviu um ruído vago.

— Vitória, se você está rindo de mim, eu...

— É claro que não estou rindo, querida. Você ouviu apenas o ruído de um suspiro e de um sorriso solidário.

— Tenho certeza de que você riu. — Deirdre fechou os olhos.

— Desculpe, Dee...É demais! Você não pode ter quebrado a perna... Não posso acreditar que isso tenha acontecido... Você deve estar muito mal, presa a uma cadeira de rodas!

— Estou hospitalizada há apenas quatro dias... Ainda não houve tempo para enlouquecer completamente, e vou poder usar muletas, mas amanhã ou depois, com certeza, precisarei de uma camisa-de-força. Vitória, quero dar um jeito de sumir daqui e...

—...ir para a casa do Maine? — Vitória perguntou completando a frase de Deirdre. — Para a ilha...

— Se a casa estiver vazia. Você sempre falou tanto de sua ilha...Talvez tenha chegado a hora de conhecê-la. Há alguém lá?

— Não. A casa está vazia hoje... como há meses, aliás... — Vitória riu. — É... talvez você encontre lá a solução para todos os seus problemas... Quando é que você está pensando em viajar?

Pela primeira vez, desde o momento em que pisara na revista esquecida junto à escada, Deirdre sentiu que o mundo recomeçava a girar para o lado certo:

— Amanhã mesmo, no momento em que sair do hospital!

— E a perna quebrada? — Vitória perguntou interessada.

— Quebrei a perna esquerda, Vi. Posso dirigir perfeitamente com a perna direita. Basta que você me diga como fazer para chegar lá.

Vitória lhe deu todas as indicações necessárias. Disse-lhe que, chegando a Spruce Head, procurasse Thomas Nye, ótimo sujeito, alto, de barba ruiva, pescador de lagostas, dono de um barco.

— Vitória, você acaba de salvar minha vida! Muito, muito obrigada! — Deirdre riu alto.

— Espero que tudo dê certo... — Vitória suspirou, pensativa. — Você sabe que não há telefone na ilha, mas, quando voltar à civilização, por favor, telefone para dizer como... se arranjou, está bem?

Deirdre ainda demorou-se em agradecimentos e desligou com um suspiro de felicidade e alívio.

Em Nova York, Vitória repôs o fone sobre o aparelho, franziu a testa e tentou definir uma estratégia de ataque. Tudo pelo amor! Segundos depois, apanhou novamente o telefone e, pela segunda vez em poucas horas, ligou para Thomas Nye. Quando desligou o telefone, depois de uma longa conversa, cheia de instruções muito claras e precisas, parecia outra vez livre,, leve e solta, pronta para voltar ao ateliê de pintura ou ao jardim de violetas, à aula de bale ou ao livro sobre religiões orientais... Já não faria a menor diferença, porque, começasse por onde começasse, tinha certeza de já ter ganhado o dia!

A chuva acompanhava Neil Hersey desde o Norte. Chovia em Connecticut, em Massachusetts, New Hampshire e no Maine; mais de quatro horas de chuva ininterrupta. No horizonte, nuvens escuras prometiam ainda mais chuva. A estrada, estreita e coberta de lama, exigia todo o cuidado, e os únicos sons que se ouviam eram as pancadinhas monótonas do limpador de pára-brisa, de um lado para o outro. O mundo inteiro parecia cinzento e úmido, e o cenário não poderia estar mais de acordo com o modo como ele se sentia.

Ele só havia parado para comprar mantimentos. Faltavam apenas alguns minutos para as três da tarde, quando o carro esporte preto e coberto de lama parou logo depois da primeira esquina do que pareceu a Neil ser a rua principal de Spruce Head, perto do cais. Era o momento exato de sentir-se aliviado, saltar do carro, esticar as pernas, aspirar fundo o ar marinho, feliz por estar tão perto do fim. daquela viagem terrível.

Mas Neil não sentia nada parecido com essa euforia. O cais estava deserto, a cidade parecia abandonada havia, no mínimo, vinte anos, sem uma única janela aberta, uma única luz acesa.

E a chuva continuava a cair, batendo forte no teto do carro. À frente, viam-se apenas os tanques de lagosta e os tonéis cheios de peixes que os pescadores usavam como isca. Ninguém, nem o mais apaixonado consumidor de carne de lagosta, seria capaz de suportar o cheiro de peixe que invadiu o carro, apesar de não haver, aparentemente, a menor fresta aberta. Neil pensou que deveria ter levado uma capa impermeável do tipo das que via nos filmes, protegendo os pescadores da cabeça aos pés, para poder aventurar-se a sair do carro e tentar bater em alguma porta para saber se, pelo menos, Thomas Nye realmente existia...

Infelizmente não tinha escolha. Precisava procurar o homem. Vestiu um casaco plástico de capuz, que havia jogado sobre o banco traseiro, sem esperar que precisaria usá-lo em seus dias de folga. Saiu e correu para a única porta entreaberta que viu à frente. Era um bar.

Três homens, cada um deles com uma caneca fumegante na mão, mal se deram ao trabalho de virar a cabeça para olhar Neil. Dois estavam sentados junto à parede, com as cadeiras inclinadas para trás, e o terceiro se encontrava praticamente montado em outra cadeira, com os braços cruzados sobre o encosto.

— Por favor... — Neil tossiu, e os três viraram-se, todos ao mesmo tempo. — Preciso encontrar Thomas Nye.

Molhado dos pés à cabeça, Neil esperou pela resposta que veio de um dos homens com a cadeira inclinada.

— Vá até a próxima esquina e vire à esquerda. É a segunda casa à direita. Neil agradeceu com um gesto de cabeça e saiu.

Novamente enfrentou o dilúvio até o carro, deu a partida e seguiu as

instruções que havia recebido no bar. O local indicado era muito pobre: um quarteirão de casas de madeira, todas igualmente velhas, molhadas e fechadas. Se Neil estivesse em um dia de melhor humor, se o tempo não estivesse tão ruim, dificilmente deixaria de perceber que a ruazinha, sob o véu de chuva, com o mar ao fundo, parecia tirada de um cartão-postal. Saiu novamente do carro, molhou-se ainda mais, aproximou-se da porta e bateu.

Segundos depois, ouviu passos dentro da casa, e a porta foi aberta por um homem alto, de barba ruiva. Neil suspirou aliviado:

— Você é Thomas Nye? Meu nome é Neil Hersey e vou ficar hospedado na ilha de Vitória Lesser.

Thomas sorriu e o convidou para entrar com um gesto de mão. Neil aceitou o convite sem falar, sem sorrir e sem fazer gesto algum.

Uma hora mais tarde, Deirdre estacionou o carro à porta da mesma casa. Tudo se encontrava exatamente como antes, quando Neil chegara: a chuva, a paisagem, o quarteirão de casinhas de madeira, velhas, molhadas e fechadas. A única novidade que Deirdre encontrou foi um luxuoso carro esporte preto, estacionado à frente da casa de Thomas Nye... um carro que, mesmo antes de ver a chapa de Connecticut, ela já sabia que não poderia pertencer a nenhum pescador de lagostas. Ora... Thomas Nye talvez estivesse recebendo visitas ou, talvez, houvesse outra pessoa para transportar a qualquer uma das centenas de ilhas que havia por ali.

De qualquer modo, precisava ir até lá, falar com Thomas e dizer-lhe que já havia chegado. Mas ir até lá significava sair do carro, apanhar as muletas no banco de trás, tirar a perna engessada do abençoado cantinho à esquerda do pedal do freio, onde ela havia viajado tão bem, ficar em pé... e tomar chuva!

Ora! Significava também dar o primeiro passo em direção da ilha de Vitória... e a isso valeria qualquer sacrifício! Para ficar seca e confortável bastaria ter ido para a casa de sua mãe... O pensamento a encheu de coragem e energia. Virou-se, apanhou uma enorme capa de chuva que a cobria inteira, conseguiu vesti-la ainda sentada no carro e parou um instante, para organizar a sequência de manobras necessárias para poder sair do carro e andar até a casa que Vitória lhe indicara com precisão.

Quando afinal conseguiu chegar à presença de Thomas, Deirdre estava a ponto de gritar de frustração e frio. Uma operação planejada para pouco mais de dez segundos, se ela pudesse usar os dois pés, havia demorado quase dez minutos... tempo mais que suficiente para deixá-la encharcada, com os cabelos Pingando, a calça de ginástica pesando quase uma tonelada, as muletas molhadas e escorregadias e sentindo cãibra nos braços e na única perna em que podia apoiar-se.

Thomas recebeu-a com o mesmo laconismo e praticamente com os mesmos gestos com que já havia recebido Neil. Ela entrou e precisou de alguns instantes para se convencer de que havia mesmo conseguido chegar até ali. Quando conseguiu levantar a cabeça e olhar em volta, viu, em primeiro lugar, uma mesa redonda, coberta de mapas e papéis. Depois viu um aparelho de televisão ligado, com imagens de um programa que detestava. Em terceiro lugar viu um homem muito alto e moreno, sentado a um canto, de braços cruzados, que nem se deu ao trabalho de abrir os olhos quando a ouviu entrar. Por último, viu que Thomas Nye voltava a sentar-se à mesa e retomava o que provavelmente fazia quando precisou levantar-se para abrir a porta. Deirdre tossiu para limpar a garganta.

— Sou...

— Já sei, moça — Thomas a interrompeu. — Não quer sentar-se?

— Prefiro ir logo. Quanto antes pudermos chegar, melhor para mim... — Tentou sorrir, apontando o gesso da perna, que se encontrava coberto por um plástico e metido dentro da enorme calça.

— Ninguém vai para o mar com um tempo como esse. — Thomas novamente concentrou-se na papelada sobre a mesa.

— E se continuar chovendo? — perguntou baixinho. — Vocês não saem para pescar quando chove?

— O problema é o vento, moça.

— E... costuma ventar muito por aqui? Durante muito tempo?

— Nunca se sabe. O vento pode mudar daqui a uma hora, ou uma semana...

Deirdre fechou os olhos e respirou fundo. Uma hora sim... claro que qualquer pessoa molhada e tremendo de frio conseguiria sobreviver com uma perna quebrada, cinco dias depois de operada, batendo queixo durante uma hora. Mas... e se demorasse uma semana?! Que fosse um dia... De repente a fantasia de uma cama com cobertores macios, a banheira e um longo banho quente, um café quente e uma boa noite de sono, em solidão, em paz, começavam a se esvaír como nuvem de fumaça.

Virou-se para o homem que permanecia imóvel em um canto, sentado num banquinho, com o queixo agora apoiado nas mãos e os cotovelos nos joelhos. Era evidente que também estava à espera. Deirdre sentia a frustração e a ansiedade dele com a mesma intensidade com que sentia sua própria frustração e ansiedade. Mal podia ver-lhe o rosto, mas via o cabelo muito negro escorrido sobre a testa, quase cobrindo-lhe as sobrancelhas, e a barba por fazer que sombreava-lhe os maxilares.

— Sr. Nye... — Deirdre recomeçou — estou com um problema e preciso chegar logo à ilha de...

— Eu sei, moça. Sente-se e descanse um pouco — Thomas disse sem levantar a cabeça, ainda concentrado no que fazia.

Deirdre chegou a pensar em continuar, tentar convencê-lo a levantar-se dali e levá-la, no colo, se fosse preciso, até a ilha de Vitória. Mas desistiu. Thomas Nye era um homem de poucas palavras e parecia interessado em continuar a fazer seu trabalho.

Decidiu acalmar-se e esperar. Com um suspiro, tirou a capa impermeável equilibrando-se o melhor que pôde e a colocou sobre uma velha poltrona ao lado. Apanhou as duas muletas com uma mão e foi saltando num pé só até o sofá perto do banquinho em que estava o homem moreno.

Quando se aproximou, tentando ver qual seria o melhor modo de sentar-se sem ter de se apoiar na perna quebrada e sem precisar mergulhar no sofá, virou-se e viu que o homem levantara a cabeça e olhava para ela. Irritada, franziu as sobrancelhas.

— Que foi? Há algo errado com você?

— Você é uma figura... — Nem o olhar nem o tom de voz davam à frase o tom de elogio.

— Obrigada. Me deixe em paz e cuide de sua vida.

O mal, porém, já estava feito. Deirdre olhou para a roupa que vestia e, molhada daquele jeito, a calça de abrigo lhe pareceu mil vezes pior do que era. No momento de sair de casa não havia pensado em parecer elegante. Afinal, ia para uma ilha deserta e precisava de uma calça de ginástica, velha e usada, a maior que encontrasse no armário, grande o bastante para que coubessem perna e gesso dentro dela. Quando estava acabando de se vestir, para complicar mais ainda a situação, sua mãe entrara no quarto, e Deirdre, depois de uma discussão,

vestiu a primeira camiseta grande e confortável que encontrou e saiu, deixando-a esbravejando. As duas peças de roupa não combinavam entre si, pois a calça era verde-limão, e a camiseta, laranja. De qualquer maneira, se aquele homem tinha problemas com cores que não combinavam, ela, Deirdre, não daria a menor importância ao fato. Afinal, existiam problemas muito mais graves com que se preocupar.

Deirdre sacudiu a cabeça, passou a mão pela testa para afastar o cabelo dos olhos e virou-se para Thomas Nye. Por ali, tudo continuava como antes: Thomas permanecia mergulhado nos papéis sobre a mesa, alheio ao resto da casa. Estranho... havia nele alguma coisa que não parecia combinar bem com a imagem de um pescador de lagostas. Parecia elegante demais, civilizado demais, como se não tivesse nascido e vivido ali durante toda a sua vida.

"Estou começando a delirar", pensou Deirdre. Afinal, conseguiu sentar-se no sofá. À frente, o homem moreno havia se levantado e estava parado junto à janela, olhando para fora, de costas para o sofá. De repente, como se tivesse sido atraído pelo olhar dela, virou a cabeça para trás, e por um momento os olhos dele encontraram-se com os de Deirdre. Se a vida de Thomas Nye parecia um enigma, a do outro homem não parecia representar enigma algum. Ela devia estar tão absolutamente complicada quanto a sua... talvez mais, se ela conseguisse imaginar complicação maior do que ter de sentar-se ali, com a perna dolorida, à espera que o vento mudasse. O homem também estava à espera, e, a cada minuto que passava, mais acentuada ficava a ruga de sua testa, e os olhos mais e mais sombrios.

Neil Hersey pensava mais ou menos a mesma coisa que Deirdre. Não conseguia lembrar de qualquer outra imagem que lhe parecesse mais patética, triste e abandonada do que a daquela garota que acabava de entrar. Claro que aquela roupa horrível que usava a fazia parecer ainda menor, mais infeliz e mais... desamparada! Com certeza, esperava que Nye se decidisse a enfrentar o vento para levá-la a alguma das ilhas do litoral, onde a esperavam a mãe, a família, alguém que, afinal, pudesse tomar conta dela.

Neil, de repente, percebeu-se preocupado com os problemas da desconhecida e não gostou. Queria ir logo para a ilha de Vitória. O tempo estava passando, e Nye não se mostrava nem um pouco interessado em sair dali. O estômago começou a doer novamente, como várias vezes nas últimas semanas, e Neil, sem pensar, massageou o tórax. E se fosse uma úlcera? No momento em que, pela centésima vez, olhou o relógio, viu que a moça fazia o mesmo.

— Sr. Nye — ela chamou.

— Thomas; me chame de Thomas — o ruivo grunhiu sem levantar a cabeça dos papéis.

— Thomas. Quanto tempo de viagem temos até a ilha?

— Mais ou menos duas horas.

Olhando o relógio, Deirdre começou a fazer contas.

— Mas, então, se demorarmos muito a sair, vamos ter de viajar à noite. — Ela franziu as sobrancelhas. — Isso pode ser complicado, não é?

— É. Mas sair com esse vento é morte certa. — Thomas levantou os olhos em sua direção. — Se o vento não mudar, teremos de esperar até amanhã.

— Amanhã?! Mas... onde vamos passar a noite?

Thomas indicou a escada com um milimétrico gesto de cabeça:

— Tenho um quarto aí em cima.

Deirdre respirou fundo. "Um quarto aí em cima"... Mas ela não queria ficar ali. Queria a ilha, o quarto, a cama de Vitória... com janelas abertas para o mar,

colchão macio, cobertores quentes, tapetes, almofadas, todas as maravilhas de que Vitória vivia falando. Silêncio. Solidão, paz, tranquilidade... De fato precisava de um pouco de paz... E daria qualquer coisa para poder deitar-se, esticar a perna e... gritar ou chorar... Em vez disso, porém, estava em uma sala abafada e incomoda, com dois homens desconhecidos, cada um mais concentrado que o outro em seus próprios problemas, como se ela nem existisse.

Neil havia parado novamente em frente à janela. Lá fora a chuva continuava, pesada como sempre, e o vento parecia ainda mais forte. Se aquela tortura ainda se prolongasse muito, sentia-se capaz de desistir de tudo. Mas como desistir da ilha de Vitória, o único lugar do planeta onde, talvez, ainda pudesse encontrar um pouco de tranquilidade para pensar? Estava cansadíssimo. Toda a ansiedade das últimas semanas começava a pesar sobre suas costas, fazendo doer os músculos do pescoço, das pernas, principalmente depois de quase um dia inteiro de viagem. Queria chegar à ilha logo, jogar-se sobre a cama, abrir as janelas, respirar fundo... A amiga lhe dissera que a cama era enorme, feita sob medida para seu falecido marido. Na certa era bem diferente das que encontrava quando dormia em quartos de hotel.

— O seu barco tem radar? — Neil perguntou de repente, virando-se para Thomas.

— Tem.

— Então poderemos viajar à noite.

Nye limitou-se a um gesto que, com toda certeza, queria dizer: "Quem disse que não poderíamos viajar à noite?".

— Você acha então que temos chance de viajar ainda hoje?

— Claro que temos chance — Deirdre quase gritou. — Eu faço questão de ir hoje mesmo!

Neil nem se deu ao trabalho de virar-se para ela, mantendo os olhos fixos em Thomas Nye.

— Em termos de probabilidade — disse, sério —, numa escala de um a dez, que chances você acha que temos de conseguir viajar ainda hoje?

— Como é que você pode imaginar que ele vá responder a uma pergunta tão idiota?! — Deirdre virou-se no sofá.

— Thomas é pescador — Neil respirou fundo. — Estou querendo apenas que faça uma estimativa da probabilidade, baseado nos anos de experiência que ele tem.

— Três. — Thomas ajeitou uma pilha de papéis sobre a mesa.

Deirdre arregalou os olhos, sentindo o coração bater em ritmo de puro desespero.

— De um a dez, você acha que temos apenas três?!

— Ele está dizendo que tem três anos de experiência. Você é surda? — Neil continuava olhando para Thomas.

Mas a informação era tão reconfortante que Deirdre nem teve tempo de se sentir ofendida.

— Sim, mas... quanto às chances, Thomas? — perguntou, rápida.

— Se o vento continuar como está, eu diria o número dois.

— Dois... é menos que três... — Deirdre não se conformava com o que acabara de ouvir.

Neil voltou para seu posto de observação junto à janela, e Thomas levantou-se. Na televisão, o programa continuava. Deirdre suspirou e fechou os olhos. De repente, resolveu não se deixar abater pelo primeiro problema que encontrava pela frente.

— Como é que você vai saber se o vento mudou? — perguntou.

— Pelo boletim meteorológico da capitania dos portos.

— E quando haverá um novo... boletim?

— Quando o vento mudar.

O homem alto parado junto à janela riu baixinho, mas Deirdre fingiu que não ouviu.

— E como é que você vai saber desses boletins se não saiu dessa maldita cadeira? O tal boletim vem pelo correio? Entrega a domicílio?

Thomas não respondeu. Apenas levantou-se e saiu da sala. Deirdre dirigiu-se, boquiaberta, ao homem junto à janela:

— Mas... e agora? O que é que ele vai fazer? — Como não obteve resposta alguma, continuou: — Você está esperando que o vento mude, não é? Não está curioso? E se esse tal de Thomas Nye...

— Ele está ligando o radioreceptor. — O homem respondeu sem se virar. — Você não está ouvindo o ruído?

— Ninguém pode ouvir coisa alguma nessa sala, com essa maldita televisão ligada. — Deirdre levantou-se e foi pulando até o aparelho, desligou-o e voltou ao sofá. Estava cansada demais para se preocupar com a figura que fazia, pingando água pela sala. Tudo o que queria era poder ficar em silêncio, pelo menos por alguns instantes.

Thomas já estava de volta.

— As chances agora são de sete em dez — disse, voltando a sentar-se à mesa. — O vento está mudando.

— Então... podemos ir? — Neil perguntou.

— Só vou saber dentro de meia hora, quando recebermos o próximo boletim.

— E novamente mergulhou no trabalho.

Foi a mais longa meia hora que Deirdre já passara. Como se fosse a última meia hora de sua vida, todos os acontecimentos do dia começaram a desfilar em sua mente, desde a saída do hospital, a ida de táxi para sua casa, até a discussão com a mãe, no momento de arrumar as malas para a viagem.

A última frase de Maria, que ouvira ao bater a porta do quarto, havia sido: "Nem pense em deixar a cidade! Você acaba de ser operada, está engessada e precisa de repouso!". Até que seria agradável poder acreditar que sua mãe preocupava-se apenas com seu estado de saúde. Mas não era verdade. Muitas e muitas vezes as coisas tinham começado de modo até razoavelmente civilizado e sempre acabavam em discussões terríveis. Se Sandra ou Maria, ou qualquer dos tios, soubessem para onde ela estava indo, com certeza arranjariam um modo de ir encontrá-la, e a loucura recomeçaria.

Para Neil, a meia hora anunciada por Thomas não foi muito mais agradável. Habitado a andar muito e a estar em constante movimento, a sala de estar de Thomas Nye começava a sufocá-lo. Tudo o irritava: a indiferença do barba-ruiva, o barulho da chuva, a presença daquela garota impertinente e mal-educada. Toda a sua vida parecia depender de forças sobre as quais não tinha o menor controle, e essa era uma das situações que mais o angustiavam, desde menino. Precisava desesperadamente daquela ilha... de solidão, de tranquilidade. Precisava demais reencontrar-se, reconciliar-se com os valores pelos quais lutara durante toda a vida.

Por fim, Thomas levantou-se e de novo saiu da sala. Quando voltou, não havia em seu rosto o menor sinal de que algo tivesse mudado, principalmente quanto ao vento e ao futuro imediato. Apesar disso, aproximou-se da mesa e reuniu todos os papéis em que estivera trabalhando. Deirdre arregalou os olhos,

quase sem respirar.

— E então? — perguntou, baixinho.

— Ao mar, pessoal... — Thomas apanhou um impermeável e colocou um boné sobre o cabelo ruivo e encaracolado.

Era tudo o que Neil e Deirdre desejavam ouvir. Em menos de um segundo, Deirdre saltitava em direção de sua capa de chuva, e Neil corria para a porta, vestindo o casaco de capuz.

Capítulo 2

O vento, na verdade, parecia ter melhorado, mas a chuva continuava a cair. Quando Deirdre chegou ao carro, estava novamente encharcada. Apanhar a mochila e carregá-la até a caminhonete que Thomas estacionara junto à porta da casa não foi tão difícil quanto ela imaginara, principalmente depois que Thomas resolveu ajudá-la, carregando a mala maior e as caixas de mantimento que havia comprado no caminho. Do homem alto e moreno, não via nem sinal, porque Thomas o havia mandado tirar o carro do caminho e estacioná-lo atrás da casa.

No momento de partir para o cais, porém, lá estava ele de novo, disposto a ocupar quase todo o espaço que havia na cabina da caminhonete. Deirdre já estava sentada ao lado de Thomas, no banco da frente, mas, como o porta-malas e o banco traseiro estavam cheios de bagagens e caixas de papelão, o homem a fez deslocar-se, sem a menor cerimônia, para o lado do motorista. Abancou-se junto à janela e, cuidadosamente, fechou o vidro da janela. Já bastaria o gesso para fazer da viagem até o cais um verdadeiro pesadelo para Deirdre. Mas, além do gesso, havia dois homens enormes, molhados até os ossos, os vidros fechados e o frio que a fazia bater os dentes.

Quando afinal conseguiu entrar no barco, acomodar-se sobre um banco de madeira úmida e colocar a perna engessada sobre um caixote, apenas o pensamento de que logo estaria deitada entre os cobertores da cama de Vitória conseguiu impedi-la de começar a chorar.

Thomas ligou o motor do barco e, aos poucos, a imagem de Spruce Head foi-se desfazendo na chuva como uma aquarela, cada vez mais distante. Afinal... estavam a caminho!

Deirdre deu as costas à cidade, ao cais, à sala da casa de Thomas Nye, imagens que jamais apareceriam registradas em sua memória como pitorescas, bonitas, líricas ou remotamente comparáveis a uma aquarela, e concentrou-se no mar à frente. Ali, em algum lugar, estava a ilha de Vitória, coberta de pinheiros, estradinhas abertas entre as árvores, passarinhos, flores, sol e calor. Lá na ilha, poderia movimentar-se à vontade, andar, respirar, fortalecer os músculos, curar a perna, criar novas esperanças e fazer novos planos.

Exatamente o que Neil queria, sonhava e esperava poder fazer. Estava sentado na cabina do pequeno barco pesqueiro, o mais longe possível de sua companheira de viagem¹. Fora um dia longo demais, talvez um dos mais desconfortáveis de toda a sua vida. Havia seis semanas que não tinha um minuto de tranquilidade, e quase já não lembrava o que significava dormir bem durante *r«noite inteira, sem pesadelos e sem acordar no meio da madrugada com a sensação de que a qualquer momento o telefone tocaria e alguém lhe diria que já não precisava mais de seus serviços de advogado. No barco, no meio do mar,

vendo a chuva cair e as ondas baterem no casco, era como se, de repente, a tensão começasse a diminuir e o cansaço fosse tomando conta de seu corpo. Embora a fadiga fosse em grande parte física, existia também um componente emocional. Sabia que não estava saindo em férias.

Não... a ilha de Vitória não era um lugar para onde alguém resolvesse ir sozinho, de repente, pensando em férias... Neil sabia que estava fugindo. Como já acontecera várias vezes durante as seis últimas semanas, bastou pensar nisso, bastou que lhe ocorresse a idéia de estar fugindo dos problemas sem enfrentá-los e sem tentar resolvê-los para que o estômago recomeçasse a doer.

Sem querer, bateu os olhos em Deirdre.

— Você não acha que é loucura completa meter-se em uma viagem desse jeito? — Com o queixo indicou a perna engessada metida na enorme calça de ginástica.

Deirdre não entendeu direito a pergunta. Naquele momento, ou alguns momentos antes, surgira um novo problema que talvez conseguisse complicar ainda mais a situação: estava começando a enjoar. O estômago parecia subir e descer, acompanhando o movimento do barco sobre as ondas, e tudo — barco, mar, céu e homem alto e moreno — começavam a girar à sua frente.

— Você falou comigo? — perguntou.

— Eu disse que você deve ser completamente louca para se meter em uma viagem como esta com a perna desse jeito.

— Engraçado... — Ela o encarou. — Pensei ter ouvido exatamente isso, mas não acreditei que o senhor pudesse ser tão rude. Pelo menos, não numa situação tão crítica como essa. Sua mãe não lhe ensinou boas maneiras, não lhe deu educação?

— Claro que sim, moça. Só que, como ela não está aqui comigo agora, me sinto à vontade para dizer o que bem entendo.

— Por que você não cuida de sua vida? Por que ela está ótima, maravilhosa, perfeita? Então o que é que está fazendo aqui neste fim de mundo, molhado até os ossos, metendo o nariz onde não é chamado?

— Estou aqui porque neste lugar posso fazer o que bem entendo. — Uma resposta rigorosamente sincera. — Os incomodados que se mudem... se for o caso, pulando em um pé só. Continuo a achar que você deve ser mesmo doida, além de mal vestida e malcriada.

Deirdre, se pudesse, teria dado as costas a ele, saído do barco ou saltado ao pescoço dele para esganá-lo. Porém, tudo o que conseguiu foi mover-se três centímetros para a direita e começar a conversar com Thomas, numa tentativa de ignorar a agressão daquele desconhecido.

— Você torce para os Yankees, Thomas? — perguntou.

— Só quando os Yankees vencem. — Thomas não se virou para responder.

— Mas você nasceu em Nova York, não é?

— Nasci, mas não tive muita escolha.

— Em que local?

— Em Queens.

— E sua família ainda vive lá?

— Pouca gente.

— O que é que você fazia antes de vir para cá e virar pescador de lagostas?

O homem alto e moreno rosnou:

— Por que não deixa Thomas trabalhar, que ele não está com a menor vontade de conversar?

Deirdre cruzou os braços:

— Todos os pescadores são de pouca conversa, principalmente do Maine.
— Mas Thomas é de Nova York, e lá as pessoas podem escolher com quem conversam, moça.

— Mas, afinal — Deirdre olhou para ele, com as sobrancelhas franzidas —, o que é que você está querendo? Está com dor de estômago? Está enjoado? Ou você é sempre assim, mal-humorado e introneto?

— Sou um velho lobo-do-mar. Não há coisa mais desagradável em uma viagem de barco que uma mulher querendo puxar conversa. Há quem diga, até, que mulheres no mar atraem má sorte. Os mais sábios dizem que as mulheres sempre dão azar.

— Pare de me atormentar! — Deirdre levantou-se, apoiou-se no banco e aproximou-se de Thomas. — Ainda estamos muito longe? — perguntou baixinho, para que o homem não a ouvisse.

— Estamos na metade do caminho — Thomas respondeu.

Poderia ser pior... Poderiam estar ainda em terra. De qualquer modo, tinham ainda mais de uma hora de viagem pela frente.

— O moço aí — Deirdre indicou o homem com um olhar — vai para alguma ilha próxima?

— Todas essas ilhas são próximas.

Deirdre aproximou-se ainda mais, até poder falar quase junto do ouvido de Thomas:

— Será que você poderia ir primeiro até a ilha de Vitória e me deixar? Minha perna está doendo muito e...

— É para lá mesmo que estou indo.

Deirdre respirou aliviada e sorriu em agradecimento. Voltou para o banco de madeira, apoiou novamente a perna sobre o caixote e fechou os olhos. Faltava pouco...

Neil tentou encontrar um ponto qualquer, no barco, em que pudesse fixar o olhar. "Lobo-do-mar"... Quem dera fosse verdade! Tudo o que sabia sobre mar e pescadores havia aprendido com Nancy, que "adorava velejar", e a própria Nancy lhe dissera que, para não ficar tonto ou enjoado, bastava fixar os olhos em alguma coisa que não se movesse, evidentemente dentro do barco em que estivesse.

Quanto tempo havia que Nancy lhe dissera aquilo? Muito, muito tempo... No tempo em que, além de "adorar velejar", Nancy também "adorava Neil Hersey"... Milhares de anos antes... quando ele ainda era um advogado de renome, respeitado, prestigiado, consultado por ocasião de todos os grandes negócios que se fechavam na cidade e em boa parte dos que se faziam pelo país. Mas, ao primeiro sinal de que as coisas já não eram mais tão perfeitamente divinas e maravilhosas, ao primeiro sinal de problemas, Nancy havia desaparecido sem maiores explicações. E para que precisava de explicações? O irmão de Nancy era um dos diretores da Wittnauer-Douglass... Portanto, todas as explicações tornaram-se supérfluas e desnecessárias.

Neil sabia que não existira amor entre Nancy e ele. Toda vez que a encontrava queria acabar com aquela relação; mas sempre deixava para depois. O que Nancy amava em Neil Hersey era o que ele representava: prestígio, amizades, convites para festas, para coquetéis. No momento em que tudo isso começou a desaparecer, tratou de sumir o mais silenciosamente que pôde. Feitas as contas, melhor assim... O pior que poderia acontecer-lhe seria casar-se com uma mulher como Nancy. E se tivesse feito as descobertas sobre as empresas em que seu irmão trabalhava depois de casado com ela? Aí não haveria Vitória

Lesser que pudesse oferecer alguma ilha em que pudesse esconder-se... Exatamente isso: esconder-se.

Sem querer, olhou para a garota de perna engessada, sentada no banco de madeira à sua frente. Era baixinha, mal-educada, pouco feminina... radicalmente diferente de Nancy.

— O que houve com sua perna? — perguntou, de repente, quase sem querer.

— Está falando comigo? — Deirdre levantou os olhos.

— Não estou vendo mais ninguém por aqui. Você quebrou a perna?

— Claro que quebrei, não está vendo o gesso?

— Ora... você pode ter operado a perna para corrigir um defeito ou pode ter lesado o joelho num jogo de futebol, por exemplo.

"Até que seria melhor que ter escorregado naquela maldita revista...", Deirdre pensou, respirando fundo, olhando a perna esticada sobre o caixote. Depois de algum tempo, falou:

— Levei um tombo e quebrei a perna.

— Como?

— Não interessa.

— Quando?

— Não lhe interessa.

— Deus do Céu... estou apenas tentando ser simpático! Você deve ser a pessoa mais mal-humorada que eu já vi!

Deirdre balançou a cabeça.

— Não estou com vontade de conversar. É só isso.

— Além do enjôo, claro. — Neil sorriu. — Você está verde.

— Não estou enjoada, nem estou verde — ela quase gritou. — Estou um pouco pálida, o que é perfeitamente normal para uma pessoa que passou quatro dias hospitalizada.

— Você está dizendo que acaba de sair do hospital? — Neil perguntou, sinceramente surpreso, com os olhos muito abertos.

— Saí hoje cedo do hospital.

— E mal saiu do hospital embarcou para uma ilha distante, debaixo de uma chuva desta? — Novamente o sarcasmo tomava o lugar da surpresa. Como se voltassem ao ponto de partida: "Você deve ser doida..."

— É só uma perna quebrada! Todos os meus outros ossos estão inteiros e em bom funcionamento. — Não era verdade, mas chegava bem perto do que o médico dissera. — Quanto à chuva, não é culpa minha.

— De qualquer modo, essa viagem é uma loucura... Sua mãe não fez nada para impedi-la de vir?

Deirdre não respondeu logo. Aquele intruso não tinha noção do que perguntava.

— Claro que fez. Mas eu sou maior de idade, adulta, independente e faço sempre o que resolvo fazer.

— Não acredito. Você mais parece uma garotinha mimada.

Deirdre virou o rosto para ele, séria:

— Será que eu estaria querendo demais se lhe pedisse, de novo, para parar de me atormentar? Você não me conhece, eu não o conheço, com a graça de Deus, essa viagem está acabando e jamais voltaremos a nos encontrar. Não tenho culpa de nada que possa ter acontecido em sua vida para deixá-lo tão mal-humorado. Por que você não volta lá para o seu canto, cruza os braços e continua a fazer cara feia, como no começo da viagem?

— Porque estou gostando de brigar com você.

Deirdre tentou raciocinar: sabia que estava entrando no jogo dele. Bastaria tê-lo ignorado logo de cara e teria resolvido o

problema. O homem resolveu calar-se, mas continuou olhando para ela. Deirdre sentia os olhos dele examinarem-lhe o cabelo molhado, os ombros, as costas, mas não se virou. De qualquer modo, era obrigada a reconhecer que ele tinha um certo charme... E não era como Seth, que, no mínimo, poderia ser classificado como um grande oportunista.

Seth havia chegado de mansinho, aos poucos foi ocupando os espaços da casa, do trabalho, dos amigos e, quando Maria Joyce resolveu saber quais eram suas verdadeiras intenções, fugiu como um coelho assustado. Não queria laços nem responsabilidades, nem tampouco compromissos; queria apenas atenções e cuidados, em tempo integral. Uma esposa que tivesse vida própria não lhe servia. A maior ironia de tudo aquilo, Deirdre pensou, foi que Seth jamais conseguiu perceber a verdade, jamais conseguiu entendê-la. Mas no fundo sabia que a separação tinha sido bem melhor.

Com o canto dos olhos viu o homem alto se aproximar de Thomas e lhe falar em voz baixa:

— Ainda estamos, longe?

— Falta meia hora.

— E para onde é que ela vai?

— Uma ilha perto de Martinicus.

— Há tantas ilhas por aí... — Neil examinou o horizonte, onde, aliás, ainda não se via sinal de terra. — Quem vai descer primeiro?

— Estou indo diretamente para a ilha de Vitória. — Thomas continuou a olhar para a frente.

— Se você achar melhor, pode deixar a garota antes de me levar. Ela está com aquele problema na perna e...

— Tive a impressão de que estava louco para se ver livre dela — Thomas comentou, ainda sem se virar.

— E estou. Essa garota tem a capacidade de me irritar demais. — Passou a mão pela testa, que latejava cada vez mais. — Mas a verdade é que nos últimos dias não estou agüentando a presença de ninguém. — Neil já começava a se sentir culpado por ter sido tão grosseiro, mas reconhecia que fora muito divertido discutir com alguém, falando tudo o que lhe vinha à cabeça. No entanto, comportamento intempestivo era novidade para Neil. Em geral, considerava-se um homem agradável, simpático e gentil. Baixou a cabeça, suspirou e voltou para o seu canto.

Deirdre tentava não pensar no inferno que seria descer na ilha. Para se distrair, resolveu provocar seu companheiro de viagem:

— Você está pensando em subornar Thomas para que ele o deixe antes de mim?

— Por que você está tão preocupada? — Neil riu e levantou as sobrancelhas antes de, sem a menor cerimônia, dar-lhe as costas.

— Lá está a primeira ilha! — Thomas gritou de repente, de dentro da pequena cabina.

Deirdre e Neil viraram-se para olhar na direção em que ele apontava.

— Não estou vendo nada. — Ela procurou em volta. — Só água: da chuva e do mar. Onde está a ilha?

— Você logo vai poder vê-la — Thomas respondeu.

Neil aproximou-se de Thomas, examinando o horizonte. Deirdre ajoelhou-se no banco, apoiada sobre a perna não engessada, e acompanhou a direção do

olhar dos dois. De repente, alguma coisa começou a se materializar por entre a neblina e a chuva, como se surgisse de dentro do mar. Era terra! Verde, muito verde, coberta de pinheiros altíssimos, cercada de um anel de areia branca que flutuava entre o céu e o mar. Ao final de uma trilha aberta entre os pinheiros, já se podia ver a casa, sólida, firmemente plantada sobre as rochas. Junto à praia, Deirdre viu um pequeno cais de madeira.

— Mas... é linda!

Neil, que ainda não conseguia acreditar que sua ilha pudesse ser tão bonita, seu paraíso, seu lugar de sossego, solidão e paz, riu baixinho:

— É mesmo... a ilha é linda! Concorde plenamente, até que enfim! — Deirdre riu para ele. — Já estava começando a desconfiar que você não gostasse de nada nesse mundo!

— Claro que gosto de muitas coisas. Mas, hoje, até o momento de ver essa maravilha aí na frente, não tinha tido a sorte de encontrar nada capaz de despertar minha sensibilidade.

Era grosseria demais! Deirdre virou-se para ele, indignada:

— Mas, afinal, quem é que você pensa que...

— Por favor! — Thomas os interrompeu, aproximando o barco do cais. — Vocês dois vão ter de me ajudar a descarregar porque está chovendo e ainda tenho muito mar pela frente hoje. Vamos ter de descarregar com a maior rapidez possível. Neil, você salta para o cais e prende o barco com essas cordas, uma aqui na frente... — Jogou-lhe uma das cordas. — E a outra lá atrás. Você, Deirdre, tome muito cuidado.

Deirdre concordou com um sinal de cabeça, correu o zíper do impermeável e pensou que era uma tristeza uma pessoa tão desagradável, mal-humorada, indelicada e idiota como aquele homem ter um nome tão bonito como Neil. Pelo menos, o tal de Neil concordou em ajudar... Por um momento, quando Thomas jogou-lhe a corda, Deirdre imaginou que ele fosse responder com um palavrão.

Neil vestiu o casaco, cobriu a cabeça com o capuz e saltou para o cais, pensando na ironia que significava para uma pobre mãe ter escolhido um nome tão doce e musical como Deirdre para sua filhinha e depois vê-la transformada em uma mulher tão amarga e sem modos.

— Amarre aí, Neil. — Thomas jogou-lhe a outra corda. Deirdre mordeu o lábio ao ver o que a esperava: teria de andar com cuidado para não escorregar.

— Fique aí, Deirdre — Thomas gritou de dentro do barco—. Neil, espere do outro lado. Vou tirando as caixas, passo-as para Deirdre, e ela as passa para você. Entenderam? — Sem esperar por resposta, Thomas começou a tirar as caixas, trabalhando com rapidez e precisão, enquanto falava, — Voltarei em uma semana com mais provisões. O que está aí deve dar de sobra até lá. Na caixa de ovos coloquei um envelope branco com a chave da casa dentro. Se houver algum problema, a casa tem um radiotransmissor e, ao lado do aparelho, estão as instruções necessárias para operá-lo. Estarei em casa a qualquer hora do dia ou da noite, mas, caso eu não esteja, haverá alguém para receber recados, se houver alguma emergência.

Deirdre concordou com a cabeça, mas estava ocupada demais em manter-se equilibrada enquanto passava a bagagem para Neil, e não falou nada.

Neil, a alguns metros de distância, recebeu sua maleta, que Thomas jogou por cima da cabeça de Deirdre. Colocou-a sobre a pilha de caixas de mantimentos e virou-se para desabotoar o capuz de plástico que já começava a fazê-lo suar. Tirou o capuz, passou a mão pelo cabelo e pelo pescoço e virou-se para despedir-se de Thomas... e para ter o prazer de ver a tal garota sumir na

neblina, carregada para bem longe.

O que viu foi mesmo a tal garota... mas estava parada no cais, como se fosse uma cegonha de uma perna só, apoiada em uma das muletas e sacudindo a outra, gritando desesperada:

— Thomas! Volte aqui! Você o deixou aqui... Thomas! Volte!

O barco já manobrava ao largo do cais, fez uma curva elegante e partiu, rumo ao horizonte, com um ruído cadenciado do motor. Aos poucos foi sumindo, até que fez-se silêncio na ilha.

Deirdre virou-se para Neil, e os dois entenderam tudo, exata-mente no mesmo instante em que seus olhos se encontraram:

— Não pode ser... — Ela baixou a segunda muleta e conseguiu colocá-la sob o braço. — Não é possível!

— Foi Vitória... — Neil arregalou os olhos, ainda sob o impacto do que acabava de acontecer.

Deirdre não o ouviu.

— Tudo isso! — ela continuou, falando para si. — Essa viagem, a chuva, a perna doendo... tudo isso... e agora esse homem está aí... Não! — De repente, levantou a voz e a cabeça. — Você não pode ficar aqui. Você vai ter de ir embora!

— Eu?! — Neil gritou, lívido. — Você está dizendo que eu vou ter de ir embora?! Você é mesmo maluca... Você não vai embora hoje porque não existe maneira de fazer com que Thomas volte. Mas amanhã cedo vou pegar aquele rádio e chamá-lo de volta para buscá-la, mocinha. E se não quiser que eu a deixe aqui neste cais até amanhã, tomando chuva até derreter esse seu maldito gesso, fique quietinha!

— Não preciso de ajuda para ir para casa... — Deirdre engoliu em seco. — Nem preciso que me dê licença para que eu vá para casa! — Deu-lhe as costas e começou a andar devagar pela madeira, na direção da trilha. — Thomas voltará amanhã cedo... porque eu vou chamá-lo para vir buscar você!

— Vim para essa ilha porque aqui não havia ninguém, porque estou desesperadamente necessitado de solidão e sossego... E pode acreditar: vou ficar sozinho aqui!

— Vá para o inferno! Não sei como você pode ser amigo de Vitória, mas ela é amiga de minha mãe e tenho certeza de que vai confirmar que a casa é minha até que eu melhore e... — Deirdre escorregou e quase caiu.

— A casa só vai poder ser sua caso consiga chegar até lá! — Neil riu.

Apesar de saber que ele estava muito próximo da verdade, Deirdre continuou a andar, concentrando todas as energias que lhe restavam para não escorregar e não se deixar vencer pelo desânimo.

Molhada até os ossos, com muita dor na perna, conseguiu chegar à porta da casa. Mais um metro e teria parado. Havia chegado até ali, e isso já era uma vitória, mas a idéia de ter que suportar a ironia daquele homem até a manhã seguinte quase a fazia descer de volta para o cais. De qualquer modo, se conseguisse entrar, tirar aquelas roupas molhadas, deitar-se e dormir, a noite seria rápida, o sol nasceria, a vida recomeçaria... e, afinal, estaria sozinha.

Neil chegou logo depois, os braços carregados de caixas.

— Você encontrou a chave? — Deirdre perguntou sem se virar para ele.

— Estou procurando — ele respondeu, remexendo na caixa de ovos. — Está aqui. — Abriu o envelope, retirou a chave e abriu a porta.

Deirdre, que já estava a ponto de desmaiar, deu dois passos e entrou. A casa estava mergulhada na mais completa escuridão. Tateou a parede e encontrou o interruptor, acendendo as luzes. De imediato, pôde ver um belo living com lareira

e um grande balcão de madeira, atrás do qual ficava a cozinha. Do lado direito havia um corredor estreito, e à esquerda outro, mais largo. Querendo apenas chegar ao quarto de que Vitória tanto falava, ela não pensou duas vezes e enveredou pelo corredor mais largo. Uma a uma, abriu as três portas que encontrou.

Na última, afinal, achou o que procurava, o que queria, a única coisa em que pensava desde o momento em que saíra para a viagem, naquele dia: a enorme cama com cabeceira de latão, cobertores quentes e macios, colcha de pele, travesseiros que precisavam apenas ser tirados de dentro dos protetores de pano...

Deirdre entrou e, antes de fechar a porta com uma das muletas para deixar-se cair sobre a cama, deitada de braços abertos, Neil empurrou a mala e a mochila dela para dentro do quarto. Com grande esforço sentou-se na cama e começou a se despir. Tirou as caneleiras de lã, encharcadas, a meia, o tênis, a calça do abrigo e o protetor plástico que cobria o gesso. O gesso, pelo menos, estava seco e perfeito.

Abriu a mochila para apanhar um pijama. Não o encontrou. Foi achá-lo dentro da mala. Quando acabou de meter-se dentro da calça muito larga, amarrá-la na cintura com um cinto de pano e vestir o casaco também muito largo, Neil entrou quarto, como um furacão.

Estava sem camisa, descalço, mas continuava com a calça molhada e enlameada até os joelhos.

— Acho melhor você arrumar outro lugar — disse, jogando a mala sobre a cama. — Vou ficar com esse quarto.

— Engraçado — Deirdre sorriu com ironia —, não vi a placa com o seu nome na porta.

— Esta é a única cama da casa em que conseguirei dormir. Ela é bem grande. E você há de convir que sou bem maior que você.

— Bem, quer dizer... — Deirdre deixou-se cair sentada à beira da cama.

— É exatamente isso: eu vou dormir aqui! Você vai sair!

— Mas eu cheguei primeiro. — Deirdre não conseguia acreditar que, rodeada de tanto conforto, vestida no maior, mais seco e mais confortável pijama com que poderia sonhar, um homem ousasse lhe dizer para sair dali!

— Pois vai ser também a primeira a sair. Há dois outros quartos aí ao lado que são ótimos para você.

— Então! Se são ótimos para mim, devem ser o próprio paraíso para você. Escolha um deles e...

— Eu vou dormir aqui, mocinha. — Neil deu um passo à frente, com as mãos na cintura.

Deirdre tentou ver se no dormitório tinha algo de especial que lhe houvesse escapado. O quarto era mesmo lindo. Duas das quatro paredes de vidro se abriam para o mar, numa vista que, de dia ou à noite, com sol ou com chuva, na certa seria sempre deslumbrante. Na terceira parede ficava a lareira, que bastaria acender para ter o quarto seco e aquecido. À frente da lareira, duas confortáveis poltronas estofadas convidavam, quase sugeriam, que um homem e uma mulher se sentassem para um último conhaque, nas noites de inverno, antes de irem para a cama. Qualquer mulher, mesmo ela, Deirdre Joyce, pouco afeita às bebidas fortes, e qualquer homem, menos aquele brutamontes musculoso que queria despejá-la dali!

— Mas que coincidência, não é mesmo? — Olhou para ele. — Eu também quero dormir aqui...

Neil Hersey não estava habituado a disputar camas com ninguém e jamais estivera em uma ilha deserta, dentro de um quarto de casal, discutindo com uma mulher a quem caberia, uso da cama. A resposta de Deirdre, calma, definitiva, atingiu, como um soco no estômago. Preferia vê-la esbravejando e praguejar como no barco... A garota parecia saber muito bem que queria. Mas Neil decidiu enfrentá-la. Respirou fundo argumentou:

— Veja — começou, baixando a voz —, o problema é muito simples: essa cama é a única em que eu posso dormir sem precisar encolher as pernas. Eu tenho um metro e noventa de altura, e você — examinou-a, a testa franzida —, no máximo deve ter um e sessenta. Você cabe em qualquer das outras camas, mas eu não. Entendeu?

— Claro que entendi. Tenho um metro e sessenta e três centímetros de altura, e é claro que poderia escolher outra cama. Mas meu problema não é a altura... é a largura! — Deirdre riu, vitoriosa. — Você está se esquecendo da minha perna quebrada? Dos quase dois quilos de gesso que há nela e com o quais terei de dormir nas próximas semanas? Além do fato de que há uma banheira aí dentro. — Apontou a porta ao lado da cama. — Como não posso molhar o gesso, precisarei tomar banho de banheira, e não no chuveiro, coisa que você pode fazer...

— É... um banho seria uma boa idéia. Você está imunda

— O que... o que foi que você disse?!

— Que você está imunda. — Já que o bom senso não funcionava com aquela garota, Neil imaginou que seria conveniente voltar ao nível dos golpes que haviam trocado no barco.

— Ah... eu estou imunda, não? Por que não se olha no espelho? Sua calça já está começando a cheirar mal!

— Estou pouco ligando! — Neil examinou rapidamente o jeans velho e gasto que havia vestido para viajar. — Escolhi esta ilha exatamente porque estaria sozinho, porque imaginava que pudesse fazer exatamente tudo o que quisesse por aqui! E no momento, o que mais quero é dormir nessa cama.

— Só se passar por cima do meu cadáver. — Deirdre levantou-se, apanhou as muletas e andou em direção ao banheiro.

— Com licença! Estou mesmo muito cansada.

Neil afastou-se do caminho e deixou-a passar. O tom de sua última frase o fez engolir em seco. A pobre garota devia estar exausta depois de tudo o que havia acontecido. Sozinho ali naquele quarto, Neil também percebeu o quanto ele também estava cansado, com todos os músculos doloridos, a testa latejando.

Decidiu não pensar mais: juntou as roupas que Deirdre deixara espalhadas pelo chão, meteu-as parte na mochila, parte na mala, apanhou os dois volumes e saiu do quarto. A sorte estava lançada: ou ela se conformava e ia para o outro quarto, ou a discussão continuaria.

A dor de cabeça aumentava a cada instante. Uma aspirina... Era exatamente o que queria naquele momento: aspirina, um gole de água e uma boa, longa e tranqüila noite de sono. Pela manhã bastaria ligar para Thomas e livrar-se para sempre daquela mulher indesejável. Antes da aspirina, porém, talvez fosse o caso de comer alguma coisa. De repente, deu-se conta de que estava em jejum havia mais de doze horas.

Passou pela sala, ajustou o aparelho de ar-condicionado e andou até a cozinha onde havia deixado as caixas de mantimento. Eram muitas caixas... Comida mais que suficiente para duas pessoas. O que havia sido uma simples suspeita, aos poucos, ia-se transformando em certeza... Vitória planejava tudo

aquilo. E lá estava ele, enjaulado com uma desconhecida. Lembrou-se de que a garota havia dito alguma coisa sobre Vitória ser amiga de sua mãe...

A casa estava silenciosa, e Neil observava o fogo azulado por baixo da panela em que colocara duas latas de sopa para esquentar. De repente, uma idéia lhe ocorreu. Deu meia-volta e foi para o quarto onde havia deixado a mochila e a mala de Deirdre... Estava vazio! Correu para o quarto de casal. Havia apenas uma pequena luz acesa junto à cabeceira e alguém na cama, quase invisível debaixo de uma pilha enorme de cobertores.

— Eu disse que você não ia dormir aqui! — berrou, furioso

— Eu... estou com muito frio... com sono...

— Mas levei suas coisas para o outro quarto. Você sabe que eu...

— Minha perna está doendo tanto... — Deirdre já mal conseguia falar. —

Por favor...

— Eu...

— Então você concorda em dormir no outro quarto? — perguntou.

— Não! — Neil aproximou-se da cama medindo e avaliando o fardo que teria de carregar para o outro quarto.

— Não se atreva a tocar em mim. — Deirdre arregalou os olhos. — Se você der mais um passo, vou começar a gritar!

— Pode gritar o quanto quiser que não há ninguém para ouvi-la. — Neil riu, com os olhos negros brilhando. — Você não conseguiria escapar e sabe disso, não é?

— Não dê mais nenhum passo! Faço o maior escândalo que você já viu!

Escândalo. Aquela palavra fez Neil perder parte da segurança que demonstrava. Não podia mais ouvir falar em escândalos. Seria um prato cheio para os vigaristas da Wittnauer-Douglass. Deu as costas à Deirdre e, já na cozinha, desabou sobre a primeira cadeira que encontrou. A sopa já estava fervendo, e Neil serviu-se. Cortou o pão e juntou, mais sozinho e frustrado que nunca estivera em toda a sua vida.

Quando acabou de lavar os pratos, voltou ao living e preparou um pequeno fogo de gravetos. Ao lado do sofá havia um bar abastecido com o que podia haver de melhor. Escolheu uma garrafa de um excelente uísque e apanhou um copo. No terceiro gole começou a sentir-se menos frustrado e, no quinto, a cabeça já parecia estar funcionando novamente como sempre, o que lhe permitia pensar um pouco, com calma.

Depois de duas horas, quando havia consumido a metade da garrafa, já sabia o que fazer. Levantou-se e foi até o quartinho onde estava o radiotransmissor. Leu cuidadosamente as instruções, apertou os vários botões, ligou as chaves e esperou. Um minuto, dois minutos. Desligou e repetiu toda a operação desde o começo. Inútil... Não havia ninguém em casa de Thomas Nye.

— Ora, não é o fim do mundo. — Olhou sério para os botões do rádio. Thomas ainda não havia chegado. Na certa o mau tempo o havia atrasado.

Voltou para o quarto de casal, já desabotoando o cinto.

"Eu disse que ia dormir naquela cama e é o que vou fazer", pensou, sorrindo. "Se ela quiser, que grite por socorro e que faça um escândalo..."

O colchão era perfeito, os lençóis estavam limpos e perfumados, e o melhor: tinha uma cama imensa para esticar as pernas. E tudo parecia silencioso e calmo, como em seus melhores sonhos. Continuava chovendo, e o ruído da água que escorria pelas calhas da casa e que batia contra as paredes envidraçadas só fazia aumentar a sensação de aconchego e calor.

Neil respirou fundo, fechou os olhos e, em segundos, dormia

profundamente.

Capítulo 3

Muitas horas mais tarde, Neil acordou com a sensação de que havia mais alguém em sua cama. Precisou de muitos segundos para conseguir perceber que sim, que realmente havia mais alguém com ele... E era alguém que se mexia de um lado para outro, enrolava-se nos cobertores e gemia baixinho. Seria Nancy? Não, não podia ser Nancy porque a garota jamais passava a noite em sua casa, e fazia muito tempo que não a via.

Ergueu-se sobre um dos cotovelos e precisou de alguns segundos para entender que se encontrava em uma deliciosa cama, mas que não estava em sua casa nem em seu quarto.

"Ainda estou bêbado...", concluiu filosoficamente após uma ligeira tontura. De novo acomodou-se para dormir.

Outro gemido muito fraco, outro movimento no colchão, e lá se iam os cobertores outra vez. Neil saiu da cama de olhos fechados, lutando para não despertar completamente, mas uma voz em seu subconsciente lhe dizia para tratar de arranjar algum remédio para a garota da perna quebrada que dormia em sua cama. E sabia que precisava fazer tudo sem despertar porque, caso isso acontecesse, se lembraria de problemas que lhe tirariam o sono. Andou até o banheiro, acendeu a luz e examinou o que havia no armário de remédios: óleo de bronzear, pomada contra picada de inseto, cápsulas de antiácidos e dois vidros de remédio para o fígado.

— Pelo jeito esses aqui não vão dar certo... — pensou em voz alta, recolocando os vidros nos respectivos lugares. — Ah! Aqui está: aspirinas. Abriu o vidro, tirou e engoliu um comprimido e deixou cair outro na palma da mão. Encheu de água o copo que estava junto às aspirinas.

Contornou a cama, acendeu o abajur e curvou-se para observar o que acontecia. A garota estava adormecida, mas mesmo assim, gemia baixinho cada vez que se mexia na cama. E quanto mais se mexia, mais se enrolava no lençol e nos cobertores, o que, com certeza, aumentava o desconforto que sentia.

— Deirdre... — chamou-a. — Acorde e beba isso...

Ela gemeu baixinho mas não acordou. Neil resolveu sacudi-la de leve:

— Vamos, acorde... Não consigo dormir com esses gemidos. Acorde e beba isso!

— Quem... quem é você? — Dois enormes olhos verdes emergiram por entre os cobertores. — O que é que você... Oh! Já sei... Você não cabe na cama e quer...

— Não, não, nada disso. Você está gemendo e achei que seria bom se você tomasse uma aspirina. Vamos, aqui está a água. — Apanhou o copo que deixara sobre o criado-mudo. — Não consigo dormir... Você não pára de se mexer e geme...

— Desculpe, Neil... Minha perna está doendo muito!

Ele respirou fundo. Na voz e nos olhos dela havia muita sinceridade. Examinou o volume do gesso por baixo dos cobertores.

— O médico não lhe disse para dormir com a perna um pouco levantada?

Deirdre gemeu outra vez, já quase adormecendo.

— Deirdre! Não durma, tome a aspirina!

— é... o médico disse que eu devia manter a perna levantada. Porque pode inchar e, se inchar...

—... o gesso impedirá a circulação, e sua perna pode gangrenar. — Neil levantou os olhos para o teto, começando a perder a pouca paciência que lhe restava. Deixou a aspirina sobre o criado-mudo, virou-se e saiu do quarto. Quando voltou, segundos depois, carregava duas almofadas tiradas das poltronas da sala e colocou-as sob a perna engessada.

— Mas... o que é que é isso! — Deirdre espiou para o pé da cama, com os olhos arregalados.

— Assim você pode erguer um pouco a perna, a dor vai diminuir, eu poderei dormir e você não precisará amputar a perna gangrenada. Acabo de salvar sua vida. Será que agora você me deixará dormir em paz?

— Você não vai dormir aqui, vai?

— Não. Eu já estava dormindo aqui. Pegue a aspirina.

— Detesto remédio. E não posso sentar para beber água. — Deirdre franziu as sobrancelhas ao vê-lo andar pelo quarto, de um lado para outro, na penumbra, vestido apenas com uma minúscula sunga. Pareceu-lhe mais alto, mais musculoso... e muito mais atraente do que no barco. — E, além disso, o que é que me garante que você não está querendo me envenenar? Não o conheço, não sei quem você é, o que faz...

— Acabei de tomar uma aspirina e ainda continuo vivo, sem sinais de envenenamento. — Neil outra vez respirou fundo. Uma mulher capaz de acordar no meio da noite e em menos de cinco segundos já conseguia dizer tudo aquilo merecia receber uma medalha. — Além disso, você já deve ter desconfiado que eu também sou um louco varrido, mas não a ponto de cometer um envenenamento.

— Mas não posso sentar para beber água. Minha perna está doendo muito.

— Venha. — Neil sentou-se na cama ao lado de Deirdre e ajudou-a a recostar-se. — Pronto. Agora tome a aspirina e me deixe dormir em paz.

Por um instante ficaram quase abraçados, e Deirdre sentiu o calor e a maciez dos pêlos do peito de Neil, que roçavam-lhe o pescoço. Os dois permaneceram em silêncio. Neil novamente ajudou-a a deitar-se, ajeitou os cobertores e levou o copo vazio de volta ao banheiro, pensativo.

Deirdre fechou os olhos e não se moveu, mas continuou acordada ainda por algum tempo, sentindo-se confortável de um modo como não se sentia havia muitos dias. Por fim, deixou-se levar pela sensação de bem-estar e segurança, até que adormeceu profundamente, com um sono calmo e repousante.

Quando acordou, viu que o dia continuava chuvoso, como na véspera. Deirdre deixou-se ficar na cama, sem se mover, tentando se habituar à idéia de que se encontrava na ilha de Vitória. À medida que pensava, foi se lembrando de que a solidão tão sonhada fora apenas uma grande utopia. Ao lado, havia o ruído calmo e tranquilo da respiração de alguém adormecido. Virou-se e viu o amigo de Vitória, enrolado no cobertor, dormindo profundamente. Nesse instante, despertou por completo. O problema continuava, exatamente a partir do ponto em que havia sido deixado na noite anterior.

Saíra de casa, dirigira durante horas sob uma chuva intensa e havia chegado encharcada à casa de Thomas Nye. Depois havia enfrentado a difícil viagem de barco, com o estômago embrulhado. E tudo para poder passar alguns dias sozinha, em paz, longe de qualquer problema, de qualquer obrigação e, principalmente, longe de qualquer outro ser humano. Mas não estava sozinha... Estava presa em uma ilha isolada de tudo e de todos, sem telefone, sem vizinhos,

com um homem que não conhecia e que parecia divertir-se em atormentá-la. O que poderia fazer?!

Neil, nesse momento, fazia-se a mesma pergunta, mais ou menos pelas mesmas razões. Permaneceu imóvel, com os olhos abertos, ouvindo os ruídos que Deirdre fazia ao seu lado, na cama. Um único pensamento amenizava a aguda sensação de mal-estar que a presença dela lhe causava: se Deirdre era mesmo íntima de Vitória, alguma coisa tinha de haver para justificar o fato de a amiga gostar tanto dela a ponto de emprestar-lhe a casa da ilha. Mas o que poderia haver de interessante naquela mulherzinha atormentadora?

Resolveu levantar-se. Puxou os cobertores e sentou-se na cama sem se virar para Deirdre. Ainda estava com dor de cabeça.

— Você não tem um pijama para vestir? — Uma voz meio abafada partiu do meio dos cobertores. Era ela.

Neil virou-se para trás, para olhá-la. Foi um erro. Todo o quarto começou a girar, e a cabeça a latejar,

— Estou perfeitamente bem-vestido para um homem que só queria ficar sozinho em casa, em uma ilha deserta — disse, fechando os olhos, à espera que a dor de cabeça diminuísse.

— Você não trouxe um pijama? — Deirdre respirou fundo.

— Elegante como esse seu? Não, sinto muito.

— E o que é que há de errado com o meu pijama?

— É pijama de homem. — Mal acabou de falar, lembrou-se da cena no meio da noite, quando precisou ajudá-la a se sentar para tomar a aspirina. Fora um contato muito rápido, mas havia tocado em partes de um corpo que nada parecia ter de masculino: cintura fina e braços firmes mas macios. E, ao erguê-la para fazê-la sentar, vira um quadril suave e arredondado, levemente bronzeado.

— É o meu pijama preferido porque é quente e confortável.

— Detesto dormir com roupas quentes — ele resmungou.

— Esse quarto parece uma geladeira. — Deirdre puxou o cobertor até o queixo.

— Detesto quartos aquecidos.

— Perfeito. — Deirdre suspirou. — De qualquer modo, acho que deveria me dar por satisfeita por você ter vestido pelo menos... isso aí... antes de se deitar comigo. Obrigada.

— De nada. Foi mesmo uma grande concessão porque, em geral, durmo sem roupa.

— É mesmo? — Deirdre perguntou com ironia, virando-se de lado, tentando afastar da cabeça a imagem da véspera, quando o viu na penumbra do quarto: os braços fortes, as longas pernas musculosas, o quadril estreito coberto pela pequena sunga. — Mas fique sabendo que não tenho medo de homens do seu tipo. Você não passa de um machão insignificante.

— Ah, quer dizer que não tem medo? — Neil riu baixinho. — Se não tivesse medo não estaria aí encolhida como um coelho. Do que é que você tem medo? De não ser mulher o suficiente para um homem como eu? Oh, garota... o que é que você sabe do meu tipo?!

Deirdre engoliu em seco mas resolveu continuar:

— Sou mulher o bastante para qualquer homem que me interesse. Acontece que, até hoje, nunca me interessei por um machão.

Neil passou a mão pelo cabelo, ainda sem coragem de se levantar da cama; a cabeça latejava cada vez mais.

— Já entendi. Você é do tipo... experiente. Das que sabem tudo sobre os

homens. Essas são as piores!

— Sou apenas uma mulher moderna. Uma mulher do meu tempo.

Neil praguejou e viu que seria inútil continuar com aquela discussão.

— Ótimo... — disse ele já de pé. — Agora vou tomar um banho.

— Não precisa usar esse banheiro... Você pode tomar banho em outro lugar.

Quem vai tomar banho agora sou eu. — Deirdre virou a cabeça e obrigou-se a não olhar para ele, que andava em direção ao banheiro.

— Aí é que você se engana... — Neil suspirou.

— Seria esperar demais que você agisse como um cavalheiro?

— Todas as mulheres modernas que conheço lutam por direitos iguais e acham, que já passou o tempo dos cavalheiros cheios de deveres e obrigações. — Riu. — Mas você é a primeira mulher moderna de perna quebrada que eu encontro... É possível que, em certos casos, baste um pequeno detalhe como esse para que vocês pensem diferente. Ah, as mulheres... — E sem dizer mais nada, passando a mão pelo cabelo, bateu a porta do banheiro atrás de si e trancou a porta.

Deirdre rangeu os dentes e esmurrou o travesseiro. Mas se ele pensava que bastariam meia dúzia de frases bem arranjadas para tirá-la de combate estava redondamente enganado. Afastou os cobertores, saiu da cama, apanhou as muletas e andou para a salinha do rádio. Se espantou ao ver que faltavam quinze minutos para as onze horas. Havia dormido mais de doze horas! Com muito cuidado, leu e releu as instruções de operação do rádio e, depois de ter de desligar tudo e recomendar duas vezes, afinal conseguiu fazer o aparelho funcionar. Ao segundo toque alguém atendeu, mas não era a voz de Thomas.

— Aqui é Deirdre Joyce. Preciso falar com Thomas Nye. É urgente, por favor.

— Há alguma emergência? Alguém está ferido ou doente? — perguntou a voz de um rapaz.

— Não, não há ninguém doente. Mas...

— Algum problema com sua perna ou com o Sr. Hersey?

— Não, está tudo bem. Mesmo assim... — Hersey? Então, o maldito machão chamava-se Neil Hersey. — Preciso falar com Thomas urgentemente.

— Thomas não está em casa. Mas vou dizer que você ligou, e ele a chamará quando voltar, certo?

Deirdre fechou os olhos.

— Thomas... foi pescar?

— Não. Ele foi a Augusta a negócios. Deve voltar à tardinha. Fique tranqüila. Vou dizer que você ligou.

— Está bem, obrigada. — Deirdre desligou o aparelho de rádio e suspirou.

Negócios em Augusta... Thomas Nye sabia muito bem o que fazia quando os deixou naquela ilha e desapareceu. Sabia também que alguém telefonaria no dia seguinte, e tinha ido para Augusta, a negócios... Afinal, em nenhum momento da viagem dissera qualquer coisa que pudesse comprometê-lo; havia sido sempre vago, lacônico, falando o mínimo possível para mentir o mínimo possível. Na verdade, não mentira nem uma vez; apenas dissera meias-verdades.

E se Thomas nem se desse ao trabalho de telefonar? No living ouviu passos. O Sr. Hersey já havia tomado banho... e o que estaria planejando fazer agora? Os passos mudaram de rumo, foram em direção à cozinha. Deirdre o ouviu abrir a geladeira, fechá-la, abrir a porta dos fundos, e também fechá-la. Bem, se ele se encontrava ocupado na cozinha, era a vez de ela usar o banheiro. Afinal, tomaria o longo banho com que sonhara desde a véspera.

O banho de Deirdre teria de ser espantosamente longo, mesmo que ela não tivesse pela frente todo o tempo do mundo. A tarefa de despir-se, abrir as torneiras, deixar a água esquentar e esperar a banheira encher tomou-lhe mais de quinze minutos. E só depois disso é que pôde começar a se preocupar em descobrir um modo de entrar sem molhar o gesso. Acabou conseguindo sentar-se de lado e deixou-se escorregar para dentro da água, apoiada nos dois braços, mantendo a perna engessada suspensa, apoiada na borda. Era incômodo, mas, pelo menos, tivera sucesso. No entanto, não havia a menor possibilidade de relaxar, porque corria o risco de deslizar e molhar o gesso. Depois de muito esforço, conseguiu apanhar o sabonete e começou a se lavar cuidadosa e metodicamente. Em seguida, lavou os cabelos.

Para sair do banho, Deirdre novamente teve muito trabalho. Afinal, sentou-se no bidê e examinou o gesso: perfeito, seco, duro, intacto. Pegou uma das enormes toalhas bordadas com o monograma de Vitória Lesser e enxugou-se. Levantou-se e, com dois saltos, aproximou-se da pia para se olhar no espelho: impossível continuar pensando que era a mesma pessoa que, todas as manhãs, saía de casa cheirando a alfazema e jasmim... O rosto que viu no espelho ainda guardava alguma remota semelhança com a Deirdre Joyce que ela conhecia, mas estava pálido, com olheiras, parecendo mais magro e muito cansado.

— Mas estou limpa e cheirosa... — disse baixinho, tentando sorrir para o espelho. — Vou secar o cabelo, trocar de roupa e... — Nada! Não poderia fazer nada do que havia planejado; nem ler, nem dormir, nem fazer tricô... porque teria de passar o dia inteiro discutindo com o tal de Neil Hersey! Vitória Lesser não perdia a mania de cupido!

Afastou-se do espelho, apanhou o secador e, durante um tempo que lhe pareceu metade da eternidade, ficou secando e escovando os cabelos. Por fim, sentiu-se um pouco feliz ao ver o cabelo loiro seco, limpo, solto e liso, com a franja leve cobrindo-lhe a testa.

Voltou ao bidê, sentou-se e começou a se vestir: primeiro a meia, depois a calcinha e uma calça preta de moletom. Ficou de pé e puxou as peças, uma a uma, até a cintura. A perna engessada exigiu um pouco mais de atenção porque o abrigo limpo não era tão largo quanto o primeiro. Em compensação, era novo e muito mais bonito, e o blusão verde combinava perfeitamente com a calça. Por último, calçou os tênis brancos, limpos e sequíssimos.

Voltou ao espelho: o rosto pareceu-lhe um pouco melhor, e viu que, agora, havia um brilho de vitória em seus olhos. A primeira batalha estava vencida! Continuava pálida, com um ar de menina infeliz... Aos quinze anos, odiava a idéia de parecer muito mais jovem do que realmente era. Aos vinte e nove, em uma ilha deserta, já não ligava a mínima para o fato de continuar a aparentar, no máximo, vinte e três. O importante é que havia conseguido tomar banho... e que logo estaria comendo e recomeçando a recuperar suas energias.

Deirdre secou o banheiro, pendurou as toalhas que havia usado, guardou todos os seus objetos de toalete e saiu.

Estava andando pelo corredor, quando sentiu o cheiro de bacon e ovos. Ao chegar à cozinha, encontrou duas panelas sujas na pia, cascas de ovos jogadas sobre um prato sujo na mesa sem toalha, com muitas migalhas de pão espalhadas em volta. Sentado, Neil Hersey tomava o último gole de suco de laranja, diretamente da lata.

— Espero que suas habilidades culinárias incluam lavar panelas e limpar a cozinha depois de comer — disse, séria, apoiando-se no batente da porta. — Ou está esperando que a empregada venha limpar essa... imundície?

Neil levantou a cabeça e olhou para ela, em silêncio. Um ou dois segundos depois, sacudiu a cabeça, como se acabasse de resolver um grave problema:

— Já entendi. Vitória mandou você exatamente para isso... Claro! Tinha de haver uma explicação!

— Se está pensando que eu vou entrar nessa cozinha que você acaba de desmontar, deve estar doido. Você sujou, você limpa E seja rápido porque eu também estou com fome.

— E se eu não quiser limpar?

— Vou jogar o prato, as panelas e os talheres no lixo para preparar a minha comida. Onde estão os ovos? — Deirdre sentiu-se faminta. — Não gosto de bacon porque engorda. Na sua idade deveria evitar comer tanta gordura... — Olhou as panelas na pia. — E preste atenção ao colesterol. Quantos ovos você comeu?

— Quatro. Estava com muita fome.

Deirdre sorriu, irônica:

— Também, não era para menos. Depois de beber meia garrafa de uísque ontem à noite... Você ainda não aprendeu que ninguém consegue afogar as mágoas em uísque? Será que você é alcoólatra?!

Neil esticou as pernas por baixo da mesa, fazendo a outra cadeira cair e bater com força sobre o chão de ladrilhos.

— Não bebo — disse sem se virar para ela. — Ontem foi uma noite especial. Além disso, você não tem nada a ver com o que faço ou deixo de fazer. Se quiser, posso começar a me embriagar agora mesmo. Afinal, Vitória tem um bar fantástico aqui.

"Ah...", Deirdre pensou, divertida, "ele está se sentindo culpado! Ótimo!" E lhe pareceu muito melhor ainda ver o intratável e mal-educado Sr. Neil Hersey começar a ficar vermelho.

— Sabe... — Ela sorriu. — Você me parece bem mais elegante do que ontem à noite. Se você fizesse um implante de cabelo na testa, no lugar em que está começando a rarear, e fizesse a barba, conseguiria parecer um pouco mais jovem. Talvez valesse a pena o sacrifício, para não envelhecer tão depressa. A juventude é uma dádiva preciosa, sabia?

— Não estou ficando careca. — Neil reagiu como se tivesse recebido uma descarga elétrica de mil volts. — Meu cabelo é assim desde os quinze anos. Mas talvez você prefira homens que usam peruca para disfarçar as entradas. É... há gosto para tudo neste mundo! Quanto à barba, não vou me barbear até voltar à cidade.

— Quer dizer que você insiste em se tornar um rebelde aqui nesta ilha isolada? Pelo jeito você só tem coragem de enfrentar o mundo quando está sozinho.

— Sozinho? — ele perguntou com desdém. — É... pensando bem, estou sozinho mesmo. Aliás, você está para deixar esta ilha. Pode ir arrumando as malas para ir embora. Ouviu bem?

— Ouvi, claro. — Deirdre franziu a testa. — Mas você está enganado: vou ficar quinze dias aqui. Quem pode ir arrumando as malas é você! Thomas virá buscá-lo e, até lá, faça-me o favor de ficar longe de mim, onde eu não possa vê-lo nem ouvi-lo.

Neil levantou-se da mesa, parou um instante ao lado da cadeira e começou a andar em direção à porta em que Deirdre continuava apoiada. Não piscou nem tirou os olhos do rosto dela... apenas aproximava-se, passo a passo, cada vez mais. Deirdre recusou-se a se assustar e, já que não teria como fugir, decidiu atacar novamente, para se defender:

— Antes de sair, não esqueça de limpar a cozinha — disse, sem baixar os olhos.

Neil parou a meio caminho entre a porta e a pia:

— Eu sempre limpo a cozinha quando acabo de comer — disse, com os olhos fixos no rosto dela.

— Depois, pode sair e explorar a ilha...

— Está chovendo muito.

— Então ocupe o tempo tirando suas coisas do meu quarto e instalando-se no quarto ao lado.

Neil sorriu pela primeira vez desde que Deirdre o conhecesse. Um verdadeiro sorriso, claro e amplo, que deixou à mostra duas fileiras de dentes brancos e perfeitos, iluminou-lhe o rosto muito moreno e fez brilhar seus olhos.

— Você não gostou das almofadas e da aspirina que lhe dei ontem à noite? — perguntou. — Adorei cuidar de uma pobre coitada como você... — Deu mais alguns passos em direção à porta. Mesmo descalço como estava, Neil era muito mais alto que Deirdre, e ela, sem saber o que responder, deixou a pergunta dele suspensa no ar.

Não se tratava apenas da dificuldade de agradecer pelo único gesto gentil que recebera daquele homem desde o momento em que o vira sentado na sala de Thomas Nye. Era outra coisa; algo relacionado ao fato de ele estar tão próximo. Mas também não era isso... Neil Hersey estava lhe parecendo... doce... suave... carinhoso... Seria possível?

Neil parou de repente, também surpreso. Por que sentia-se confuso de repente? Seria a proximidade? Ou... talvez fossem os olhos... Aquela garota estava olhando para ele com enormes olhos verdes, de cílios longos e escuros...

Neil respirou fundo, fez meia-volta e aproximou-se da mesa. Em silêncio, cobriu a cesta de pão e levou o prato e os talheres que usara para a pia.

— Como está sua perna? — perguntou sem se virar para Deirdre.

— Quase sem dor. — Ela baixou a cabeça e olhou o gesso.

— Não inchou?

— Por incrível que pareça, não.

Neil apenas acenou com a cabeça, começando a lavar as panelas.

Ela respirou fundo, ainda assustada com a sensação que a proximidade dele lhe causara.

— Já tentei falar com Thomas, mas ele não estava em casa. Deixei um recado — disse ela, baixinho.

— Eu sei. O rapaz que atendeu me disse que você havia telefonado.

Então ele também já tentara fazer contato pelo rádio... Bem que ela poderia ter imaginado. Deirdre encostou as muletas na parede e aproximou-se da mesa, saltando em um pé só.

— Temos de fazer alguma coisa — disse, encostando-se.

— Também acho. Tem alguma idéia?

— Você já ouviu quase todas as idéias que tenho sobre essa situação em que Vitória nos meteu. — Deirdre suspirou. — A que você ainda não ouviu são piores. A única idéia nova que tive é que podemos telefonar à nossa amiga e dizer que o plane; dela não funcionou. Pediremos a Vitória que decida qual de nós ficará aqui. Quem perder vai embora.

Neil bateu a porta da geladeira com violência.

— Ah, é uma ótima sugestão... mas se não acharmos Thomas, como é que vamos poder falar com Vitória?

— Temos de continuar tentando.

— E enquanto isso?

— Ora... — Deirdre riu. — Enquanto isso podemos matar o tempo brigando um com o outro!

Neil deixou a esponja ensaboada sobre a pia e virou-se para ela, ainda em tempo de vê-la sorrindo.

— Você gosta de brigar, não é?

— Não sabia que gostava tanto até encontrar você. — Deirdre riu outra vez.

— Mas a verdade é que descobri que gosto, e muito.

— Você é muito esquisita. — Neil colocou a panela limpa sobre o escorredor, com mais força do que seria necessário. — Muito, muito esquisita.

— Você também é. — Ela levantou o queixo em desafio.

— Será que poderia me dar uma folga? — Neil deixou o detergente pingar sobre a esponja, com a cabeça baixa, de costas para ela.

— É você que tem de me dar uma folga! Você mesmo admitiu que estava gostando de discutir comigo, de me insultar, ser desagradável, grosseiro e... E está aí há horas, lavando duas miseráveis panelas, sabendo que estou sem comer há dois dias!

— Por que não ficou em casa? — Ele virou a cabeça para trás. — Não teria problemas para tomar banho, nem para dormir, nem para comer...

— É... — Ela respirou fundo. — Seria internada em um manicômio, mas estaria limpa, penteada, perfumada, bem alimentada...

Neil virou-se para ela, muito sério. Deirdre sabia que ele estava a ponto de perguntar-lhe o significado daquelas palavras e apenas esperava que se atrevesse para poder responder que não era problema dele... Mas Neil não perguntou nada. De repente, percebeu que não tinha nada a ver com os assuntos pessoais daquela garota. Sua vida já se encontrava bastante atribulada.

Desapontada, Deirdre foi pulando até onde deixara as muletas, ajeitou-as embaixo dos braços e saiu para o living. Apesar de ser o maior aposento da casa, o local era aconchegante e acolhedor. As paredes eram revestidas de carvalho escuro, e havia enormes colunas de sustentação, também de madeira. De um lado, estava uma grande mesa de refeições com seis cadeiras, e do outro lado, em frente à lareira, um amplo sofá e várias poltronas estofadas.

— Uma casa construída com amor... — Deirdre disse baixinho, passeando os olhos pela sala — para ser vivida com amor. Longe de tudo, no meio do mar, ouvindo a chuva cair, olhando o fogo na lareira com o homem certo, no momento certo. Seria maravilhoso. Começava a entender por que Vitória falava com tanto carinho daquela casa.

— Pronto. — Neil apareceu, secando as mãos. — A cozinha é toda sua. Pensei que você estivesse morrendo de fome.

— Estou mesmo.

— Pode ir comer.

— Obrigada.

Neil afastou-se da porta, dando-lhe passagem, e Deirdre foi para a cozinha. Ao chegar lá, ouviu-o gritar: — Tem café na cafeteira. Bem forte... — Calou-se por um momento, talvez à espera de ouvi-la agradecer. Como Deirdre não respondeu, insistiu: — Alguma objeção?

— O que é que você acha? — Deirdre gritou também. — Detesto café forte! Vou fazer outro.

Logo em seguida ela resolveu não fazer outro café. Preferia preparar alimentos mais nutritivos. Abriu a geladeira e começou a apanhar o que precisava, evidentemente tendo que levar para a mesa apenas uma coisa de cada

vez. Quando acabou encostou-se à mesa e passou todas as latas, caixas e potes para o aparador, ao lado do forno, novamente um de cada vez. Uma das muletas caiu e foi preciso abaixar-se sobre a perna boa, com muito cuidado. Mal ficou em pé novamente, a muleta tornou a cair no momento em que estendeu o braço para apanhar caixa de cereais.

Para uma mulher que sempre se orgulhara de seu condicionamento físico e de ser capaz de mover-se com agilidade e graça, a vida começava a se tornar insuportável, como um pesadelo que, a cada instante, ficasse um pouco mais terrível, mais difícil, mais assustador. Deirdre resolveu deixar a muleta no chão e tentou primeiro organizar o que tinha a fazer, pulando em um só pé. Quando afinal conseguiu arrumar o que era necessário para preparar uma omelete de queijo, estava a ponto de chorar.

Neil esticou-se preguiçosamente no sofá da sala, atento a todos os sons que vinham da cozinha. "Bem que ela merece..", murmurou. "Poderia ter ficado em casa...". De repente, surpreendeu-se pensando nas palavras de Deirdre. O que ela quisera dizer com manicômio?

"E o que eu tenho a ver com a vida dela?", pensou. "Tenho os meus problemas!"

Logo ao primeiro pensamento, Neil sentiu que o mundo se fechava à sua volta, como se, em lugar de estar ali, confortavelmente deitado no sofá do living da casa de Vitória, se encontrasse em Hartford, sitiado no escritório, esperando o telefone tocar. De que havia adiantado ter viajado tanto, para um lugar isolado do mundo, se continuava angustiado, tenso e desesperado como se estivesse em casa? Fugir era apenas um modo de adiar as decisões que precisava tomar... Precisava pensar, analisar toda a sua vida profissional, sua carreira, os planos que havia feito, o que conseguira realizar, o que estava perdendo... E principalmente o que ainda teria que perder antes de poder recomeçar tudo praticamente do zero. "Não" Neil saltou do sofá. Ainda não tinha condições de pensar objetivamente. Da cozinha, veio o ruído estridente de vidro se quebrando.

Neil correu para lá.

Deirdre segurava-se na pia com uma mão e, com a outra, cobria o rosto. O chão era um mar de suco de laranja e cacos de vidro.

— O que é que você fez?! — gritou da porta, — Será que não consegue nem fazer um suco de laranja?

Deirdre levantou a cabeça, com os olhos cheios de lágrimas, mas sem se dar por vencida.

— Ainda não consegui — disse ela, os olhos fuzilando. — Mas vou preparar uma boa refeição para mim nem que precise ficar nessa maldita cozinha até amanhã de manhã! Suma da minha frente!

— Vou limpar essa sujeira. — Neil aproximou-se da pia para apanhar um pano, mas encontrou o braço dela barrando-lhe a passagem.

— Eu vou limpar tudo!

Deirdre virou-se, apanhou um pano, abaixou-se novamente sobre a perna boa e, um a um, começou a apanhar os cacos de vidro.

Neil parou, olhando com atenção cada um dos movimentos dela. Era preciso coragem, caráter e muita força de vontade para fazer o que aquela garota estava fazendo. Qualquer outra mulher... Nancy, por exemplo, já estaria sentada no quarto, chorando e maldizendo a má sorte, enquanto mandava alguém, qualquer pessoa, talvez ele próprio, para a cozinha... Mas a situação de Deirdre era muito perigosa. Se escorregasse acabaria caindo sobre os cacos de vidro e poderia cortar-se.

Neil apanhou algumas toalhas de papel, um saco de lixo e curvou-se para ajudá-la.

— Você já ouviu dizer que não adianta chorar sobre o leite derramado? — Sorriu, com ternura. — Também vale para suco de laranja.

— Não estou chorando. — Deirdre virou o rosto, continuou apanhando os cacos de vidro e depois levantou-se, usando apenas a perna boa. Sentiu a musculatura retesar-se e suspirou, lembrando de como aquele movimento lhe parecia fácil e simples apenas uma ou duas semanas antes. — Pode deixar que eu acabo de limpar.

— Não estou pensando em você. — Neil continuou ajoelhado, apanhando os cacos de vidro e jogando-os no saco de lixo. — Estou pensando em evitar que você me dê ainda mais trabalho se cair aí e se cortar.

— Você não tem obrigação alguma de tomar conta de mim.

No fogão, a omelete começava a cheirar a queimado. Deirdre rapidamente desligou o fogo e virou a omelete.

— Está seca e torrada. — Gemeu. — Droga... droga!

Neil jogou o saco de lixo sobre a pia e apanhou outras toalhas de papel:

— Não adianta reclamar... e controle sua língua. — Ele se abaixou e continuou em sua tarefa.

Deirdre virou-se para Neil como se fosse saltar sobre seu pescoço.

— Digo o que quiser dizer! Quando e quanto quiser! Você está aí porque quer... Suma da minha frente! Desapareça!

— Meu Deus... Você está muito zangada... — Balançou a cabeça, sem olhar para ela. — Estou só tentando ajudar.

— Você está é fazendo com que eu me sinta completamente inútil... Droga! — Em seguida, pronunciou vários palavrões. — A única coisa que aconteceu é que quebrei uma perna, estou temporariamente imobilizada... e só!

— Não gosto de seu linguajar.

— Você não tem nada a ver com a minha vida! Já disse isso. — Deirdre gritou. — Minha mãe, meu pai, minha irmã, meus dois tios... todos eles passaram a vida inteira tentando me controlar, e você não vai tomar o lugar deles. Vou passar duas semanas dizendo palavrões. E se você não está gostando, vá até aquela salinha, chame Thomas Nye e diga a ele para vir buscá-lo porque você está chocado com a minha linguagem!

Neil continuou abaixado, limpando o chão. Quando acabou de varrer os últimos cacos, apanhou um rodo e um pano e, como se estivesse executando uma tarefa que conhecia bem, limpou com capricho os restos de suco. Depois, sempre sem falar, abriu outra caixa de suco, colocou o conteúdo em um copo limpo, tirou do forno o pão que também já ia começar a queimar e arrumou a toalha na mesa.

— Você vai comer a omelete? — perguntou, rindo. Deirdre fez que sim com a cabeça, sentou-se em frente ao prato, no qual Neil já colocara a omelete, e fechou os olhos. Depois de alguns segundos, apanhou uma das fatias de pão, passou manteiga e começou a comer.

Neil agora estava encostado na parede, com os braços cruzados e as longas pernas esticadas à frente, observando em silêncio.

— Você vive com sua família? — perguntou de repente.

Deirdre precisou acabar de mastigar o pão e engolir antes de poder responder:

— Claro que não.

— Mas vive próxima a eles...

— Errado. Vivo o mais longe que posso. Mas se desse para escolher já teria mudado para o Alasca.

— Eles devem ser terríveis...

— Um só já seria terrível. — Deirdre mastigou e engoliu o que estava comendo. — Mas não quatro! — Sentiu na garganta doer. Só lhe faltava um resfriado... ou uma grande infecção de garganta. — Por que é que você está se fazendo de gentil e bem-educado? — Virou o rosto para ele.

— Talvez, no fundo, eu não passe mesmo de um sujeito gentil e bem-educado. — Neil sorriu com o canto dos lábios.

— No fundo, você deve ser ainda pior que na superfície. — Deirdre comentou com ironia.

— É... provavelmente você está certa — ele disse, volta; do para o living.

Neil sentou-se em uma das poltronas em frente à lareira apagada, ouvindo os ruídos na cozinha. Deirdre lavava as louças. Quem seria aquela mulher? Que idade teria? O que faz para ganhar a vida? E se, como ele, estivesse em crise, absolutamente perdida na vida que tinha montado e construído passo a passo, lentamente, com sacrifício? Podia julgar por si mesmo que nunca havia sido indelicado com quem quer que fosse, jamais havia sido um homem amargo, mal-educado, mal-humorado, grosseiro. Jamais havia gritado com uma mulher... Preocupou-se com as atitudes que vinha tendo desde o momento em que chegara à casa de Thomas Nye. Tudo lhe parecia muito estranho, chegava mesmo a se desconhecer.

Deirdre acabou de lavar e arrumar a cozinha e agora sentia-se um pouco melhor.

Quando chegou à porta do living, viu Neil sentado na poltrona, mergulhado em pensamentos, com a testa franzida, de longe, parecia ainda mais moreno. Não é que não gostasse dele. Talvez em outras circunstâncias fosse interessante tentar descobrir quem era, o que fazia, como conhecera Vitória. O problema continuava sendo o fato de não querê-lo ali na ilha.

Prendeu as muletas com firmeza e andou em direção à janela, olhou a chuva que continuava a cair e voltou para junto do sofá. Dali, podia ver o mar até o horizonte. Apesar do dia cinzento, a paisagem era muito bonita.

— Que dia... — Neil cruzou os pés sobre a mesinha de centro. — Você tem algum plano para hoje?

Deirdre respirou fundo:

— Estava pensando... talvez vá ao teatro.

— Não há mais ingressos. — Neil sorriu. — A lotação esgotou. Só se você se interessar em comprar ingresso para assistir a peça em pé. E com esse gesso acho que não vai dar...

— Tem razão...

— Mas não fique triste, moça. O espetáculo é péssimo...

— Não sei há quanto tempo não vejo uma peça de teatro que realmente me agrade... — falou baixinho.

De repente, Deirdre percebeu que o clima entre eles havia ficado bem mais tranquilo, e continuou:

— Em geral, o que faz sucesso é o que há de mais idiota e sem imaginação. Os textos são pobres, e as montagens são tão alucinadas e pirotécnicas que as pessoas acabam zonzas. Quando voltam do teatro já não lembram mais nem por que saíram de casa. Às vezes, são os atores... Vi um único ator, nos últimos meses, que me pareceu perfeito: Travolta! Ele estava perfeito, leve, bonito, forte... um excelente bailarino. Algum crítico se lembrou de incluí-lo na lista dos melhores do

ano? Não... — ela própria respondeu, como se falasse sozinha. — Nem uma linha sobre a dança de Travolta...

Neil deixou-a falar sem interromper, quase sem piscar, com o rosto deitado no braço, sobre o encosto da poltrona.

— Não conheço direito o trabalho de Travolta... — disse baixinho. — Na verdade, nunca vi nada dele...

— Você viu alguma coisa interessante ultimamente? — Deirdre virou-se de lado.

— No cinema?

— É... cinema, alguma peça de teatro...

— Não tenho tido tempo para nada. Trabalho demais.

— Eu também. Mas quando há alguma coisa que eu quero mesmo ver, dou um jeito na agenda até conseguir um tempinho livre. Você também não faz isso?

— Só quando há um grande jogo de basquete... — A mão de Neil balançava, pendurada sobre a poltrona em que estava sentado. Parecia descontraído e à vontade.

— Qual é o seu time?

— O Celtics.

— Você é de Boston? — ela perguntou antes de poder pensar se estava ou não se intrometendo onde não era chamada.

— Não. Mas estudei lá e me apaixonei pelos Celtics. Vou a Boston sempre que há um grande jogo e encontro alguém que possa comprar ingressos para mim. Mas também gosto de ler... — disse ele, olhando para o chão.

— O que é que você gosta de ler?

— Best-sellers, assuntos sobre os quais as pessoas estejam falando, biografias de políticos ou das estrelas do mundo dos negócios... — sorriu. — Kissinger, Iacocca, coisas assim.

Deirdre virou-se bem de frente para ele e cruzou os braços, com as sobancelhas franzidas.

— Aposto que você assiste às conferências de John Dean, o intelectual de Watergate!

Neil balançou a cabeça.

— Não, nunca assisti. Mas bem que seria interessante... John Dean é um personagem importante da nossa história. Por que não deveria ir?

— Porque ele é um criminoso! Esteve preso.

— Mas cumpriu sua pena, e está em dia com seus deveres para com a sociedade. — Neil olhou-a de frente, com um sorriso irônico dançando no canto dos lábios.

— Seus deveres... — Deirdre repetiu, muito séria. — o homem ficou rico andando por aí contando os crimes que cometeu! Escreve livros, faz conferências, dá aulas... Você não fica indignado ao ver que um criminoso acaba sendo muito mais famoso que os homens honrados e honestos?

Até ali a conversa havia andado solta, sem tropeços, impessoal, circunstancial, sem envolver nada de grave ou sério. De repente, o assunto em pauta era o próprio problema de sua vida. Neil engoliu em seco, mexeu-se na poltrona:

— Sim... eu fico indignado... — disse sério, com os olhos brilhantes.

— Mas ainda assim acha razoável que alguém pague ingresso para ouvir John Dean falar sobre o tempo em que era funcionário do governo, tinha poder sobre a vida de milhões de pessoas... e agia como um bandido qualquer? Quando subornava pessoas, fazia tráfico de influências...

"Sim... algum tempo atrás teria achado razoável que as pessoas pagassem para ouvir um criminoso falar sobre seus crimes. Acreditaria que tal homem estaria prestando um grande serviço à sociedade ao revelar os crimes cometidos. Ingênuo! Não passava de um homem ingênuo e simplório", Neil pensou, o rosto cada vez mais sombrio, à medida que começava a pensar em tudo o que acontecera com Wittnauer-Douglass.

— Você fala demais — disse alto, mais alto do que desejava. Deirdre assustou-se com a expressão do rosto dele e com seu tom de voz. Estava certa que aquela conversa continuaria, que teriam assunto ainda por muito tempo. Mas não esperava vê-lo reagir com tanta violência.

— O que foi que eu disse de errado? — perguntou.

— Nada... — Neil resmungou, dando-lhe as costas. — Não disse nada de importante.

— Sei... — Ela sorriu com o canto dos lábios. — Você é dos que só discute se o assunto o deixa em vantagem... Se alguém lhe diz alguma coisa que não quer ouvir, você corta a discussão... Muito interessante!

— Não estou com vontade de conversar muito. É só isso. Neil levantou-se, andou até a janela, voltou, tentou sorrir:

— Por favor... Tudo o que quero é poder sentar aqui, em silêncio, e pensar um pouco. Por favor...

— Foi você quem começou a conversar, lembra-se?

— Apenas para ser gentil. Poderia ter dado certo se na primeira oportunidade não começasse a discutir. Você vive procurando briga!

— Procurando briga, eu?! — Deirdre arregalou os olhos, sinceramente interessada em entender o que poderia ter dito ou feito de tão grave. — Estávamos discutindo um assunto interessante e importante: sobre se seria correto ou não dar apoio moral e financeiro a um criminoso conhecido. Fiz apenas uma pergunta... e você reagiu de uma maneira totalmente infantil.

— O problema é que não tenho como responder à sua pergunta, mocinha! — Neil explicou, com os olhos fuzilando e uma veia batendo forte no pescoço. — Há dúzias de perguntas às quais não tenho como responder e, quanto mais penso, mais perguntas surgem... E isso já está começando a me enlouquecer! — Olhou-a nos olhos por um instante, deu meia-volta e saiu como um furacão.

Capítulo 4

Com a fuga de Neil, o living de repente ficou silencioso, parecendo ainda maior que antes. Deirdre o ouviu mexer no rádio, tentando fazer contato com Thomas. Mentalmente pediu a Deus que ele conseguisse, tanto em nome da paz de espírito dele quanto em nome de sua própria sanidade mental. Com milhares de homens e mulheres no planeta... Suspirou, cansada e desanimada. Por que Vitória teria tido a maldita idéia de juntá-la justamente com aquele homem?! Talvez a amiga não o conhecesse direito. Mas então... Como pudera pensar em deixá-la presa em uma ilha deserta, de perna quebrada, sem telefone, sozinha com um homem que não conhecia bem?! Quanto mais pensava, mais perguntas surgiam, e menos respostas encontrava.

— De novo? — gemeu alto. — Tenho certeza de que já ouvi essa frase em algum lugar, há bem pouco tempo!

De qualquer modo, sem a presença de Neil, o living passava a lhe pertencer integralmente, incluindo poltronas e sofá. Sorrindo, Deirdre andou até o sofá, deixou as muletas de lado, deitou-se, fechou os olhos e fingiu que estava sozinha.

Tudo à sua volta parecia calmo e silencioso, apenas a chuva e o vento para embalar a aura de paz que envolvia a casa. Estava só... livre para imaginar que tinha dormido bem, que havia tomado um longo banho de água morna após uma corrida e um excelente café da manhã. O ar puro lhe fizera muito bem e, revitalizada, cheia de energia, podia dançar o quanto quisesse...

De início os devaneios deram certo. Mas logo Deirdre começou a perceber que não conseguiria esquecer a realidade. O dia havia começado de forma razoável, com o sucesso relativo, mas bastante satisfatório, do banho de banheira. O café da manhã, porém, havia sido um desastre. Bobagem insistir em acreditar que teria conseguido dormir sem as almofadas e a aspirina da noite, ou que teria conseguido comer alguma coisa sem a ajuda... dele.

Se, pelo menos, não fosse um homem tão desagradável... Era um homem atraente... é, isso tinha de reconhecer, embora preferisse continuar convencida de que não passava de um insuportável chauvinista! Forte, de ombros largos e braços musculosos... Lembrou-se, muito contra a vontade, do rápido contato que havia tido com ela quando tomara o comprimido. Era independente, sabia cozinhar, capaz de arrumar a cozinha depois de comer, havia limpado o chão, secado o suco de laranja derramado, apanhado os cacos de vidro. Fazia café... forte demais, é verdade, mas Seth, por exemplo, não sabia nem fritar um ovo. O homem tinha um bom potencial. Em outras circunstâncias, talvez...

Deirdre sentou-se no sofá, com os olhos muito abertos, decidida a parar de uma vez por todas de fantasiar sobre Neil Hersey.

Deitou-se novamente, mais calma, e acabou adormecendo. Só acordou bem mais tarde, assustada.

Havia sonhado! Um sonho maravilhoso, delicioso... Um sonho que a deixava, porém, ainda mais preocupada. Em primeiro lugar porque havia adormecido no meio do dia, depois de ter dormido muito bem durante horas. Tanto sono significava que estava muito mais fraca do que imaginava. E sentir-se fraca, desvitalizada, vulnerável, era a coisa que Deirdre Joyce, professora de dança e ginástica, mais detestava. Não bastasse isso... o sonho! Com Neil Hersey!

Mais uma vez o instinto não a enganara: o homem era um perigo! E não adiantava ficar sonhando com "como poderiam ser" as coisas, a ilha, a perna, a vida... Não havia a menor dúvida de que ele também atravessava um momento de crise, talvez das mais sérias de sua vida. Exatamente como ela. Isso talvez explicasse as intenções de Vitória ao tentar aproximá-los, mas não melhorava a situação. Ela já tinha problemas suficientes com os quais se preocupar e não precisava de alguém em situação ainda pior do que a sua. O que precisava mesmo era de uma xícara de café.

Levantou-se do sofá, apanhou as muletas e foi até a cozinha. A cafeteira estava cheia, mas o café pareceu-lhe forte demais, além de frio. Não fazia o menor sentido jogar fora tanto café e, com um suspiro de resignação, acendeu o fogo e colocou a cafeteira para esquentar.

Neil, enquanto isso, estava sentado na varanda, olhando a chuva, tentando entender o que se passava consigo próprio. Queria estar sozinho... e estava com aquela mulher. Queria sossego, e estava passando dia e noite discutindo e brigando com uma desconhecida. E para piorar a situação, nem sinal de Thomas

Nye, o que significava que a garota ainda, passaria outra noite na ilha.

Apesar de todas essas boas razões para irritá-lo, ela parecia ter o dom de não sair de sua cabeça e de aparecer sob os mais estranhos aspectos: ou era apenas uma cintura fina e delicada, ou eram braços graciosos, de músculos firmes... ou eram aqueles quadris arredondados. Na cozinha, pela manhã havia sido o cabelo loiro, muito fino e liso, que parecia muito macio. E os olhos verdes... seriam exatamente da cor do mar, se não estivesse chovendo tanto e tudo estivesse cinzento, feio e triste. Quando sorria, Deirdre Joyce era mesmo uma beleza... Pena que sorria tão pouco! E de que adiantava continuar a fantasiar sobre ela, se mais cedo ou mais tarde ele mesmo arranjará um modo de mandá-la embora da ilha?

— Com licença... — Neil ouviu uma voz próxima. Virou-se, e lá estava ela, parecendo pálida e frágil como uma menina.

— O que é que você quer agora? — perguntou com um suspiro.

— É que esquentei o café que você fez, mas não consegui tomar porque está forte demais. Pensei que, talvez... como já estava quente... você quisesse um pouco. — Em seguida estendeu-lhe uma caneca.

Neil respirou fundo. Era o primeiro gesto civilizado dela, durante mais de vinte e quatro horas... desde que a encontrara. No living a cena havia acabado mal... O que ela poderia estar querendo?

— Por quê? — perguntou desconfiado, sem aceitar a caneca.

— Por que... o quê?! — Deirdre arregalou os olhos.

— Por que você resolveu aquecer um café forte demais?

Ela levantou os olhos para o teto, contou até três.

— Já expliquei. Pensei que você gostaria de...

— Mas você me deu a entender que não parecia muito interessada nas coisas que eu pudesse estar querendo...

— Continuo exatamente assim... c-como você está dizendo — Deirdre gaguejou, quase assustada com o ar desconfiado e cheio de suspeitas com que ele a olhava. — Mas achei que seria desperdício jogar o café fora.

— Tá vendo?! — Neil falou triunfante. — Fez café novo para você e veio me oferecer o resto do velho!

— Não posso acreditar... — Deirdre balançou a cabeça. Tamanha desconfiança, justamente quando ela tentava ser um pouco mais amistosa, era demais! — De manhã, você me ofereceu esse mesmo café com um entusiasmo inacreditável. E agora me diz que é resto!

— E não é? — Neil franziu as sobrancelhas como se quisesse assustá-la. — Mas estou habituado a beber café requentado. Só que o problema não é esse. O que me preocupa é esse seu repentino interesse em parecer simpática. O que é que você está querendo?!

— Nada... — Deirdre respondeu com calma, com a voz suave e uma sombra de sorriso no rosto. — Você é muito desconfiado. Por quê? Foi uma mulher? Quem foi que lhe fez todo esse mal, a ponto de você olhar para uma caneca de café quente, numa tarde de chuva, como se fosse uma caneca de soda cáustica?

Neil olhou para o rosto dela, olhou de novo para a chuva. "Teria sido Nancy?", pensou. Sim, provavelmente. Nunca havia pensado no assunto, mas Nancy era perfeitamente capaz de lhe ter feito mal... Se, por exemplo, ele estivesse perdidamente apaixonado por ela, Nancy poderia tê-lo manipulado como se ele fosse um fantoche. Era uma dessas mulheres a quem os homens começam amando e acabam odiando e temendo...

Mas ele jamais percebera isso. Até aquela garota aparecer com a maldita

caneca de café quente. Não vira o verdadeiro caráter de Nancy... como também não vira as verdadeiras falcatuas que eram cometidas na empresa de Wittnauer-Douglass. Confiara cegamente, tanto em Nancy quanto em Wittnauer-Douglass... De um modo muito ingênuo.

— Você não tem nada a ver com a minha vida — gritou.

— Eu sei. — Deirdre baixou os olhos. — Mas fique sabendo que é muito difícil para mim carregar uma caneca de café quente assim com essas muletas. E se você quer mesmo saber, não tinha a menor intenção de ser gentil. — Levantou o rosto. — O que eu queria era saber onde você estava para ficar bem longe. Eu quero é vê-lo pelas costas, indo embora daqui para sempre! — Largou a caneca sobre uma mesinha. — O café está aí... Se quiser beber, beba, se não quiser, afogue-se na caneca! Para mim não faz a menor diferença. Deu-lhe as costas e começou a seguir para a cozinha. Apesar do esforço, sua voz soara triste e ressentida, e não zangada como pretendia.

— Espere aí!

— Para quê? Para ouvir mais grosserias? Obrigada!

— Desculpe... — Deirdre não conseguiu descobrir se ele estava mesmo pedindo desculpas ou se o que ouviu era apenas um rosnado, mas mesmo assim parou onde estava. — Você tem razão... Tenho sido um pouco maltratado pela sorte. — Neil sorriu. — Você não tem culpa de nada, mas acabou virando um ótimo bode expiatório. Desculpe.

Deirdre olhou para ele, curiosa. E agora? O que ele inventaria para castigá-la por ter tido razão?

— Você tem sido insuportável — disse, séria.

— Você também. — Neil levantou os olhos para ela. — Se você não discutisse tanto, eu não me irritaria tanto e não seria tão insuportável. Estamos empatados, certo?

— Estou cheia de problemas, minha vida está em pedaços e estou sem paciência para ser muito gentil com gente que nem conheço. — Deirdre não baixou os olhos, e Neil levantou-se da cadeira em que estava e deu um passo em direção a ela.

— Eu também estou cheio de problemas, minha vida também está em pedaços e aproveitei sua presença na ilha para descarregar uma parte do meu mau humor, tensão, preocupação, cansaço... Talvez não seja muito justo, mas tem sido divertido.

— Verdade? — Sorrindo, Deirdre levantou uma sobrancelha.

— A impressão que tenho é que venho agindo como se eu já não fosse o homem que sempre fui... — Neil a olhou nos olhos, sério. — Você ainda não me conhece. Acreditaria se eu lhe dissesse que sou um homem educado, civilizado, racional, ponderado? Que jamais discuti com alguém por causa de coisas tão insignificantes como...

— ... camas grandes, cafés fortes etc, etc? — Deirdre arregalou os olhos, interessadíssima no rumo que a conversa tomava.

— Essas coisas não são insignificantes — Neil respondeu, rápido. — São coisas importantíssimas, das quais dependem o meu conforto, meu bem-estar, talvez até minha saúde.

— Não se preocupe. — Deirdre balançou a cabeça como se entendesse e concordasse com tudo o que ele dizia. — No instante em que você voltar à sua casa, vai poder fazer tudo exatamente como...

— É você quem vai embora! — Neil a interrompeu, elevando a voz para falar com a mesma certeza e segurança com que ela falava, mas, de repente,

calou-se e suspirou. — O único problema é que Thomas ainda não voltou de Augusta, o que significa que teremos de passar mais uma noite discutindo sobre os mesmos assuntos.

— Thomas está em casa, mas não quer falar conosco.

— Você também pensou nisso?

— E isso significa que estamos presos aqui nesta ilha — Deirdre também suspirou e olhou em volta. — Que pena... Veja, a casa é linda, a ilha é linda, temos centenas de livros para ler, um maravilhoso equipamento de som, pilhas de discos, videocassete, televisão...

— A imagem da televisão é terrível. Já experimentei — Neil interrompeu.

— Não faz diferença porque eu odeio televisão. Mas...

— Como odeia teatro, cinema... — Neil começou a contar nos dedos.

— Não disse que odeio cinema. — Deirdre respirou fundo. — Disse apenas que há muito tempo não vejo um bom filme nem uma boa peça de teatro. O mesmo vale também para a televisão. Tá certo, tá certo... — ela o interrompeu com um gesto, antes mesmo que Neil dissesse o que ameaçou dizer. — Já sei que eu disse que odeio televisão, mas foi um lapso. — Sorriu. — Não tenho nada contra o veículo em si. O que quero dizer é que odeio novelas, filmes de violência, comédias de costumes e shows de variedades. Entendeu?

— Assim não dá... — Neil deixou cair os braços ao longo do corpo, desanimado, derrotado. Apanhou a caneca de café que já não fumegava tanto quanto no momento em que Deirdre a colocara sobre a mesa, foi até uma das poltronas do living e sentou-se. Ela o seguiu. — Mas como não tenho escolha, vou deixar que você continue a falar. Vamos, vá falando...

Deirdre se deteve em observá-lo esticar as pernas sobre uma mesinha à frente e admirou aqueles ombros largos, modelados pela camiseta. Quanto tempo havia que não se aproximava de um homem tão atraente? Sentiu uma onda de calor aquecer-lhe o corpo. Sentou-se em uma outra poltrona em frente a Neil.

— O que é que eu estava dizendo? — perguntou, sem olhar para ele, acomodando as muletas ao lado da poltrona.

— Você ia começar um discurso sobre a programação dos canais de televisão.

— Ah, sim... — Ela sorriu. — Ia dizer que detesto minisséries.

— Por quê?

— Porque são mil vezes piores que os livros nos quais se inspiram.

— Nem sempre. — Neil bebeu um longo gole do café frio e sem gosto.

— Não? Elas são sempre muito mais longas que o necessário. Pegue um capítulo qualquer; os primeiros cinco minutos são gastos para contar tudo o que já contaram nos capítulos anteriores. Depois, um pouquinho de ação e uma enxurrada de comerciais. Quando recomeça você nem lembra mais o que estava assistindo. Acho que eles pensam que os telespectadores são uns imbecis. — À medida que ia falando, Deirdre começou a se divertir com a expressão do rosto de Neil, que parecia ir afundando na poltrona, cada vez mais desalentado. — Mas o pior de tudo são as notícias... — Suspirou.

— O que é que você tem contra as notícias? — Neil deu um salto na poltrona. — Eu gosto muito de..

— Eu também... quando são notícias novas e importantes. Mas eles têm vinte ou trinta minutos para ficar no ar, e não é sempre que acontecem guerras e revoluções suficientes para encher todo o tempo. Então começam a inventar coisas... Às vezes, por exemplo, quero saber como estará o tempo na manhã seguinte. O que acontece? Eles mostram um monte de gráficos, mapas

meteorológicos, sinais de satélite e outros mil detalhes... Normalmente desligo a televisão sem saber se vai chover ou não.

— E quanto à imprensa escrita? — Neil franziu as sobrancelhas, à espera de mais meia hora de críticas e reclamações. — O que é que você acha? Você lê jornais?

— Adoro ler jornal! — Deirdre riu.

— Qual?

— O Times.

— Você vive em Nova York? — Imaginou que ela, então, conhecesse Vitória apenas de vista. Neil a olhou no rosto, interessado.

— Não. Vivo em Providence.

— Ah, sim... uma pequena e próspera metrópole.

— O que é que você tem contra Providence?

— Eu?! Nada...

Deirdre viu os olhos dele brilharem e preparou-se para outra batalha.

— Você não conhece Providence, nem Rhode Island... .

— Claro que conheço Providence! Tive de visitar um cliente lá, em pleno verão. Como em Providence só existem arranha-céus, precisei me hospedar em um deles, no décimo sétimo andar. — Neil sorriu com desdém. — Quando fui almoçar com meu cliente em um restaurante, o maitre mais parecia um robô funcionando em baixa rotação. A comida era terrível, e, quando saímos, alguém havia esvaziado os pneus do meu carro, arranhando a porta e jogado uma pedra no vidro de trás. Tive de pagar o conserto antes de viajar, e ainda por cima meu cliente me pediu seis meses de prazo para poder pagar o que me devia.

— Que tipo de cliente? O que é que você faz? — Deirdre arregalou os olhos, interessada.

— Sou advogado.

— Advogado! — ela quase gritou, espantada. — Mas então está explicado! Você acha razoável que criminosos condenados cobrem ingresso dos idiotas que desejem ouvi-los falar de seus crimes... porque, assim, os criminosos poderão ficar logo milionários e pagar seus honorários!

— Não sou advogado criminalista. — Neil franziu a testa, e a ruga entre as sobrancelhas acentuou-se. — Trabalho como assessor jurídico de grandes empresas.

— Pior ainda! Odeio grandes empresas! — A brincadeira havia acabado. Deirdre respirou fundo, fechou os olhos e encostou a cabeça na poltrona. Oh!, Deus... como odiava grandes empresas!

— Você odeia muitas coisas, moça...

Ela abriu os olhos e o viu, muito sério, como se estivesse à espera de alguma coisa, provavelmente de alguma pista sobre quem era ela, o que fazia e por que sempre estava prestes a se defender do mundo:

— Não... — ela respondeu baixinho. — Estou só exorcizando algumas das bruxas que me perseguem. E acho que exagerarei um pouco.

Neil não disse nada e, como Deirdre, mergulhou em seus próprios pensamentos durante alguns segundos. De repente, mais calmo, perguntou:

— O que é que você faz?

— Tento conviver com as bruxas.

— Não! — Ele sorriu, sem ironia nem sarcasmo, mas triste e ainda pensativo. — Estou perguntando se você trabalha. Todas as mulheres modernas que conheço trabalham para viver.

— Você quer recomeçar a brigar comigo? — Deirdre gemeu, olhando o gesso

da perna.

— Não... não quero. Mas me diga: o que faz para viver? — Sorriu, divertido, com o olhar furioso que ela lhe lançara. Achava melhor vê-la furiosa, brigando, em vez de vê-la deprimida e pensativa.

Deirdre apanhou as muletas e preparou-se para se levantar. "Isso ele não vai ficar sabendo", pensou. "Se disser a esse machão petulante que sou professora de dança, ele será capaz de ter um ataque de riso, uma síncope."

— Não é da sua conta — rugiu.

— Ora... mas eu já disse que sou advogado. — Neil ri.

— E eu lhe disse que moro em Providence; empatamos. — Deixou novamente as muletas no lugar em que estavam.

— Mas estou curioso para saber como é que você vive! Como é o seu trabalho?

— Já disse que não é da sua conta.

— Garanto que você nem trabalha... — Neil provocou. — Talvez seja uma herdeira rica e entediada que passa as tardes andando pela cidade comprando vestidos sexy e elegantes para vir para cá. Você disse que sua mãe é amiga de Vitória... Talvez seja filha de uma viúva milionária...

— Pense o que quiser.

— Aposto que veio para cá porque queria ir jogar em Monte Carlo mas seu pai cortou-lhe a mesada. Aí ficou furiosa, ligou para Vitória, contou-lhe alguma mentira e pediu-lhe a casa emprestada.

— Você disse... "mesada"? — Deirdre pegou as muletas, levantou-se e deu uma risada. — Mas será que ainda existem pais que dão mesadas para filhas de vinte e nove anos?!

Neil abriu a boca mas não emitiu som algum. A risada de Deirdre continuou ecoando pela casa inteira, clara, límpida, divertida.

— Você está mentindo. — Neil afinal recuperou a fala. — Você não pode ter mais que vinte e três ou vinte e quatro anos.

— Quer ver meus documentos? — Deirdre voltou-se para ele, ainda rindo.

— Bem... — Neil coçou o queixo, concentrado em encontrar outra tática de abordagem. — Se tem mesmo vinte e nove anos, já poderia ter se casado pelo menos uma vez. Talvez você viva com o dinheiro de algum infeliz, um pobre cidadão que trabalha dia e noite para pagar a pensão que você exigiu para divorciar-se dele. Vocês brigaram, ele a espancou porque você o fez perder a paciência... e você quebrou a perna! Está nessa ilha porque seu ex-marido contratou dois pistoleiros para pegá-la viva ou morta. Acertei?

— Não.

— Mas existe algum marido? Ex-marido, talvez?

Deirdre olhou para Neil como se acabasse de vê-lo descer de uma nave espacial.

— Mas... você pensa que Vitória nos prenderia nessa ilha, isolados do resto do mundo, se um de nós dois fosse casado?

Ponto para ela! Neil conhecia Vitória, e ela estava absolutamente certa.

— Você vive com alguém? — Bastou o olhar de Deirdre para que ele entendesse que não; ela também vivia sozinha. Mesmo assim, justificou-se, como se estivesse pensando em voz alta. — Certo, já sei que não vive, mas Vitória seria bem capaz de mandá-la para cá para afastá-la de algum homem que ela achasse que não servia para você. — Pensou um momento e levantou os olhos. — É isso! Você vivia com alguém, mas ele a trocou pela secretária, e você pediu a casa para ficar sozinha, longe do mundo... e curtir uma dor-de-cotovelo.

— Tudo errado. — Seth havia desaparecido de sua vida há muito tempo e não deixara nenhuma dor para curtir.

Ela o deixou sozinho e foi para a cozinha. "Preciso tomar uma xícara de café! Essa conversa está parecendo aqueles programas de televisão, com perguntas e respostas. É horrível, deprimente..." Deirdre balançou a cabeça, encostada à pia, ligando a cafeteira elétrica para requeentar o café.

Quando se virou, viu Neil quase ao seu lado, observando cada um de seus gestos.

Neil olhava para Deirdre, pensando no que aquelas mãos suaves, de dedos finos e delicados, com movimentos harmoniosos e elegantes seriam capazes de fazer para ganhar a vida.

Deirdre parou com a colher suspensa no ar e olhou para ele. Estava percebendo que jamais se interessara tanto por um homem. O cabelo dele era liso e, com certeza, muito macio; a testa era ampla, o nariz clássico e as sobrancelhas escuras. A barba que ele já não fazia havia quase dois dias, sombreava-lhe o rosto..

— Sabe, Neil... — disse de repente, dando-lhe as costas — gostaria que soubesse que... sou uma pessoa habituada a viver sozinha. Sabe... preciso de espaço para me movimentar e não gosto de saber que há sempre alguém por perto. Fico nervosa.

— Oh, claro, claro... — Ele pareceu assustado, como se mal tivesse ouvido o que ela acabara de dizer. Deu dois passos para trás. — Acho que vou sair e andar um pouco.

Deirdre esperou que ele se afastasse e voltou a se concentrar no café. Andar um pouco... na chuva! Até quando continuaria a chover? Tudo o que ela queria era poder sair um pouco, explorar a ilha, mexer-se, mesmo que seus movimentos precisassem se limitar a andar até a praia, sentar-se em uma pedra, tomar sol e pensar na vida.

Deirdre percebeu que só o fato de pensar em movimentar-se e relaxar já a deixava menos tensa. Apesar da chuva, da perna quebrada e da tortura de ter de discutir com aquele homem dia e noite, sentia-se bem melhor que em Providence. Claro que por lá tudo devia estar como havia deixado; talvez as coisas até estivessem um pouco mais complicadas com as empresas e...

Resolveu parar de pensar exatamente nesse ponto, porque era aí que começavam as principais dificuldades. Além disso, tinha de começar a pensar em seu futuro profissional. Mas para isso ainda precisava de mais tempo e de muito mais café.

Deirdre apanhou a xícara de café, deixou uma das muletas encostada à pia e descobriu que já estava conseguindo se apoiar um pouco melhor na perna machucada, o que lhe dava muitas outras possibilidades de movimento. Assim, a tarefa de levar uma xícara de café até o living passava a ser muito mais simples; evidentemente, tinha de ir devagar.

Sentou-se no sofá, ajeitou as almofadas nas costas e tomou alguns goles de café. Na mochila, estavam os livros que havia levado, lãs e agulhas de tricô, o toca-fitas e várias gravações, escolhidas meio ao acaso na pressa de sair de casa. Mas nada daquelas coisas pareceu-lhe atraente. Enquanto aquele homem estivesse por ali, a ilha de Vitória não seria aquela com que tanto sonhara.

Pensando com mais realismo, duvidou que Neil fosse embora. Só se Vitória lhe pedisse, mas a amiga nunca cometeria tal indelicadeza.

Vitória articulava tudo direitinho, não esquecendo de nenhum detalhe: sabia, por exemplo, que estava lidando com duas pessoas teimosas e habitadas

a lutar pelo que queriam. Sabia também, que, na ilha, sem Thomas Nye, estavam absolutamente isolados do mundo, e Thomas era esperto o bastante para identificar alguma emergência real que justificasse sua ida imediata até lá... Não havendo emergências, ele se manteria longe do rádio para que ninguém pudesse sair da ilha.

Deirdre constatou que Vitória armara muito bem o combate de Deirdre Joyce versus Neil Hersey.

— Droga! — Ela levantou-se do sofá e foi até a cozinha, onde deixara a outra muleta. Com as duas firmemente plantadas sob os braços, andou até a varanda. Por onde andaria ele? Não estava na varanda, nem na cozinha, nem no living... Só podia estar no quarto; no seu quarto, ocupando a cama de casal inteira.

Deirdre parou em frente à porta aberta e ficou olhando para ele. Estava dormindo, deitado de costas, com uma das pernas dobrada, o braço aberto sobre o outro travesseiro, o cabelo caído na testa. Sem entender o que estava fazendo nem por que o fazia, entrou e parou ao lado da cama. Ficou vendo-o dormir, ouvindo a respiração tranqüila, olhando seus lábios entreabertos. De repente Neil mexeu-se na cama, abriu e fechou a mão sobre o travesseiro.

Ele era humano. Enquanto discutiam e brigavam, Deirdre sabia que havia conseguido esquecer desse e de muitos outros detalhes. Mas ao vê-lo adormecido, grande, forte, bonito, mas indefeso como um menino, tornava-se impossível não ver que ali estava apenas um homem cansado. Um homem cansado de corpo e alma.

O que teria ele deixado para trás? Se era amigo de Vitória a ponto de ela ter lhe emprestado a casa do Maine de que tanto se orgulhava, com certeza se tratava de uma boa pessoa. O que poderia ter acontecido com ele?

Percebeu que não sabia quase nada sobre ele. Desde o momento em que haviam se encontrado na casa de Thomas, ele lhe parecera um problema a mais que o destino colocava em seu caminho para tornar-lhe a vida mais difícil. Descobria agora que, enquanto discutia com ele, conseguia esquecer a perna engessada, as aulas de dança, os exercícios, os problemas das empresas, de Sandra, de sua mãe, de tudo. E não havia nada no mundo que pudesse ser melhor do que esquecer todos esses problemas. Via que fora ótimo tê-lo ao seu lado, mesmo que houvesse funcionado como um bode expiatório para descarregar as tristezas e as frustrações.

"Neil não é tão mau quanto quer parecer..." Deirdre sorriu, lembrando-se da necessidade que ele tinha de assustá-la. Às vezes até parecia bondoso e gentil, e era quase possível gostar dele. Outras vezes, a atraía de maneira irresistível: uma sensação forte, vital, que a assustava mais a cada minuto que passava... mas que começava a lhe parecer cada vez mais excitante.

Acabou dando-lhe as costas e saindo do quarto tão silenciosamente como entrara. Não havia a menor necessidade de complicar ainda mais a vida dos dois infelizes habitantes daquela casa maravilhosa... Se Neil acordasse e a visse ali, Deirdre não imaginava o que poderia acontecer. Começava a desconfiar que, caso as coisas continuassem a evoluir do modo como estavam evoluindo, cedo ou tarde haveria uma verdadeira, real e terrível emergência para Thomas Nye resolver. Bateu os olhos no rádio-transmissor. Aproximou-se, leu as instruções de novo, examinou o microfone, mas virou-se e continuou andando até o living. Voltou ao sofá, ajeitou duas almofadas por baixo da perna engessada, duas outras por baixo da cabeça, recostou-se, espreguiçou-se e fechou os olhos.

"Um dia de preguiça...", pensou. "Chuva nas vidraças, silêncio,

tranquilidade..."

Se estava cansada, exausta, fraca e sem energia, o melhor que tinha a fazer era deixar-se levar pelo que o corpo lhe pedia: cama, calor, repouso. Logo, quando já estivesse mais forte, quando já estivesse podendo comer melhor, movimentar-se melhor, então estaria chegando a hora de pensar de verdade no que fazer da própria vida. Mais tarde, quando parasse de chover e o sol voltasse a brilhar sobre a ilha de Vitória. Por hora, tinha mesmo de esquecer-se de tudo, dormir, comer e não pensar... se possível, nem mesmo no homem moreno, alto, sexy e briguento que dormia o sono dos justos no quarto.

Ela também parecia dormir o sono dos justos quando Neil aproximou-se e parou de repente junto à entrada do living, ainda meio tonto de sono. Não gostava de dormir fora do horário normal, mas também não estava habituado a passar um dia inteiro sem ter o que fazer. Nem os discos, nem os filmes de videocassete que encontrara na estante de Vitória pareciam tê-lo entusiasmado muito. Como continuava a chover, não lhe restara alternativa além de voltar ao quarto e dormir. Entre as muitas coisas de que precisava para se recompor incluíam-se muitas e muitas horas de sono. Não que, dormindo, conseguisse afastar todos os problemas da cabeça, mas, pelo menos, conseguia adiá-los. E enquanto estava acordado, havia sempre a presença daquela garota para distraí-lo.

Deirdre. Neil aproximou-se do sofá e ficou a observá-la, a cabeça meio de lado, pensativo. Vinte e nove anos. Lembrou-se de quando tinha a mesma idade: estava formado havia quatro anos, trabalhava como advogado em um grande escritório em Hartford, e mal conseguia ganhar o suficiente para pagar as contas da lavanderia. O trabalho era exaustivo e desinteressante. Tolhido pela rígida hierarquia do escritório, sendo o advogado mais jovem dos vários que trabalhavam na mesma banca, cabia-lhe o serviço quase que de office-boy de luxo e passava tardes inteiras metido no foro, tentando localizar processos que mais ninguém havia conseguido localizar. Aos trinta anos decidiu que era hora de começar a andar com as próprias pernas e abriu seu próprio escritório de advocacia. O trabalho tornara-se bem mais exaustivo, mas bem mais interessante, e logo pôde deixar de se preocupar com dinheiro.

Quase dez anos... E, naquele instante, já chegando aos quarenta, era como se não tivesse conseguido andar nem meio metro adiante do ponto em que estava quando tinha trinta. Havia algumas diferenças, mas não lhe serviam de grande consolo: o que havia conseguido desde aquela época foi deixar de ser ingênuo. Podia ver com clareza, agora, cada uma das ocasiões em que as falcatruas de Wittnauer-Douglass passaram bem por baixo de seu nariz... e ele não percebera. Podia definir com a maior segurança várias atitudes que jamais voltaria a tomar como assessor jurídico de qualquer empresa... mas não tinha a menor idéia sobre o quê, objetivamente, poderia fazer de seu futuro profissional.

Se Deirdre parecia tão desiludida e sem esperanças aos vinte e nove anos... o que aconteceria com ela quando chegasse aos quarenta? Teria algum plano para o futuro? O que esperava da vida? Se é que esperava alguma coisa... Afinal, quem era aquela mulher?!

Deitada de lado, com o cabelo loiro espalhado sobre a almofada de veludo, parecia a imagem da inocência... Parecia doce, suave e sexy, muito sexy.

Neil não conseguia entender como uma mulher tão sexy enquanto dormia podia se tornar tão irritante quando acordada. Não usava nenhuma maquiagem. O cabelo era bem tratado, mas não dava sinais de ter recebido nenhum cuidado extra nos últimos tempos. E nada nela sugeria o mais remoto

traço de sofisticação. Agora parecia um pouco mais bem-vestida do que quando chegara à casa de Thomas, mas, ainda assim, não havia coisa alguma naquela roupa que indicasse sofisticação...

Neil balançou a cabeça e se afastou em direção ao rádio. Aproximou-se do aparelho e sentou-se como se soubesse exatamente o que tinha a fazer. Talvez soubesse realmente... mas não moveu um dedo.

— De que adianta continuar insistindo? — perguntou baixinho. — Thomas vai mandar dizer que não está, cumprindo rigorosamente as instruções que Vitória lhe deu. — Respirou fundo e recostou-se na cadeira, com o olhar deslizando sobre os botões do rádio. Não havendo nenhuma verdadeira emergência...

Neil Hersey, advogado sem perspectivas de conseguir clientes em Hartford, estava irremediavelmente preso em uma ilha do Maine, com Deirdre Joyce, que só Deus sabia quem era ou o que fazia... E já que estavam presos, o melhor que podiam tentar fazer era descobrir um modo de conviverem em relativa paz, pelo menos por mais duas semanas.

Quando voltou ao living, aproximou-se de um grande cesto de vime cheio de lenha. Neil sentou-se frente à lareira, cruzou as pernas à maneira índia e, com muito cuidado, preparou a lenha, juntou alguns gravetos e acendeu um fósforo. Em segundos o fogo pegou nos gravetos e logo começou a envolver as toras de madeira com labaredas avermelhadas. Quando viu que o fogo crescia, que a chaminé estava aberta e que a sala não se encheria de fumaça, levantou-se, andou até uma das poltronas e sentou-se com as pernas esticadas para a frente, e os olhos fixos na lareira.

Era a primeira vez em sua vida que se fechava em um lugar como aquele para descansar ou pensar. Todas as suas férias haviam sido passadas sempre na praia — Cape Cod, Nantucket — quando resolvia sair no verão; ou nas montanhas, quando as férias eram no inverno. Conhecia o Caribe, e boa parte da Europa, mas jamais estivera em uma ilha isolada, longe do mundo, sabendo que dependia apenas de si mesmo para sobreviver.

Nancy morreria de tédio naquele lugar, pois nunca conseguiria imaginar que alguém pudesse passar férias divertidas em um lugar onde não existissem restaurantes, boates e jantares servidos no quarto, com champanha, caviar e lagostas.

"E Deirdre?" Neil se perguntou, passando a mão pelo rosto. De perna quebrada, fraca, recém-saída do hospital, enfrentava céus e mares para poder ficar sozinha! Era perigoso, quase uma loucura arriscar-se a uma viagem como aquela, mas ela havia enfrentado todas as dificuldades. Por quê? E se fosse apenas uma garota mimada, querendo provar a alguém, talvez à família, que era capaz de fazer qualquer coisa, pelo simples prazer infantil de parecer forte e independente? Ou estaria fugindo de alguma ameaça realmente grave? Ou seria, simplesmente, uma mulher capaz de lutar contra as dificuldades, de enfrentar o que quer que lhe aparecesse pela frente para poder ficar sozinha? Poderia ser uma das raras pessoas, homem ou mulher, que têm imaginação e vida interior suficiente para viver sozinhas.

— Que fogo lindo!

Neil levantou os olhos e a viu parada em frente ao sofá, ainda com os olhos embaçados de sono, rosada, sorrindo.

— Onde está a outra muleta? — perguntou, desviando os olhos.

Deirdre sacudiu os cabelos e despertou completamente.

— Ali no sofá — respondeu, novamente séria.

- E o que é que sua muleta está fazendo no sofá?
- Segurando as almofadas. — Deirdre levantou o queixo, em desafio. — Por quê?
- Porque lugar de muleta é embaixo do braço. As almofadas não estão com a perna quebrada.
- Descobri que posso andar perfeitamente com uma muleta e apoiar-me no gesso. Já estou melhorando!
- Se você forçar a perna engessada vai dificultar o processo de consolidação óssea. — Neil continuava com os olhos fixos no fogo.
- Ah, é? — Deirdre riu. — Você é advogado ortopedista?
- Não. Aprendi isso quando quebrei a perna... esquiando.
- Já sei! Aí você aproveitou e ficou sentado na estação do teleférico, pôs o pé em um pedestal, e todos os milionários que estavam por lá fingindo que esquiavam passavam por você e escreviam imbecilidades no gesso de sua perna quebrada! Acertei?
- Não havia nenhum milionário por perto quando quebrei a perna, mas isso não tem importância alguma. O que importa é que você não pode andar sem as duas muletas. O médico não lhe disse isso?
- O médico me disse que usasse o bom senso, e é o que estou fazendo. Você não tem de se preocupar com o que faço ou deixo de fazer.
- Eu sei. Não estou preocupado com você. O que me preocupa é o que eu vou ter de fazer se você quebrar o gesso ou, pior ainda, se escorregar e quebrar a outra perna.
- Deirdre não disse nada. Quando voltou a falar, sua voz soou diferente, sem nenhum traço de ironia ou irritação.
- Se isso acontecer, os seus problemas estarão resolvidos. Bastará ligar para Thomas, dizer a ele que há uma emergência, ele virá buscar-me e... pronto! Você estará livre de mim para sempre.
- Neil sabia que ela estava certa. Resolveu contra-atacar.
- Mas acontece que resolvi ficar com você.
- Você... o quê?! — Deirdre deu dois passos para trás.
- É... resolvi ficar com você.
- E como conseguiu "ficar" com uma coisa que não é sua? — Ela arregalou os olhos.
- Neil fez um gesto com a mão, mais claro que mil palavras, que significava que aquilo também não tinha a menor importância.
- Bobagem... Você entendeu perfeitamente o que eu quis dizer. Não estou interessado em discutir semântica.
- Você está querendo dizer que resolveu permitir que eu fique na ilha... É isso?
- Exatamente. — Neil levantou os olhos e sorriu. — Você entendeu perfeitamente. Parabéns.
- Mas e se eu decidir que prefiro ir embora?
- Thomas não virá buscá-la, e você não poderá ir embora. Essa era fácil... Mas você não pensou direito, não é?
- Você não passa de um imbecil sentado aí como se fosse o dono da casa, decidindo quem fica e quem sai! — Deirdre se aproximou um pouquinho dele, com os olhos faiscando. — Nem você pode resolver se eu fico ou não, nem eu posso fazer qualquer coisa para mandá-lo embora daqui... pela simples razão de que não temos como sair sem Thomas Nye! — Sorriu, embora os olhos ainda brilhassem. — Estamos presos aqui, doutor... e você vai ter de me agüentar, por

mais mal-humorada que eu seja e por piores que sejam os palavrões que eu grite aos seus ouvidos!

— Já estou me habituando ao seu mau humor, e você só diz palavrões quando quebra copos. Vou lhe dar um copinho plástico... e pronto! Estarei livre dos palavrões para sempre!

— Ótimo... — Deirdre aproximou-se da poltrona ao lado e acomodou-se, com um suspiro de prazer. — Assim sendo... você dormiu bem?

— Você foi me espiar?

— Não. Fui buscar um casaco no meu quarto e encontrei você lá... roncando!

— Por isso resolveu dormir no sofá? — Neil perguntou com um sorriso simpático e imperturbável.

— Por que não dormiu mais um pouco?

— Queria ligar para Thomas, mas vi que não ia adiantar nada. Aí resolvi acender o fogo. Não está lindo?

— Está. — Deirdre levantou-se e foi até a cozinha saltando em um pé só. A primeira coisa mastigável que encontrou foram as frutas de uma fruteira sobre a mesa. Apanhou uma maçã e uma faca e voltou ao living.

— Você é ótima saltando assim... Sua especialidade profissional é exhibir-se pulando sobre uma perna só? — Neil sorriu ao vê-la voltar à poltrona.

Deirdre fingiu que não escutou.

— O fogo está lindo. — Ela descascou a maçã e jogou as cascas na lareira. — Com cheiro de maçã vai ficar melhor ainda.

— Não devia ter feito isso. Você vai estragar o meu fogo! — ele protestou.

— Vai ficar delicioso. — Deirdre sorriu, tranqüila, mastigando a maçã. — Espere um pouco e você verá que tudo vai parecer ensolarado como um pomar, com cheiro de maçã.

Neil continuava calado, com os olhos fixos nas chamas.

— Odeio esse cheiro de maçã... Me faz lembrar dos caixotes de frutas que meus avós mandavam da Flórida todo ano. Havia tantas laranjas e tantas maçãs, que minha mãe, para não ter de jogá-las fora, inventava mil modos de nos fazer comer tudo aquilo. Eram bolos de maçã, suco de maçã, doce de maçã, maçã assada, maçã cozida, maçã o tempo todo. — Seus pensamentos estavam na infância. — Todo ano eu tinha indigestão de tanto comer compotas de frutas.

Deirdre parou com a maçã a meio caminho da boca.

— Você disse "nos fazer comer..." Você tem muitos irmãos?

— Um irmão e uma irmã.

Deirdre mordeu a maçã, esperando que ele continuasse a falar sem que fosse necessário fazer perguntas. Como Neil permanecesse calado, ela reiniciou o interrogatório:

— Mais velhos ou mais moços que você?

— Sou o caçula da família.

— E vocês se dão bem?

— Atualmente? Oh, muito bem... — Neil esticou as pernas e cruzou os tornozelos, relaxando o corpo no estofamento macio.

— Passamos muito tempo quase sem contato algum, cada um cuidando da própria vida. John é professor em Minneapolis, e Sarah vive e trabalha em Washington. Os dois são casados e têm filhos, e a vida deles parecia tão distante da minha que quase cheguei a esquecer que existiam.

— E então? O que houve?

— Minha mãe morreu. Foi a primeira pessoa da família a morrer, e acho que, de repente, a possibilidade de morrer entrou pela porta e instalou-se entre

nós como um personagem novo. Mamãe morreu há sete anos... e desde então nós nos aproximamos mais uns dos outros. Voltamos a ter o que conversar...

— Seu pai ainda vive?

— Continua morando na casa em que todos nós nascemos e nos criamos, apesar de passar o tempo todo viajando, agora que está aposentado. — Riu baixinho, mais para si próprio que para Deirdre. — Não quer vender a casa porque, diz ele, precisa ter algum lugar para onde voltar. Pessoalmente acho que não é nada disso... Meu pai quer conservá-la para não ter de despedir o casal de caseiros que vive lá há mais de trinta anos.

Deirdre mordeu o minúsculo pedaço de maçã que ainda segurava entre os dedos e mastigou-o lentamente, pensativa, espiando Neil com o canto dos olhos.

— Parece ser uma ótima família. Seu pai deve ser um homem interessante.

— E é.

— Oh... E como é que um homem interessante pode ter criado um filho como você? — Ela acomodou-se melhor. — Você não sente frio nos pés?

Neil mexeu os dedos dos pés e cruzou os braços.

— Sou um homem de sangue quente. — Riu.

— O chão está gelado e...

Neil levantou-se da poltrona e a interrompeu, ainda rindo:

— Desista. Não vou mais discutir com você. Vou preparar o jantar porque estou com fome.

— Mas ainda não almoçamos!

— O café da manhã foi o almoço, e o almoço será o jantar. — Acendeu uma das luzes do living, a caminho da cozinha. — Veja! Já está começando a escurecer.

Deirdre olhou o relógio e viu que já passava das seis horas. Também estava com fome, mas a simples idéia de ter de voltar àquela cozinha para outra longa série de tentativas e fracassos antes de poder sentar-se para comer foi suficiente para tirar-lhe todo o apetite. Assim, deixou-se ficar frente à lareira, adiando para mais tarde os problemas sobre o que preparar para comer e, sobretudo, de como prepará-lo. Depois que Neil saísse de lá poderia voltar a pensar nesse assunto, sem testemunhas. De qualquer modo, a cozinha não era grande o bastante para os dois, mais duas muletas e uma perna engessada.

No silêncio absoluto que envolvia a casa só se ouviam os sons de panelas, da geladeira sendo aberta e fechada, de passos para um lado e para outro, ruídos de louça. Neil era um homem que ficava absolutamente à vontade ao cozinhar. Deirdre iniciou a análise de várias hipóteses que talvez pudessem ajudá-la a entendê-lo melhor. Mas logo suspendeu o raciocínio ao ouvir um barulho característico de fritura. Um fantástico aroma de carne invadiu-lhe as narinas. Não entendia o porquê de ele ter resolvido fazer tudo sozinho.

Deirdre levantou-se da poltrona, apanhou a outra muleta no sofá e parou junto à porta da cozinha. O que viu a fez arregalar os olhos e abrir a boca... sem conseguir emitir um único som. A mesa estava posta para duas pessoas, com toalha, pratos, talheres, guardanapos e taças para vinho tinto. E Neil, com um pano de prato amarrado à cintura, sorria.

— Já ia chamar você — disse ele. — O jantar está pronto.

Deirdre teve certeza, de repente, de que ele não sorria para ela, como havia pensado ao chegar. Ele estava rindo dela, do espanto que havia em seu rosto... da gula que havia em seus olhos. Aquele maldito Neil Hersey!

— Temos salada, steak au poivre, arroz e aspargos na manteiga — Neil enumerou os pratos. — Deve estar delicioso.

— É... deve estar delicioso... Você daria uma esposa perfeita. — Deirdre balançou a cabeça. — Você também lava e passa?

— Quando é necessário. Por quê? Você tem algum preconceito contra lavar e passar? — Tirou o pano de prato da cintura, afastou uma das cadeiras junto à pequena mesa que havia na cozinha e a convidou para sentar-se:

— Por favor, Srta. Joyce.

Deirdre aproximou-se da mesa e, um pouco confusa, sentou-se na cadeira que ele continuava a segurar. Olhou o prato servido à sua frente, viu o steak malpassado, como mais gostava, sentiu o cheiro delicioso da manteiga que faziam os aspargos brilharem. Perfeito! Quando levantou os olhos do prato, viu Neil abrindo uma garrafa de vinho.

— Vinho? — perguntou. — Por quê?

— Por que o vinho? — Neil perguntou, sério. — Porque sempre tomo vinho no jantar. Porque steak au poivre exige vinho e porque Vitória tem uma excelente adega. Chega?

— E por que resolveu preparar também o meu jantar? Não lhe pedi nada.

— Isso quer dizer que você ainda não está com fome e não quer jantar? Tudo bem... Basta que você deixe seu prato no forno e o aqueça quando quiser.

Deirdre olhou para o prato à sua frente. Desde antes de ir para o hospital não se sentava para comer como uma pessoa civilizada, e a comida do hospital era difícil de olhar, difícilíssima de cheirar e impossível de engolir.

— Estou morta de fome — disse, sem olhar para ele. — Mas se está pensando que o fato de eu estar jantando com você lhe dá algum direito extra sobre a casa, o quarto, a cama ou... qualquer outra coisa, desista. Vou comer, mas tudo continua como antes.

— Não estou pensando em nenhum direito extra sobre coisa alguma. — Neil sentou-se na outra cadeira e serviu-se de vinho. Provou, aprovou e só então encheu a outra taça. Sorriu. — Não sei se você sabe, mas esse é um hábito medieval, muito útil naqueles tempos. Hoje em dia, pelo menos teoricamente, já não significa mais que um gesto de cortesia... O homem se serve de vinho antes de servir a dama que o acompanha, prova e só depois disso é que a serve. Na Idade Média havia o provador do rei, para se certificar de que o vinho não estava envenenado. Quanto às suas desconfianças... — sorriu novamente, cada vez mais satisfeito com a cena que havia montado —, pensei apenas que, se deixasse você entrar nessa cozinha para preparar o jantar, corríamos o risco de perder mais alguns copos e pratos. Estou zelando pelo patrimônio de Vitória.

— Acho mais divertido quando brigamos. — Deirdre fez uma careta. — Quanto ao vinho, embora já conhecesse a história, você a contou com muita... propriedade, como diria minha mãe.

— Sinal de que sua mãe é uma pessoa bem-educada. — Neil cortou o steak e levou o garfo à boca. — Hum... perfeito! Espero que você goste de carne malpassada.

— Prefiro ao ponto — mentiu.

— Então coma apenas as bordas e deixe o centro. Mas antes... — ergueu a taça de vinho — um brinde. Vamos, erga sua taça.

Deirdre tomou a taça entre os dedos e levantou-a até encontrar a de Neil, num movimento muito lento, quase assustado.

— E agora? — perguntou baixinho. — Qual é o brinde?

— O mais simples possível — Neil sorriu —, como devem ser os brindes. A nós!

— A nós... — Deirdre repetiu, tão baixo que suas palavras se perderam no

retinir dos cristais.

Capítulo 5

"A nós!" Muito depois de terminado o jantar, quando já estava novamente instalada frente à lareira, Deirdre ainda pensava nessas duas palavrinhas. E continuou a pensar nelas mais tarde, já deitada, enquanto se concentrava em não ver o homem a seu lado a menos de meio metro de distância. Pela manhã, quando acordou, continuava pensando nas mesmas duas pequenas palavras e começou a se preocupar seriamente com elas.

Vitória havia preparado uma cilada para os dois, e Deirdre detestava a sensação de estar presa em uma armadilha, por melhores que tivessem sido as intenções de quem a armara. Principalmente uma armadilha como aquela, que envolvia um homem. Afinal de contas, quem seria de fato Neil Hersey? Já havia dormido duas noites ao lado dele e continuava sem saber quase nada a seu respeito. Mas, apesar de não conhecê-lo direito, podia sentir-lhe a presença o tempo todo, mesmo quando ele não se encontrava por perto: era uma espécie de consciência física.

Virou a cabeça para olhá-lo. Estava adormecido, virado para o lado dela, com os cabelos revoltos e a barba já cerrada em volta do maxilar. Os cílios, muito escuros, eram macios em contraste com a aspereza da barba. Um dos braços dele aparecia por cima dos cobertores, do ombro à mão... forte, grande, de longos dedos e unhas bem-feitas. Deirdre sentiu um calafrio, como se, de repente, estivesse sendo acariciada.

Outra vez virou-se, dando as costas a Neil e aquelas idéias estúpidas e perigosas. Sentou-se na cama e, com muito cuidado, preparou-se para se levantar. Parou por um instante, sem coragem para ficar em pé, constatando que, a cada minuto que passava, Neil Hersey lhe parecia mais atraente. Depois de tudo o que ele fizera, o mais normal seria que ela o odiasse. "Não! Não quero, não vou me envolver com esse homem!"

Lentamente, começou a girar a cabeça, tentando concentrar-se apenas na musculatura do pescoço. Depois, dedicou-se também aos ombros. Primeiro um, depois o outro, em movimentos rotatórios das articulações. Depois cruzou os braços por trás da cabeça e, sentada como estava, à beira da cama, curvou o tronco para a direita e depois para a esquerda. Podia ouvir a música que acompanhava aqueles exercícios em todas as aulas que dava, como se o toca-discos estivesse ao seu lado. Aos poucos, deixando-se levar pelo prazer de sentir o próprio corpo, descobriu que boa parte de seus problemas se resolveriam facilmente desde que pudesse se movimentar um pouco. Ah... era quase como se estivesse em sua sala de aula, com a grande parede espelhada ao fundo, a barra, as meninas vestidas em suas malhas coloridas...

— Mas... o que é isso?! — Um grunhido furioso às suas costas a assustou. O movimento, suspenso abruptamente, fez com que a musculatura do pescoço, de repente, ficasse ainda mais contraída do que estava antes de começar os exercícios.

— Eu estava... tentando relaxar. Isto é ginástica, são exercícios de relaxamento — disse, respirando fundo.

— Mas você tem de fazer isso justamente agora?

— Claro! Faço estes exercícios sempre que estou tensa.

— Engraçado... eu também estou tenso de vê-la ondulando como uma sereia. Só me faz ficar pior... — Neil riu baixinho. Estava acordado havia algum tempo. De início, deixou-se ficar imóvel, pensando no absurdo que era estar deitado ao lado de uma mulher que se comportava como se não houvesse homem algum por perto. Outra mulher qualquer, àquela altura, depois do jantar e do vinho, teria, pelo menos, se preocupado em vestir um pijama um pouquinho mais charmoso que aquele que Deirdre insistia em exibir-lhe. Em outras circunstâncias, teria saído da cama no exato momento em que havia acordado, apenas para não ter de continuar a olhar para ela. Mas, de repente, Deirdre começara a movimentar o pescoço, depois os braços, e Neil não viu, mas pressentiu, a musculatura firme, as linhas do pescoço e dos braços começarem a delinear-se sob o horrível pijama que vestia. E o que pressentiu começou a causar um estranho efeito...

— Se não gosta do que vê, vire para o outro lado ou saia daqui e me deixe em paz. — Deirdre continuou com o relaxamento. Não tinha medo dele, estava tensa, precisava de muito exercício para conseguir recuperar a forma física. E fora para a ilha exatamente para... — Você enlouqueceu?! — Gritou de repente, ao senti-lo puxá-la para perto dele.

— Não, não enlouqueci. — Neil deitou-se sobre ela. — Acho bom que você entenda uma coisinha, de uma vez por todas. Mesmo que você ainda não tenha notado, sou um homem. Se está querendo testar os meus limites físicos ou morais, trate de se preparar para enfrentar as conseqüências.

Deirdre mal conseguia respirar. Neil estava despido da cintura para cima, o cobertor havia caído e o calor da pele dele a atingia em cheio nos seios. Não bastasse isso, havia os olhos dele e a boca... a poucos centímetros da sua.

— Não sabia que você estava olhando... — disse baixinho. — E pensei que você tivesse dito que eu era a mulher mais feia que você já viu. Não foi isso que você disse?

Anos antes, talvez fosse verdade. Mas muito exercício, dança, ginástica e alimentação correta haviam conseguido transformá-la. Mas Deirdre sabia que, mesmo assim, não podia competir com nenhuma das garotas que apareciam nas capas das revistas masculinas, principalmente em relação às medidas do busto. E seria capaz de apostar que, para Neil Hersey, mulheres atraentes eram aquelas que possuíam seios fartos. Bastava lembrar de como ele a olhara ao vê-la na casa de Thomas Nye. Mas... e depois? Será que ele não havia começado a olhá-la de outro modo, com outros olhos? No living, enquanto conversavam, e mais tarde, na hora daquele estranho brinde...

"A nós!"

— Também, com esse pijama, você queria o quê? — Neil baixou os olhos para o primeiro botão do pijama, fechado até o pescoço. Depois para o segundo, e o terceiro... — E é aí que está o problema... Estou querendo saber o que é que existe sob esse pijama. — Voltou a olhá-la no rosto, sorrindo. — Talvez a única solução seja tirar isso já... e acabar de uma vez por todas com a agonia de ter de ficar só imaginando.

— Você sabia que a fantasia pode funcionar como um afrodisíaco poderoso? — Deirdre tentou escapar dele, mas não conseguiu.

— Acho que vou desabotoar esses malditos botões... — A voz soou como uma carícia antecipada. — Quero ver o que você esconde com tanto cuidado.

— Não! — Deirdre fechou os olhos. — Você ficaria desapontado.

— Mas pelo menos pararia de ficar imaginando... Não é mesmo? — Neil aproximou ainda mais o rosto, os lábios, sorrindo e falando com doçura, com a voz cada vez mais rouca.

Deirdre sentia o coração bater, alucinado... Estava com medo! Sim, claro... estava com medo dele... mas, principalmente, com muito, muito medo das outras coisas que começava a sentir!

— Por favor... — pediu, sem coragem de abrir os olhos.

— Não faça isso.

— Isso o quê? — Ele riu. — Desabotoar o pijama ou ficar imaginando o que há por baixo dele?

— Não faça... nenhuma das duas coisas.

— Não dá para controlar a imaginação... — Neil acomodou-se melhor sobre o corpo dela, aproximou ainda mais o rosto.

— Por favor, acredite em mim. Não tenho curvas, nem busto, nem traseiro... Por favor! Sou uma atleta... Meu corpo não tem nada a ver com os das mulheres com que você deve estar acostumado.

Neil franziu as sobrancelhas, cada vez mais intrigado. Podia sentir a respiração dela, ofegante, podia senti-la cada vez mais excitada e, ao mesmo tempo, cada vez mais assustada.

— Deirdre... — disse baixinho — eu não vou machucá-la.

— Eu sei.

— Mas você está com medo de mim. Por quê?

Ela não respondeu. Ainda que não estivesse com a perna quebrada seria difícil enfrentar o olhar de um homem. Não apenas o olhar de Neil Hersey, mas o olhar de qualquer homem que quisesse avaliá-la, julgar seu corpo. Ela, Deirdre Joyce, havia sido uma menina feia, uma adolescente feia... pelo menos mil vezes menos bonita que Sandra! Agora era uma mulher de corpo perfeito, que sabia movimentar-se com graça, que dançava e havia conseguido superar suas dificuldades pessoais entregando-se de corpo e alma à ginástica e à dança. Mas, mesmo assim, a insegurança que desenvolvera durante anos ainda a deixava apavorada.

— Não estou com medo de você — disse, afinal, séria.

— Você está mentindo!

— Certo. Então você já tem outro defeito para acrescentar à sua lista: sou mentirosa. Satisfeito? — Tentou livrar-se do peso dele, e, dessa vez, Neil não a impediu de sair da cama. — Estou com muita fome... — Deirdre suspirou, um pouco mais tranqüila. Pulou em um pé só, com as muletas na mão, em direção ao banheiro. — Vou tomar banho. Se quiser, use o chuveiro do quarto do lado.

Deirdre preparou seu próprio café da manhã, feliz por encontrar a geladeira abastecida com iogurtes, queijo e ovos. Não seria um desjejum balanceado, como costumava fazer em casa, mas a situação era de absoluta emergência. Não precisava de cereais nem de frutas frescas para ajudá-la a manter o perfeito equilíbrio corpo-mente, ideal para dançar. Mas precisava de muitas energias, porque a mente parecia flutuar a quilômetros da realidade, e o corpo... Ah... o corpo parecia estar no meio de um turbilhão de sensações desconstruídas.

O dia prometia ser ainda mais difícil que a véspera. Depois do banho, após muito pensar, havia se decidido por vestir a mesma calça do abrigo que usara no dia anterior e uma camiseta cinza ainda mais larga que o pijama. Acabou de comer o mais rápido que pôde, arrumou a cozinha e, quando ouviu os passos de Neil, andou para a varanda. Quando o ouviu chegar à cozinha, abrir a geladeira

e começar a preparar seu desjejum, voltou em silêncio para o quarto. Poderia ficar horas ali, em segurança, ocupada em arrumar a enorme cama de casal. Pela primeira vez, pareceu-lhe providencial estar com a perna quebrada, porque seria uma excelente explicação caso... Neil resolvesse insistir a respeito de certos detalhes.

Depois da cama, dedicou-se a arrumar as roupas, que continuavam na mochila e na mala.

Nunca, em toda a sua vida, havia feito uma viagem em que tivesse demorado quase três dias para desfazer as malas. Parte disso, com certeza, devia-se ao fato de que estava exausta demais quando chegaram; parte, possivelmente, era por não ter certeza, até a véspera, de quem iria embora, quem ficaria. Também existia o fato de estar fraca demais para qualquer outra atividade que não fosse dormir. A idéia de que estivesse começando a recuperar suas energias foi o primeiro pensamento realmente estimulante que lhe ocorreu desde o desembarque naquela ilha. E sentiu-se tão estimulada que continuou a arrumar as roupas, depois passou para os livros, o gravador e as fitas. Tudo foi cuidadosamente colocado nas gavetas.

Neil havia arrumado os livros que trouxera em uma das mesinhas de cabeceira; portanto, nada mais justo que ela tomasse para si a mesinha que ficava à direita de seu travesseiro. O que teria ele levado para ler? Curiosa, deu a volta e espiou os volumes arrumados ao lado do despertador de Vitória, parado às três e quinze de algum dia ou noite. Os títulos mudavam muito, mas o assunto era sempre o mesmo: ficção e reportagem, sempre sobre política ou história. Ao lado dos livros, havia um estojo de óculos. Deirdre apoiou-se numa das muletas e abriu-o: óculos de grau, em uma elegante armação de tartaruga castanho-clara, com griffe italiana. Ela fez uma careta e recolocou o estojo exatamente onde o encontrara.

— Griffe italiana, para um advogado bem-sucedido, elegante... — resmungou, olhando para a mala dele, aberta sobre uma cadeira ao lado da cama.

Na mala viu pouca coisa: algumas peças de roupa; na verdade, apenas duas ou três camisetas, um casaco mais quente, algumas cuecas. Sobre a cadeira, uma carteira de couro bastante usada, com pouco dinheiro, um lenço limpo e um enorme molho de chaves. Quantas portas existiriam na vida daquele homem?

Pensativa, andou para o banheiro, disposta a fazer o máximo de coisas que pudesse antes de voltar a enfrentá-lo. Lavou a pia e limpou o espelho. Em uma parte do armário, sobre a pia estavam seus objetos de uso pessoal: a escova de dentes, o vidro de água de colônia, o xampu, exatamente onde ela os deixara pouco antes. Abriu a portinha da outra parte e, na prateleira de cima, viu alguns vidros de remédio que, com certeza, pertenciam a Vitória. Bem embaixo, depois de várias prateleiras vazias, havia um pente, uma escova de cabelos, um tubo de pasta dental e uma escova de dentes. "Pouca coisa...", pensou. "Neil Hersey é um homem que gosta de viajar sem muita bagagem, sem barbeador, sem nenhum objeto que não seja de absoluta necessidade..."

De algum modo, contudo, aquelas descobertas fizeram-na descobrir que Neil estava tão despreparado para a companhia de uma mulher quanto ela para a companhia de um homem. Por outro lado, o que mais ela teria colocado na bagagem se soubesse que passaria quinze dias com um homem em uma ilha deserta? Talvez alguma maquiagem... Mas nem na cidade costumava usar coisa alguma além de um blush rosado, batom muito claro e, uma vez por mês, uma máscara de frutas. Talvez um perfume? A verdade, no entanto, é que tinha

levado tão pouca coisa quanto Neil. E isso os deixava em pé de igualdade. Fechou o armário do banheiro, voltou ao quarto e olhou em volta. A menos que desarrumasse tudo o que acabara de arrumar, já não havia mais nada a fazer ali. Podia deitar-se e ler um pouco ou sentar-se de frente para uma das paredes de vidro, olhar o mar e fazer tricô. Qualquer dessas soluções porém poderia dar a Neil a impressão de que estava fugindo, e Deirdre não gostava de fugir. Muito menos de que alguém pensasse que ela fugia das situações delicadas.

— Ainda está chovendo... — disse, com um suspiro. Com chuva, estavam imediatamente cortadas as outras soluções possíveis, como, por exemplo, passar por ele, dar-lhe bom-dia e sair de casa para andar um pouco e respirar. Mas, com chuva, bastava a simples idéia de ter que enfrentar a trilha lamacenta para tirar-lhe todo o ânimo.

Voltou até a mesinha de cabeceira, escolheu um dos livros que havia levado e prendeu-o debaixo do braço. Respirou fundo, deu meia-volta e caminhou devagar em direção ao living, sem as muletas.

Neil estava sentado junto à janela, mergulhado em pensamentos, de braços cruzados. Ele não se moveu até que Deirdre se instalasse em uma das poltronas. Quando percebeu que ela havia sentado, virou a cabeça, lançou-lhe um olhar rápido e distraído e novamente fechou-se, concentrado, como se estivesse a léguas dali.

Deirdre abriu o livro, mas não conseguiu sequer fingir que lia. Obrigou-se a abaixar os olhos para a página aberta, à espera de que alguma coisa conseguisse atraí-la o suficiente para impedi-la de olhar para ele. Pacientemente leu e releu três vezes a primeira página: era um romance ou, pelo menos, parecia ser um romance. Duas releituras mais tarde, achou que era hora de virar a página. Aos poucos a história começou a envolvê-la, e logo já se sentia quase capaz de esquecer que se encontrava no living da casa de Vitória, tentando fingir que Neil Hersey não estava na poltrona, a alguns metros de distância. Nesse instante ele se levantou e aproximou-se dela. Deirdre colocou o livro sobre o colo marcando a página com um dedo e levantou a cabeça, para que Neil percebesse que ela o vira aproximar-se, mas que tinha sérias intenções de continuar a ler.

— O que foi agora? — perguntou.

— Nada. Fiquei curioso. O que é que você está fingindo que lê? — ele sorriu.

— Estou lendo um romance. — Deirdre levantou o livro para que ele lesse o título.

— E é bom?

— Não sei. Só li duas páginas e meia.

— Quando o livro é bom, bastam dois ou três parágrafos. Se você ainda não sabe, é porque não vale a pena insistir.

— Não concordo. Nem sempre é assim. Há livros que...

Neil resmungou qualquer coisa, levantou os ombros e deu-lhe as costas sem a menor cerimônia. Segundos depois Deirdre ouviu o ruído de alguma coisa cair ao chão, depois outra vez o mesmo ruído e, em seguida, um palavrão que a fez olhar para a direção que Neil saíra, à espera do que viria. Foi um grito:

— Será que você não pode tirar essas malditas muletas do meio do caminho?! — Neil apareceu, pulando sobre a perna direita e segurando o pé esquerdo.

— Se você estivesse usando sapatos, nada disso teria acontecido. — Deirdre novamente baixou os olhos para o livro.

— Não preciso usar sapatos quando estou em minha própria casa! — Neil aproximou-se, mancando, e apoiou-se no encosto da poltrona em que ela estava.

— Essa não é sua própria casa — disse ela, séria.

— Mas é quase! E se você...

— Certo, Neil... — Deirdre fechou o livro e olhou para ele, com os olhos faiscando, no limite da paciência. — O que é que você quer que eu faça?! Quer que deixe as muletas dentro do armário? Para depois ter de ouvir suas lições sobre o perigo de andar sem elas e de a fratura não solidificar e que a calcificação... Mas que inferno!

Neil afastou-se sem responder, mancando, e foi de novo para sua poltrona. Sentou-se mas logo levantou outra vez e aproximou-se da janela, com as mãos nos bolsos traseiros do jeans. Aquela postura ressaltava-lhe, sob a camiseta justa, os músculos poderosos dos braços e do tórax, tornando ainda mais evidentes os quadris estreitos. Deirdre suspirou baixinho, certa de que Neil fazia tudo aquilo especialmente para não permitir que ela pudesse continuar a ler em paz. Com grande esforço, baixou os olhos para o livro e obrigou-se a ler mais três páginas. De repente, ouviu-o suspirar:

— Ainda está chovendo...

— Já sei. — De novo parou a leitura. — Está chovendo há três dias.

— Dois e meio.

— Que diferença faz? — Ela tornou a abrir o livro e baixou os olhos. Muitas páginas depois, quando levantou os olhos, deu com Neil parado à sua frente. — Mas... o que foi?!

— Nada.

— Você parece... entediado. — Ela sorriu, quase com pena dele, de seu ar desamparado, perdido. — O que é que você costuma fazer quando chove, por exemplo, nos fins de semana?

— Trabalho.

— Aos sábados e domingos?!

— Gosto muito de trabalhar nos fins de semana quando estou em casa. Não há telefones tocando, nem secretárias, nem clientes. Gosto de ler meus processos, estudar, consultar alguns livros... É tranquilo, e o trabalho rende muito mais que no escritório. — "Ou pelo menos rendia", pensou ele, "quando tinha escritório, clientes e trabalho!"

— Você deve ser um advogado bem... próspero. — Deirdre escolheu cuidadosamente a palavra. Apesar de todos os cuidados, Neil respondeu-lhe apenas com um olhar gelado. — Eu quis elogiá-lo, apenas isso.

Ele balançou a cabeça, respirou fundo, massageou o pescoço:

— Eu sei. Desculpe.

Ela baixou os olhos para o livro, já sem a menor esperança de conseguir ler com aquele homem andando de um lado para outro, como se ficasse mais angustiado a cada instante que passava. Felizmente, pelo menos não havia feito nenhuma referência ao incidente da manhã e talvez já estivesse até arrependido... E se estivesse mesmo arrependido, talvez fosse mais fácil conseguir conviver com ele. Neil Hersey não poderia continuar a se comportar como um machão insuportável, irônico, grosseiro e mal-educado.

— Você... conhece Vitória Lesser há muito tempo? — ela perguntou, acomodando-se na poltrona, o livro definitivamente fechado.

— Há alguns anos. Um amigo comum nos apresentou.

— Você é da cidade?

— Que cidade?

— Nova York, claro.

Neil deu-lhe as costas outra vez e não respondeu, como se estivesse ausente

da sala, a quilômetros de distância das tentativas dela de parecer cordial e amistosa. Deirdre fechou os olhos, respirou fundo e, quando já começava a pensar em ir dormir para esquecer o suplício de estar ali, sentada em uma poltrona deliciosa sem conseguir ler ou conversar, nem ficar calada nem dormir... ouviu alguma coisa:

— Sou de Hartford.

Ela riu baixinho:

— Ah, sei... Estive lá com alguns amigos há algum tempo, para assistir a uma apresentação de bale. As bailarinas não sabiam dançar e depois fomos jantar num restaurante em que conhecemos um maître que mais parecia um robô. Depois...

— Tudo bem... sei que mereço. — Neil colocou-se bem à frente dela.

— Claro que merece. Dê-se por satisfeito, pois eu ainda teria muitas coisinhas para falar sobre Hartford.

Por ele, Deirdre poderia falar mal da cidade inteira e de todos os habitantes, a começar por... Neil engoliu em seco; Hartford não era uma cidade, mas sim um ninho de cobras venenosas!

— Conheço bem a cidade — disse ele. — Conheço bem cada um dos defeitos que tem.

— É? — Deirdre sorriu. — E que defeitos você conhece melhor?

— Provincianismo, preconceitos, mentalidades estreitas.

— Em Hartford?!

— É isso aí, Srta. Joyce. — Neil tentou, sem sucesso, um arremedo de sorriso irônico. — Em Hartford.

— Provavelmente como em qualquer cidade... — Deirdre o viu afastar-se da janela e acomodar-se outra vez na poltrona. Talvez ela tivesse acabado de encontrar um assunto que o interessava: o provincianismo das pequenas e médias cidades... Por que não?

— Há quanto tempo você vive lá? — perguntou.

— Desde que comecei a advogar.

— Você disse que estudou em Boston. Foi onde estudou Direito?

— Segundo grau e faculdade.

— Depois de estudar em Boston, foi direto trabalhar em Hartford?

Neil sorriu como se estivesse conversando com uma criancinha de cinco anos, curiosa e intrometida, mas simpática.

— Depois de sair de Boston e antes de chegar em Hartford fiz um rápido estágio em San Diego. Na Marinha. Segunda Divisão de Logística.

— Então você não precisou ir para o Vietnã.

— Não. — Neil ergueu uma sobrancelha, certo de que ela diria que nenhum cidadão americano em idade de combater deveria ter fugido da luta pela democracia.

— Sorte sua e, com certeza, sorte do país. — Deirdre levantou a cabeça, muito séria. — Aquela guerra foi a coisa mais injusta que já vi.

— Fui dispensado do serviço ativo porque ainda estava estudando.

— Muitos estudantes foram mobilizados. — Deirdre suspirou. — Muitos morreram... e muitos fugiram para o Canadá para escapar da convocação.

— Eu jamais fugiria para o Canadá... Naquela época achava que devia ir lutar — Neil respondeu sério e firme. — Quando me alistei não sabia o que fariam comigo. Se tivesse de embarcar, embarcaria.

Deirdre respondeu apenas com um aceno de cabeça. Neil Hersey talvez ainda não fosse um caso totalmente perdido.

- Como é que você quebrou a perna? — ele perguntou.
- Não pergunte... — Deirdre fez uma careta, de súplica.
- Já perguntei.

Ela mordeu o lábio, pensando que já era hora de parar de perguntar tanto e responder tão pouco. Ele já lhe contara várias coisas sobre sua vida... tinha todo o direito de saber, pelo menos, um pouquinho sobre a vida dela.

- Escorreguei na escada — disse baixinho.

Neil levantou a mão direita, palma para a frente, como se estivesse fazendo um juramento solene.

- Pode contar tudo. Juro que não vou morrer de rir. O que aconteceu?
- Ah! Se você soubesse... — Ela balançou a cabeça.
- Faça um teste. — Ele sorriu. — Conte tudo.

Deirdre tinha certeza de que ela mesma criara aquela situação de suspense. Se ele quisesse rir, que risse. Seria um bom motivo para recomeçarem a brigar e discutir e, se continuassem brigando como cão e gato, não haveria perigo de se aproximarem um do outro. Respirou fundo e levantou a cabeça, disposta a encarar o que quer que viesse.

— Escorreguei em uma revista que estava no chão, caí e quebrei a perna em três lugares.

- Ora, mas até aqui não há nada de engraçado. — Neil parecia intrigado.
- Ou a piada vem depois?

— Lembra-se de quando me perguntou o que é que eu fazia para viver? — Deirdre fechou os olhos. — Sou professora de dança e de ginástica.

Neil franziu as sobrancelhas, muito sério.

- E agora você não pode trabalhar...

— Não só isso... Você sabe o que é uma professora de dança? — Sem esperar pela resposta, Deirdre continuou: — Uma pessoa que se apresenta aos outros como professora de dança deve ser alguém com um bom condicionamento físico, com movimentos precisos, reflexos rápidos... Você entende como é terrível... escorregar em uma revista, como um...

— ... Simples mortal, igualzinho aos outros? É, deve ser terrível — Neil concordou, balançando a cabeça. — Que revista foi?

— Sei lá! Que importância tem a revista?! — ela gritou. — O que importa é que eu não podia ter caído como caí! Bastaria ter caído... normalmente, com o corpo relaxado! Que aconteceria? Poderia ter luxado um tornozelo, ter ficado com uma ou duas manchas roxas! Passaria um fim de semana com o tornozelo enfaixado... e na segunda-feira já poderia voltar a trabalhar.

- Como está sua perna, por falar nisso?

— Vai bem.

- O gesso não está úmido?

— O gesso está perfeito, mas o joelho tem doído um pouco como o médico previu. E quando ando muito tempo com as muletas, tenho câibras nos braços. O médico também disse que seria normal, no começo.

— Eu sei. Aos poucos você irá se habituando, e as dores desaparecerão. Por quanto tempo você terá de ficar engessada?

- Mais cinco semanas.

— E depois... vai precisar de fisioterapia.

— O médico disse que... tínhamos de esperar. — Deirdre respirou fundo. Com exceção de Vitória Lesser, ao telefone, Neil Hersey era a primeira pessoa que a ouvia falar sobre o futuro. — Tudo o que sei é que existem boas chances de eu poder voltar a andar. Mas quanto às aulas... não sei. — Sentiu um calafrio dos

pés à cabeça e estremeceu.

Neil mexeu-se na poltrona. Como o seu, o futuro dela também estava suspenso, preso por um fio muito frágil, balançando perigosamente de um lado para o outro, açoitado por ventos ferozes. Curvou-se, apoiou os cotovelos nos joelhos e abaixou a cabeça.

— Fique tranqüila, Deirdre. É claro que você vai poder voltar a trabalhar. Se não puder dar aulas, pode montar uma escola, dirigir outros professores... Basta que não perca as esperanças.

— Eu tenho de trabalhar, Neil. Não é apenas uma questão de dinheiro... É uma questão de sobrevivência emocional. É uma questão de não enlouquecer!

Fácil de entender: Neil também enlouqueceria se não pudesse trabalhar. Para ele, porém, tratava-se de sobreviver no sentido mais simples da palavra: comer, morar, viver.

— Seu trabalho é importante para você. — Não era uma pergunta, mas a simples constatação de um fato.

Deirdre não quis misturar o assunto de seu futuro profissional com os problemas das Empresas Joyce e decidiu deixar o assunto no ponto em que estava. Além do mais, Neil Hersey era advogado, trabalhava para grandes empresas e provavelmente concordaria com sua família.

— De qualquer modo, não há nada que eu possa fazer agora, além de esperar — disse ela, folheando novamente o livro.

— E enquanto espera? Que planos você tem? — Neil levantou a cabeça e voltou a recostar-se na poltrona.

— Não tenho planos definidos.

— Há alguma coisa que você queria fazer em Providence, enquanto espera? Você disse que são mais cinco semanas com o gesso, depois provavelmente terá um período de fisioterapia...

— Não há coisa alguma que eu realmente queira fazer — Deirdre desviou os olhos do rosto dele. Neil estava surpreso com a evasiva depois de tantas respostas claras, mas não fez nenhum comentário.

— Você vai passar duas semanas aqui... lendo? — perguntou, sorrindo.

— Vou dormir, descansar, fazer tricô, ouvir música... Talvez possa planejar alguns cursos especiais para quando voltar.

— Para fazer apenas isso você poderia ter ficado em Providence. Seria mais confortável para você, mais seguro. Tenho pensado que deve ter sido terrível dirigir de Providence até Spruce Head com a perna engessada. E se eu não estivesse aqui? Como é que você teria carregado as caixas para cima?

— Oh, Sr. Hersey... — Deirdre sorriu. — Thomas sabia exatamente o que estava fazendo! Sabia que você assumiria a tarefa... Se eu estivesse mesmo sozinha, ele teria me ajudado, talvez até tivesse me carregado no colo, como um bebê. E atenderia a qualquer chamado que eu fizesse pelo rádio. Garanto que também não iria a Augusta "a negócios".

— É... você tem razão. — Neil esticou as pernas à frente e coçou a barba. — Mesmo assim... Por que você tinha tanta pressa em sair de lá? Por que não podia esperar uma semana ou duas, descansar um pouco em casa... Por que não deixou para vir quando já estivesse um pouco mais forte, mais restabelecida?

— Por causa do telefone! Por causa de minha família! Pois se nem no hospital, com porteiro e dúzias de médicos e enfermeiras, eles me deram um instante de sossego! Em casa eu seria triturada com gesso e tudo. — Deirdre respirou fundo uma, duas vezes... Mais um segundo e começaria a lhe contar tudo, sua vida inteira, do berço à perna quebrada! Mas quem era Neil Hersey,

afinal? Ou quem pensava que era para querer saber tantas coisas? — Digamos que tenho alguns... problemas de relacionamento com minha família — concluiu, séria, sem olhar para ele. E abriu o livro num claro sinal de que a conversa estava encerrada.

Neil fechou os olhos. Havia ainda muitas coisas a descobrir sobre a vida daquela mulher. Mas tempo era o que não lhes faltava... .

Na poltrona, Deirdre já nem tentou fingir que lia. As palavras embaralhavam-se à sua frente, e as imagens de Sandra e de sua mãe, como em um filme, pareciam dançar pelas paredes. O que estaria acontecendo em Providence? Com elas... com as Empresas Joyce? Com o canto dos olhos viu Neil levantar-se, dar alguns passos pela sala e voltar à poltrona. Quando, dois minutos depois, ele tornou a se levantar, ela explodiu:

— Pelo amor de Deus! Resolva-se: você quer andar ou quer ficar sentado?

Neil virou-se e saiu da sala sem uma palavra, mas voltou minutos depois, com um livro na mão. Esticou-se no sofá e pôs-se a ler. Leu o prefácio, correu os olhos pela primeira página, depois pela última, e escolheu ao acaso uma página no meio do volume.

— Você está lendo ou quer apenas ver as figuras? — Deirdre perguntou, ainda sem tirar os olhos da página à sua frente.

Neil sorriu.

— Estou apenas tentando resolver se vale a pena ler o que existe entre a primeira e última página. Isso também a incomoda?— Tinha no rosto um ar da mais pura inocência.

Deirdre estava tentando descobrir se ele estava querendo, propositadamente, impedir que ela lesse em paz.

— Se você escolheu esse livro para trazê-lo para uma ilha deserta... imaginei que já soubesse do que se tratava.

— Saí de casa com muita pressa. Nem tive tempo de escolher; apanhei todos os livros que fui encontrando pelo caminho e os meti na mala.

— Mas você, pelo menos, comprou-o, não é? Por que não o examinou na livraria?

— Em tese, o assunto me interessa. Compro tudo o que vejo sobre História, o que não significa que eu leia todos os livros que compro. Esse aqui é sobre a Primeira Guerra Mundial. Eu estava tentando classificá-lo, de acordo com minha escala de interesses pessoais, quando você me interrompeu.

— Vi seus livros lá na mesinha do quarto. Todos tratam praticamente do mesmo assunto. E por que deixou os óculos no quarto? Você vai ficar com dor de cabeça.

— Não vou ficar com dor de cabeça, pode ficar tranqüila. Só os uso quando encontro algo que mereça ser olhado com atenção. E, nos últimos dois dias, não vi nada de tão interessante. — Neil apoiou-se sobre o cotovelo. — Você também examinou a minha carteira?

— Claro que não! Estava apenas tirando o pó do quarto porque detesto viver em lugares sujos e desarrumados.

— Deve ser por isso que deixa as muletas por aí... E deve ser por isso também que deixa revistas caídas pelo chão. — Satisfeito com o golpe, ele voltou a deitar-se de costas no sofá.

Deirdre contou até três e sorriu. Pronto. Estavam recomeçando a brigar... E se estavam brigando, era sinal de que não haveria mais perguntas nem respostas, nem... abraços.

— Afinal, o que é que há em sua carteira? Alguma coisa sinistra... que eu

não possa ver?

— Não. Não há nada de especial.

— Está cheia de dinheiro? — ela perguntou.

— Não.

— Cartões de clubes "só para homens"?

— Nenhum.

— Retratos da namorada?

— Não.

— Por falar em namorada... quem é ela? — Deirdre cruzou os braços como se o tema fosse terrivelmente interessante e merecesse a máxima atenção.

Na véspera, falar sobre Nancy parecera a Neil, no mínimo, perigoso. Naquele momento, porém, já não fazia a menor diferença... Ou Nancy ou a Primeira Guerra Mundial, tanto fazia: dois eventos passados, perdidos no tempo, que já podiam ser analisados sem emoção ou risco de surpresas desagradáveis.

— Não é... Foi uma moça com a qual estive envolvido, mas que já não vejo há algum tempo.

— Evidentemente! Pois se veio se meter nessa ilha deserta para fugir dela! Quanto tempo? Dois dias e meio? Está bem, está bem... — Deirdre fez um gesto com a mão, armando-se de paciência, ao ver o olhar que Neil lhe lançou. — Acredito que não tenha vindo para cá por causa dela... Mas me conte: por que vocês terminaram?

Neil coçou a barba, franziu os lábios, depois a testa, tentando decidir como começar.

— Digamos que ela tenha descoberto que eu não tinha o potencial de enriquecimento com que ela contava... Que tal?

— Um pouco vago... — Deirdre reproduziu cada um dos gestos dele. — Com o que é que a moça contava? Com um Onassis?

— Provavelmente.

— E por que é que estou com a impressão de que você não ficou horrivelmente abalado com... a decepção que causou à pobre garota?

— Ela não era pobre. — Neil folheou o livro. — Era muito rica. E se você está com essa impressão é porque eu, sinceramente, não fiquei abalado com o fim... daquilo.

Deirdre precisou de vários segundos até decidir-se a formular a pergunta que já estava pronta em sua cabeça. De repente, respirou fundo e mergulhou:

— Você já foi casado?

— Mas... que idéia é essa, agora?! — Neil arregalou os olhos.

— Uma idéia como outra qualquer. — Ela levantou os ombros. — Você perguntou se eu era casada... Estou lhe perguntando a mesma coisa. Qual é o problema?

— Não sou casado e nunca fui casado.

— Por quê?

— Eu não lhe perguntei por quê. — Neil levantou uma sobrancelha. — É uma pergunta muito pessoal e não é de bom-tom que...

— Bem, se não é de bom-tom eu não sei. — Ela riu. — Mas me diga: por que nunca se casou?

Neil viu-a rir e, de repente, sentiu-se leve e tranquilo, como não se sentia havia muito tempo. Riu, também, acomodando-se no sofá.

— Você acreditaria se eu lhe dissesse que ainda não tive tempo para pensar em casamento?

— Não.

— Eu sabia... De qualquer modo, é verdade, pelo menos em certo sentido. Passei os últimos quinze anos de minha vida pensando apenas em minha carreira. O trabalho pode ser tão absorvente como uma mulher...,

— "...até que você encontre a mulher certa", diria minha mãe. Raríssimas vezes sou obrigada a reconhecer que ela tem razão. — Deirdre suspirou. — Por quê, então, ainda não encontrou a mulher certa?

— Talvez porque eu seja muito exigente. Gostou?

— Para mim, a resposta parece satisfatória... mas minha mãe continuaria insistindo em dizer que "quem espera sempre alcança". A verdade talvez seja um pouco diferente: talvez você esteja à espera de uma mulher que não existe... — Sorriu. — Alguém que goste de homens barbudos, que detestem sapatos... e que adore ouvir grosserias o dia inteiro.

O golpe caiu no vazio. Neil riu muito, um delicioso riso de puro prazer, coçando a barba que já lhe cobria o rosto todo.

— Esta barba está ficando ótima... Você não gosta?

— Eu?! — Deirdre perguntou espantada.

— É..., já que você é a única mulher aqui presente. Nunca deixei a barba crescer... Desde os quinze anos, a primeira coisa que faço ao acordar é cumprir o sagrado e cansativo ritual masculino de fazer a barba. E para quê? Para ficar com cara de limpo, asseado, elegante... e ser bem-aceito pelos outros. Estou descobrindo agora o prazer de parecer sujo e mal vestido e não estou ligando a mínima para o que os outros possam pensar. — E definiu, com um sonoro palavrão, o que esperava que os outros fizessem com suas opiniões a respeito de sua barba e de sua aparência.

Deirdre sorriu. Na verdade, ele não parecia sujo, nem mal vestido... Era mais elegante que qualquer dos executivos das Empresas Joyce, metidos em seus ternos caríssimos, com seus sapatos de cromo italiano e com seus queixos barbeados pelas mãos dos mais caros barbeiros da cidade. E, rindo de prazer, livre para dizer os palavrões que quisesse, quando quisesse, sem se preocupar com nada... parecia mais sexy do que qualquer homem que ela conhecia.

— Você está vendo? Não vou cometer a grosseria de dizer a você que controle sua língua. É ótimo poder dizer palavrões... — Ela suspirou. — O seu trabalho exige que você esteja sempre impecável, não é? Que pense antes de falar, que não se atrapalhe com os talheres nos jantares de cerimônia, que sirva o vinho em primeiro lugar sempre à senhora mais jovem que estiver à mesa...

— Não imaginava que você fosse especialista em etiqueta. — Neil sentou-se no sofá, olhando para ela como se Deirdre acabasse de cair de outra galáxia.

— Se algum dia eu conseguisse tirar de dentro da minha cabeça tudo o que aprendi de inútil e imprestável, sobraria espaço até para aprender a dançar o Lago dos Cisnes com as duas pernas engessadas... Mas fale do seu trabalho. Como são essas empresas para as quais você trabalha? São grandes? — Deirdre encolheu a perna e cruzou os braços à volta do joelho.

— Não! — Neil cruzou os braços, aceitando o clima de franca cordialidade e confiança, mas rejeitando o assunto. — Chega de falar de mim... Quero saber alguma coisa sobre você. — Sorriu. — Você já foi casada? Perdoe a falta de bom-tom...

— Bom-tom à parte, nunca casei porque nunca me pediram em casamento. — Ela deu uma gargalhada.

Neil também riu alto, os dentes parecendo ainda mais brancos e mais brilhantes em contraste com a barba escura.

— Sabia que você diria isso... Mas foi apenas uma boa frase, e eu quero

saber a verdade. — Ele a olhou no rosto, ainda rindo. — Por quê? Por que você está me olhando assim?

— Porque é a primeira vez que você ri... Uma verdadeira risada, descontraída, alegre...

Neil não afastou os olhos do rosto dela, e sua risada foi se transformando aos poucos em uma expressão de doçura, de carinho... Muito, muito doce.

— E é a primeira vez que você fala assim... como se fôssemos amigos há muito tempo. Como se nos conhecêssemos bem e pudéssemos confiar um no outro. — "Como se pudéssemos nos amar...", pensou. Mas não disse mais nada. Já tinham percorrido uma longa distância, um em direção ao outro... e por enquanto já era mais que suficiente.

Deirdre também calou-se, mas não fugiu dos olhos dele nem da sensação que a envolvia dos pés à cabeça. Estava se sentindo mulher... mais mulher do que nunca. E a sensação pareceu-lhe deliciosa.

— Você está querendo ser gentil comigo — falou sorrindo. O que um homem como aquele poderia estar vendo nela? De perna quebrada, sem maquiagem, sem busto, sem cabelos de artista de cinema. — E isso é ótimo... Mas o que é que você quer em troca da gentileza? Que eu lave e passe toda a sua roupa?

— Agora você está corada como uma adolescente...

Vermelha, Deirdre pensou, abaixando os olhos: "O que mais vai acontecer? Será que vou começar a gaguejar?! O que aconteceria se... Mas por que ele? Por que estou me sentindo desse jeito?! Oh, Vitória... O que é que você foi fazer comigo!"

— Chega de brincadeiras! — disse alto, novamente séria e mediu novamente Deirdre Joyce dos pés à cabeça, como se conhecia havia vinte e nove anos.

— Que pena... — Neil riu. — Você estava deliciosa...

— Não sei por quê! Não sou deliciosa, nunca fui deliciosa e jamais serei deliciosa. Não sou boazinha, nem submissa, nem...

Neil riu novamente, embora já sem a alegria de antes.

— Jamais pensei que você fosse boazinha ou submissa. Você é briguenta e implicante e reage como uma adolescente a um simples gesto de afeto. No meu caso, bastou um olhar de afeto. O que houve? Foi um homem? — O olhar dela fez Neil parar, sentindo que pisava em terreno escorregadio e perigoso.

— Houve mesmo um homem. Fui usada e depois deixada de lado como um chinelo velho. Não foi uma experiência agradável.

— Essas experiências nunca são agradáveis. — Neil esperou para ver o que mais viria. Como Deirdre calou-se, ele insistiu: — O que aconteceu?

Deirdre avaliou as chances que tinha: falar significaria livrar-se daquele assunto para sempre, pelo menos enquanto durassem as férias na ilha... Se calasse, na manhã seguinte Neil acharia um modo de voltar ao tema. Resolveu falar. Acomodou-se na poltrona, querendo parecer o mais à vontade possível.

— Aconteceu que eu estava no caminho de um homem que, como não tinha nada de melhor para fazer naquele momento, apaixonou-se por mim. E continuou perdidamente apaixonado até que chegou a minha vez de precisar de apoio, solidariedade, carinho, café e quarto arrumado. Então, como ele não queria dar, só queria receber, a paixão secou como... uma uva rosada se transformando em passa.

— "Café e quarto arrumado" incluía casamento?

— Não, claro que não... Embora, a longo prazo, eu não tivesse nada contra a idéia de chegar a me casar com ele. Minha família tinha certeza de que nos casaríamos e seríamos felizes para sempre. Mas, como sempre, minha família

não entendeu exatamente o que estava acontecendo. Sou independente deles e...

— Você é sexualmente liberada e acredita que a qualidade pode estar escondida na quantidade e, por isso, costuma ter dúzias de parceiros sexuais porque... — Neil franziu as sobrancelhas, sentindo-se mais frustrado do que seria racional, lógico e sensato.

— Não, não! — Deirdre riu, divertida. — Sou exatamente o oposto disso... Detesto ter casos, não vou a festas, não namoro e tenho certeza absoluta de que ser sexualmente liberada às vezes significa apenas ter o direito de dormir sozinha. Pelo menos para mim, a liberdade sexual significa exatamente isso: o direito de escapar... pelo amor. Você entendeu? Detesto fingimentos de qualquer tipo, em qualquer área.

— O que é que "fingimentos" têm a ver com casamento? — Neil perguntou, mais aliviado do que seria lógico.

— Estou pensando nas pessoas que se casam apenas porque a família, ou a sociedade, ou "os outros" de quem você estava falando esperam que se casem... E ficam anos fingindo-se de normais, felizes e bem-amados.

— E os filhos?

— O que é que têm os filhos? — Ela arregalou os olhos.

— Você pensa em ter filhos?

— Algum dia... E você?

— Algum dia...

Os dois ficaram calados um instante, com os olhos fixos um no outro, pensativos. Depois, ao mesmo tempo, os dois voltaram aos seus livros. Deirdre ainda não acreditava que haviam conseguido conversar. O que haveria nele que a fazia confiar como se o conhecesse muito bem? Acabou concluindo que não havia nada de especial com Neil Hersey... A situação em que estavam é que começava a fazer com que os dois confundissem tudo, perdessem os parâmetros reais, saíssem da realidade como haviam saído do continente. Por que estavam ali? Ela, pelo menos, estava à procura de paz para poder pensar, avaliar os planos que tinha, o que poderia fazer, que rumo daria à sua vida. Quanto a Neil... talvez ele lhe contasse, talvez não. Mas era natural que, aos poucos, os dois comessem a se aproximar um pouco mais. O que não significava que ele se interessasse tanto por ela. Se houvesse qualquer outra mulher por perto... "Deirdre", ela alertou-se, "pare de inventar fantasias, pare de se comportar como uma idiota e reaja como uma mulher madura, equilibrada e racional."

Neil estava pensando no futuro, mas, pela primeira vez, o futuro já não se resumia à sua carreira. Em algum ponto do futuro talvez pudesse existir mesmo um casamento, crianças... desde que não tivesse de engolir qualquer "fingimento", como Deirdre acabava de dizer. E Nancy? Oh! Nancy poderia perfeitamente ser coroada "Miss Fingimento" do ano...

Neil virou a página e já estava chegando ao fim dela quando percebeu que não havia lido nem uma única palavra. Levantou a cabeça e viu Deirdre encolhida na poltrona, com a cabeça curvada sobre o livro. Era briguenta e implicante, mas sincera, honesta e muito franca. Tinha tão poucas respostas quanto ele próprio para quase as mesmas perguntas, mas era honesta... E isso lhe parecia reconfortante... muito, muito reconfortante!

Neil esforçou-se para se concentrar no que estava lendo e, aos poucos, acabou absorvido, esquecido do tempo. A chuva continuava caindo quase que sem interrupção, e o ruído monótono da água pingando das calhas tornava a sala ainda mais aconchegante.

De repente Neil deixou o livro sobre o sofá, levantou-se e se espreguiçou:

- Vou preparar uns sanduíches. Você quer um?
- Que tipo de sanduíche? — Deirdre levantou a cabeça do livro.
- Mas... o que é que você está pensando? Estou lhe oferecendo um sanduíche! Estou me propondo a preparar o seu almoço... e você ainda quer saber que tipo de sanduíche?! Devia dar graças a Deus que...
- Não lhe pedi que fizesse nada. — Deirdre respirou fundo, fazendo uma careta de impaciência.
- Você prefere preparar a sua comida?
- Depende do tipo de sanduíche que você vá preparar. Ou melhor, que você saiba preparar — ela se corrigiu, outra vez abaixando os olhos para o livro.
- Sei fazer qualquer sanduíche que você sonhe em comer. O problema é que, como estamos muito longe de qualquer supermercado, estou limitado ao que tivermos na geladeira. — Em largas passadas Neil foi até a cozinha, abriu e fechou a geladeira e Deirdre o ouviu remexer na lataria já arrumada na despensa. — Você pode escolher qualquer um dos seguintes sanduíches: — Deirdre o ouviu gritando da cozinha — presunto e queijo, quente ou frio; queijo e molho de tomate; queijo simples, grelhado ou não; queijo e pasta de anchovas; cheesebúrguer-salada; cheesebúrguer-egg; pão com manteiga e pão com geléia. — Neil tomou fôlego. — Se preferir, ainda pode comer qualquer dos ingredientes usados nos sanduíches acima citados, usando as mãos ou garfo e faca, o que quer dizer: sem pão.
- Qualquer daquelas opções parecia ótima, especialmente naqueles dias de pouco exercício e pouca fome, mas Deirdre não quis render-se sem luta.
- Será que você podia repetir? — gritou para a cozinha, sem tirar os olhos do livro. De repente ouviu-o se aproximar de volta ao living.
- Você ouviu perfeitamente, Deirdre. — Neil parou à frente dela, com as mãos na cintura.
- Oh... mas são tantas as opções que eu... — Deirdre levantou os olhos para ele e abriu os braços, como se realmente estivesse à frente de uma escolha difícil.
- Deirdre...
- Está bem, está bem... Então escolho... peito de peru!
- Não temos peito de peru na geladeira. Eu não falei em sanduíche de peito de peru e não...
- Mas eu tenho certeza de que vi uma embalagem de peito de peru fatiado na geladeira. Era uma embalagem amarela, escrita com letras...
- Deirdre! — Neil deixou os braços caírem ao longo do corpo e gritou para fazê-la parar: — Você quer ou não quer um sanduíche?!
- Quero.
- Que sanduíche?
- Queijo grelhado e pasta de anchovas.
- Finalmente! — Neil girou sobre os calcanhares e voltou à cozinha. No meio do caminho, perguntou, sem se virar: — Você tem dois segundos para resolver se prefere pão de centeio ou...
- Quero pão branco! Pão... comum — Deirdre respondeu rindo. — Obrigada.
- Ele parou um instante, esperando que ela ainda fosse resolver mudar o pedido, mas como Deirdre não disse mais nada, continuou em direção à cozinha. Abriu novamente a geladeira e separou todos os ingredientes de que ia necessitar. Pouco depois Deirdre aproximou-se da porta da cozinha.
- Se você está pensando em mudar de idéia, desista porque o seu sanduíche já está quase pronto.

— Não, não, fico com o meu queijo grelhado e pasta de anchovas. — Ela cruzou os braços, apoiada na parede e ficou observando.

Neil abriu a lata de anchovas e despejou o conteúdo em uma pequena panela. Passou por Deirdre sem se virar, apanhou o vidro de maionese e uma colher, jogou duas colheres de maionese na panela, acendeu o fogo e começou a misturar tudo. Parou de repente e olhou para trás, desconfiado:

— O que é que você está olhando? Conhece outra receita melhor para preparar pasta de anchovas?

— Oh, não! Estava apenas interessada em vê-lo trabalhando na cozinha. Você parece muito habituado com panelas e latas... — Sorriu.

— E o que é que há de errado nisso? Está estranhando porque sou um homem que sabe cozinhar? É que sou um homem moderno...

— Claro! Qualquer homem é capaz de preparar um misto-frio... Mas você sabe fazer pasta de anchovas. Estou impressionada!

— Não há segredo algum em abrir uma lata de anchovas e...

— Mas é muito mais demorado que fazer um misto-frio.

— Em compensação, é muito mais gostoso.

— Eu adoro misto-frio.

— Então... por que pediu queijo grelhado e pasta de anchovas?! — Neil suspendeu a colher sobre a panela e virou-se para ela, enfezado.

— Para saber se você era capaz de vir para a cozinha e preparar um...

— Você está dizendo que escolheu o que lhe pareceu mais difícil... apenas para saber...

Deirdre resolveu que era hora de bater em retirada.

— Era uma brincadeira... — Sorriu. — Estou morrendo de vontade de comer pasta de anchovas e queijo grelhado!

Neil deixou a colher sobre o fogão, desligou o fogo e, sem tirar os olhos do rosto dela, aproximou-se:

— Não... Eu não posso acreditar que você tenha falado em peito de peru apenas para ser desagradável e que tenha escolhido essa droga de pasta de anchovas para me dar trabalho...

Se não estivesse com a perna engessada, Deirdre teria fugido em disparada. Mas não pôde dar nenhum passo. Tudo o que conseguiu fazer foi estender as duas mãos à frente para se proteger.

— Por favor, Neil... Não precisa ficar zangado! Foi uma brincadeira... Ou será que você fica inibido quando há mulheres na cozinha? — Tentou rir, mas também não conseguiu. — O que... o que é que você está fazendo?!

Não era necessário perguntar, pelo menos quanto aos gestos dele; ele a levantou do chão, com a perna engessada e tudo, e carregou-a nos braços, como um bebê, para fora da cozinha.

— Não suporto mais a sua presença! Não suporto mais olhar para você — Neil gritou, levando-a para o living. — Quero você fora do meu caminho... Você já foi além dos limites! Você é insuportável!

Mas não parou no living. De repente, sem mais nem menos, mudou de rumo e andou diretamente para o quarto.

— Você vai ficar aqui dentro e fale o quanto quiser! Reclame o quanto quiser... — Neil parou junto à cama.

— Não me jogue aí! — Deirdre gritou, agarrando-se à gola da camiseta dele. — Vai quebrar o gesso!

Neil suspendeu o gesto, parado como se, de repente, tivesse ficado petrificado. Mas não estava absolutamente preocupado com o gesso. Estava

sentindo a mão esquerda agarrada a uma coxa rija, mas maravilhosamente macia... E com a ponta dos dedos da mão direita tocava a forma arredondada de um seio suave, macio... muito, muito feminino, surpreendentemente sexy! Estava descobrindo que Deirdre Joyce tinha olhos verdes e luminosos, lábios úmidos... e que estava outra vez corada como uma adolescente...

Deirdre sentiu-se suspensa no ar... junto ao corpo, o corpo dele, que era quente, forte, e tinha os músculos retesados pelo esforço. Os cabelos estavam ao alcance da mão, mais escuros e mais macios do que poderia ter imaginado. Os olhos eram negros como o céu de uma noite de verão, e seus lábios, retos e finos... A boca de Neil Hersey era úmida, tão próxima... E ele cheirava a floresta, a pinheiros... a terra molhada de chuva... Os pêlos do peito eram macios, escuros...

Neil curvou-se e colocou-a sobre a cama, deitada de costas, mas não se afastou. Ficou como estava, curvado sobre ela, com as mãos apoiadas no colchão, uma de cada lado.

— Não estou entendendo mais nada — disse baixinho, a voz rouca, ofegante, a boca bem próxima da boca de Deirdre. — Acho que estamos com claustrofobia... Isso deve ser um delírio de febre... — E aproximou os lábios, com os olhos presos nos dela.

Deirdre gemeu baixinho.

Capítulo 6

O primeiro beijo foi muito leve, apenas um roçar de lábios, como se os dois quisessem experimentar o gesto um do outro. Aos poucos, Neil foi envolvendo-a com os braços, e Deirdre tocou-lhe os cabelos da nuca, puxando-o para mais perto, e entreabriu a boca. Ele apertou-a de encontro ao peito, e beijou-a com mais força, mais calor...

— Neil... — ela gemeu. — Oh, Neil...

— Me beije, Deirdre — disse ele num sussurro.

Aquela voz rouca, o calor dos braços dele em seu corpo e o gosto úmido de seus lábios a fizeram esquecer de tudo. Deirdre passou a língua de leve pelos lábios de Neil, depois ergueu o corpo para colar-se a ele e o beijou com todo o calor de seu coração forte e solitário. Como jamais havia beijado homem algum... Sentiu na língua o gosto daquele homem que desejava desde que o vira. Fechou os olhos e mergulhou num sonho morno de sensações que ainda não conhecia, mas pelo qual todo o seu corpo parecia estar esperando havia séculos!

— Deirdre... — Neil acariciou-lhe os cabelos, passou-lhe a ponta dos dedos pelos lábios, encostou a testa na dela e fechou os olhos. — Oh, Deirdre... por que você fez isso?

Deirdre mal o ouviu. Começava a voltar à realidade, com o coração aos pulos, o sangue correndo.

— O quê? — perguntou baixinho. — O que foi que você disse?

— Por que você fez isso?! — ele repetiu.

— Mas... você pediu! Você disse: "Me beije, Deirdre". — Abriu os olhos e olhou para ele, assustada. — Você não disse?

— Sim... — Neil separou-se dela e sentou-se à beira da cama. Mesmo de costas, Deirdre podia senti-lo respirando forte, ainda sob o efeito do que havia

acontecido. — Pensei que seria apenas um beijo... um beijo simples... Não imaginei que você fosse fazer assim... — Ele estava furioso; não apenas excitado ou assustado, zangado!

Deirdre respirou fundo, tentando entender o que poderia estar acontecendo.

— Mas foi você que me carregou para cá... — Ela arregalou os olhos, lutando para conseguir sentar-se na cama. — Você que se aproximou, me prendeu aqui... e me beijou! Foi você quem começou! Que culpa tenho eu se...

— Você tem toda a culpa. Poderia ter sido um simples beijo! — ele quase gritou, ainda de costas para ela. — Eu devia ter imaginado! — E, sem dizer mais nada, levantou-se e saiu do quarto, tropeçando na cadeira em que estava a mala.

Deirdre afinal conseguiu sentar-se na cama, baixou uma perna e, depois, lentamente, fez descer a perna engessada. O primeiro momento foi de total confusão, mas segundos depois já estava tão furiosa que seria capaz de correr até a cozinha apenas pelo prazer de poder jogar-lhe uma panela na cabeça. "Um simples beijo..." Mas o que é que ele estava pensando? Que ela não fosse capaz de beijá-lo de verdade? A idéia de tê-lo deixado descontrolado encheu-a de satisfação. Deirdre sorriu, e o prazer da descoberta fez desaparecer toda a sua zanga. Talvez o problema fosse outro: talvez Neil Hersey não quisesse envolver-se... Mas ela também não queria envolver-se com ninguém! Muito menos com ele. Mas se nem um nem outro queria envolvimento...

— Ele tem razão... — ela disse baixinho, olhando a perna engessada. — Estamos nos metendo na maior confusão possível.. Estamos à beira de uma total emergência! E não vai ser fácil convencer Thomas Nye de que ele precisa vir imediatamente só porque eu beijei o Sr. Hersey e... acordei um vulcão adormecido!

Mas Deirdre não estava muito certa de que queria que Thomas fosse. Apenas metade do que Neil havia dito era verdade. A outra metade era que ele também a beijara. Que respondera ao beijo dela com o mesmo calor. Que provocara aquele beijo! Claro... Tudo havia começado por causa dele. Neil havia se aproximado e olhado para ela com aqueles olhos escuros... e pedira que o beijassem, com a voz rouca, os olhos brilhando de desejo...

Deirdre baixou a cabeça, fechou os olhos e concentrou-se apenas em respirar profundamente, inspirando fundo até encher os pulmões e deixando o ar escapar por entre os lábios, até sentir o diafragma encostado às costelas. "Hiperoxigenação", costumava dizer às suas alunas, "é remédio para todos os males: acalma, purifica o sangue, serve para revigorar qualquer organismo debilitado."

— Mas que droga! — disse alto, saindo da cama. — E para que é que eu preciso de ainda mais energia, fechada nessa casa com esse homem que foge de mim?

Nesse exato momento, Neil reapareceu na porta do quarto. Parou como se não estivesse muito seguro do que devia fazer. Acabou resolvendo entrar, mantendo-se à distância.

— Está tudo pronto. Se quiser almoçar, a comida está na cozinha. — Antes de terminar de dizer a frase já saía do quarto.

Deirdre apanhou as muletas que estavam encostadas na parede e ajeitou-as embaixo dos braços.

"O que vai ser de nós nessa casa?" Fechou os olhos e suspirou. A única solução seria desistir de tudo... abandonar a ilha, os planos, voltar a Providence e encarar os fatos. Mas ela jamais daria a Neil o prazer de vê-la fugir.

Os sanduíches já estavam nos pratos quando Deirdre chegou a cozinha. Neil se encontrava sentado no mesmo lugar em que havia jantado na véspera e deixara o prato dela à sua frente. Deirdre sentou-se e comeu todo o sanduíche sem levantar a cabeça. Quando acabou, elogiou-lhe as habilidades culinárias, sem sorrir. Neil agradeceu os elogios também sem sorrir. Quando ela já estava se preparando para levantar, Neil ofereceu-lhe café. Fraco, exatamente como ela gostava, e bem quente. Ela agradeceu, e ele limitou-se a um rápido aceno de cabeça.

Durante toda a refeição, os dois pensavam apenas em uma coisa, exatamente a mesma: naquele beijo... e em até onde poderiam ter ido se ele não tivesse fugido. E os dois se perguntavam também a mesma coisa: "E agora?"

Certa de que não conseguiria ler nada, Deirdre resolveu dedicar-se a fazer tricô. Foi até o quarto, apanhou a sacola com as lãs e as agulhas e voltou para o living. Neil sentou-se em uma das poltronas em frente à lareira e pousou uma enorme xícara de café na mesa ao lado.

— O que é que você está fazendo? — perguntou ele, com um bocejo de tédio.

— Uma blusa — Deirdre nem levantou os olhos.

— Para você?

— Se Deus ajudar. — Ela curvou-se, apanhou um novelo de lã e puxou a ponta para desenrolar um comprimento de lã que lhe pareceu razoável. Sobre as pernas tinha o livro *A magia do tricô*. Leu de novo as instruções de como colocar os pontos na agulha.

— Essa cor é muito bonita — Neil sorriu.

— Também gosto de verde-claro, obrigada. — Deirdre prendeu a linha entre o polegar e o indicador e começou a manobrar a agulha.

— É tão difícil assim? — Neil virou-se na poltrona e parecia muito interessado nas caretas que ela ia fazendo, acompanhando as complicadas manobras da agulha.

Deirdre suspirou.

— São necessários oitenta e cinco pontos para começar. Ainda faltam oitenta e três.

— Mas vai ficar muito quente... Você está fazendo uma blusa para ir esquiar?

— Estou. — Um dos dois únicos pontos bem-sucedidos até aquele momento escapou da agulha, e Deirdre, pacientemente, recomeçou a montá-lo.

— Você esquia bem?

— Esquiava.

— Muito bem ou apenas bem?

Deirdre deixou cair as agulhas sobre o colo e encarou-o:

— Já lhe disse que sou, ou que era, professora de dança e ginástica. Isso significa que sempre me dediquei a fazer esportes. Sei nadar, jogar tênis, esquiar, faço bale clássico três vezes por semana e dança moderna às terças e quintas, além de jogar vôlei e patinar no gelo. Se achar que é o caso, ouça tudo isso no passado. Mas, pelo amor de Deus, pare de fazer perguntas e me deixe pensar no que estou fazendo!

— Minha mãe fazia tricô olhando para a televisão, conversando e tomando café, tudo ao mesmo tempo.

— Sua mãe sabia fazer tricô... e eu estou tentando aprender.

— É a primeira vez? — Neil riu baixinho.

— É. E o que tem isso de engraçado?

— Nada. Você pensou em começar a aprender a tricotar porque quebrou a

perna?

— Comprei essas lãs há muito tempo. Mas agora achei que tinha tempo para aprender.

Neil não fez nenhum comentário. Deirdre apanhou o livro, releu atentamente as instruções, desmanchou os dois pontos que fizera e recomeçou. Depois de ter conseguido os quatro primeiros, continuou sem parar até completar todos os oitenta e cinco de que precisava. Estava pronta para passar ao segundo capítulo: "Ponto Sanfona 2x1".

Neil acabou o café, levou a xícara de volta à cozinha, lavou-a e guardou-a no armário de louças. Deu alguns passos pelo living e, como não lhe restasse alternativa, voltou a apanhar o livro. Enquanto isso, Deirdre continuava a lutar contra as agulhas e os desesperantes pontos "Sanfona 2x1", levantando os olhos de tempos em tempos para se certificar de que Neil não a estava olhando. Neil parecia absorto na leitura, mas, cada vez que olhava para ele, Deirdre precisava reler as instruções porque não conseguia lembrar-se de mais nada.

Neil estava deitado no sofá, com uma almofada vermelha apoiando-lhe a cabeça. As longas pernas estavam estiradas, os pés descalços cruzados sobre o braço do sofá, um braço dobrado por cima da cabeça e o outro à frente, segurando o livro sobre a barriga.

Deirdre sabia que jamais poderia esquecer o calor dos braços dele à volta de seu corpo, a aspereza da barba que roçava-lhe o rosto enquanto a beijava...

Neil, por sua vez, não estava tão atento ao livro quanto parecia. Quanto mais se esforçava para pensar nos acontecimentos que haviam antecedido a eclosão da Primeira Guerra Mundial, mais seus pensamentos se voltavam a Deirdre. O cabelo dela cheirava a alfazema e jasmim. O erro mais grave fora descobrir o gosto daqueles lábios... Um gosto de fruta madura, doce, úmido, fresco... que o tentava com o gosto inatingível de um fruto proibido.

Quando, pela centésima vez, tirou os olhos do livro e virou-se para espia-la, Deirdre ainda lutava contra as agulhas e o longo fio de lã verde que teimava em enroscar-se nos pés da poltrona. Ainda assim, parecia graciosa e elegante como uma bailarina, com o pescoço fino curvado sobre o trabalho, o cabelo dourado e fino caído dos lados do rosto... "Macio e perfumado", ele completou em pensamento, respirando fundo. Mesmo fazendo tricô, encolhida em uma poltrona, com a perna engessada estendida à frente e as sobancelhas franzidas, ela lhe parecia leve, elegante, suave... como uma bailarina... ou uma fada!

Assustado, Neil fechou o livro e saltou do sofá. Deirdre ficou intrigada.

— O que foi agora? — perguntou.

— É impossível ler com você aí... É irritante! Sinto-me como se estivesse sendo vigiado.

— Nisso, pelo menos, estou de acordo com você. É irritante, tentar fazer tricô sabendo que há um estranho na sala. É exatamente como se eu estivesse sendo vigiada. Perfeito!

— Oh, droga! — Neil deu alguns passos pelo living. — Não é nada disso, desculpe. Estou irritado, nervoso... é só. Desculpe.

— Talvez seja o livro. — Deirdre concentrou-se novamente nas agulhas. — Escolha outro.

— Não, não é o livro. — Neil passou a mão pelos cabelos. — E se jogássemos alguma coisa? Vitória tem um armário cheio de jogos no quarto de hóspedes.

Deirdre deixou escapar dois pontos e largou as agulhas sobre o colo. Não estava muito certa de que fosse boa idéia começar a jogar com Neil Hersey... fosse o jogo que fosse.

- Que tipo de jogo? — perguntou, desconfiada.
- Qualquer um... War, Monopólio, pôquer, xadrez...
- Detesto Monopólio. É jogo de azar.
- E War?
- Sempre perco. Não entendo nada de estratégias e táticas. Não sei jogar pôquer e detesto xadrez.
- Até meu cachorro sabia jogar pôquer. Está bem, está bem. — Neil virou-se rapidamente para ela antes que Deirdre pudesse começar a protestar. — Meu cachorro ficava parado e eu jogava por ele e por mim. Mas eu tinha só nove anos. Esqueça os jogos.
- E se escolhêssemos um filme? Há dúzias de filmes aí na estante... — Era uma boa idéia e, além disso, já estava começando a se cansar de fazer tricô.
- Está bem. — Neil aproximou-se da estante. — O que é que você quer? Nenhum? É o filme que deu origem à série... Está interessada?
- Não gosto de...
- ... séries de televisão. É, você já disse... — Neil continuou examinando a estante. — Quem sabe... Love Story? Não. Muito romântico e lacrimojante.
- E o que tem isso? — Deirdre cruzou o braços.
- Detesto romances lacrimojantes.
- E o que mais há aí? Vá lendo os títulos. Quem sabe algum filme antigo... ou James Dean em Assim Caminha a Humanidade...
- Você enlouqueceu? O que é que está querendo? Um terremoto dentro dessa casa? — Abriu os braços, sem encontrar palavras para dizer o que poderia acontecer. — Não — disse mais calmo, virando-se novamente para a estante. — É um filme muito pesado...
- Deirdre engoliu em seco. Não conseguia entender por que lhe ocorrera a idéia estúpida de sugerir exatamente aquele filme. Neil Hersey estava absolutamente certo: talvez provocasse mesmo um terremoto!
- Aqui está! — Ele sorriu, já com um filme na mão. — Cary Grant em Intriga Internacional! Perfeito!
- Adoro esse filme! — Deirdre riu, feliz, antes mesmo de se dar conta de que estavam em perfeita comunhão de gosto pela primeira vez. Levantou-se, ajeitou as muletas e andou em direção ao sofá, bem em frente do aparelho de televisão.
- Neil colocou o filme no videocassete, apertou vários botões, apanhou o controle remoto e também aproximou-se do sofá. Mas não se sentou até que Deirdre tivesse concluído todas as operações com as muletas. Quando afinal a viu acomodada, sentou-se também, deixando entre os dois uma distância segura.
- Já começavam a aparecer os primeiros créditos do filme e, novamente, ele se levantou de um salto, correndo para a cozinha.
- O que foi?! — Deirdre respirou fundo, invejando aquela facilidade para sentar-se e levantar-se.
- Precisamos de pipocas! — Deirdre ouviu-o bater palmas de alegria. — Uma montanha de pipocas!
- Para mim, sem manteiga.
- Mas... que graça pode existir em pipocas sem manteiga? — ele gritou. — Não acredito que você...
- Manteiga é gordura, e gordura faz mal à saúde. Se quiser ter um enfarte, encha-se de manteiga derretida. Mas eu quero pipoca sem manteiga!
- Está bem. Com manteiga para mim e sem manteiga para você. Em trinta segundos a madame estará servida, porque sou mestre em fazer pipocas no forno de microondas.

Deirdre cruzou os braços e olhou para a televisão, atenta. Aos poucos, sentiu o rosto relaxar, todo o corpo mais leve, o coração quase feliz. Neil estava sendo maravilhoso... Parecia estar se habituando a não discutir muito. Talvez estivesse apenas querendo ser um pouco mais gentil, mas talvez também estivesse percebendo que ela também daria qualquer coisa para se livrar daquele gesso, para poder andar... e voltar a ser uma pessoa bem-humorada e alegre.

Pouco depois, Neil voltou com uma travessa cheia de pipoca ainda fumegante, que colocou sobre o sofá, entre os dois.

— Sem manteiga para nós dois. — Ele sorriu. — Comecei a pensar no enfarte e resolvi seguir seu conselho.

— Ótimo! Você também é capaz de reagir com bom senso quando...

— Psiu! Fique quietinha que eu quero ver o filme.

— Mas o filme está parado! Você desligou quando foi para a cozinha e...

— Pronto, pronto, já está ligado... Agora fique bem quietinha.

Deirdre calou-se, tentando concentrar-se nas imagens. Apanhou um punhado de pipoca e começou a mastigar. Depois outro punhado.

— É estranho ver esse filme em casa... — disse de repente. — No cinema, com a sala escura, é mais fácil concentrar-se apenas na imagem. Mas assim...

— Psiu! — Neil também não estava conseguindo concentrar-se, o que não fazia a menor diferença, pois conhecia muito bem o filme; já o vira em casa várias vezes. O que o perturbava cada vez mais era Deirdre, ao lado, tão próxima que poderia tocá-la se estendesse o braço.

De repente, seus dedos se tocaram sobre a travessa, à procura de pipoca. E os dois recolheram a mão como se tivessem tomado um choque elétrico.

"Tudo por causa daquele beijo...", Neil pensou. Que idéia estúpida, ridícula, adolescente! E agora lá estavam os dois, assustados com o que poderia acontecer, fingindo que não estavam ali sentados em um delicioso sofá de couro, em uma ilha deserta, numa tarde de chuva! Os dois desesperadamente conscientes da presença física do outro, os dois ardendo de vontade de estender o braço e se tocar.

"Ah... como seria simples." Deirdre engoliu mais pipoca com os olhos fixos na televisão. "Como o mundo seria simples e confortável se bastasse ter vontade de tocar em um homem, estender o braço e tocá-lo! E depois dar-lhe boa-noite e ir dormir tranqüila, sem preocupações e sem desejos... Maldito beijo! Maldita ilha! Maldito Neil, com todas as gentilezas, grosserias, pipocas e sanduíches!"

Ao lado, Neil a viu mexer-se no sofá, como se não conseguisse encontrar uma posição cômoda para a perna engessada.

— Sua perna está doendo?

— Um pouco.

— Quer que eu vá buscar uma aspirina?

— Não.

— Quer uma pomada analgésica?

— Não há nenhuma pomada analgésica aqui!

— Mas eu posso ir até Spruce Head e comprar. Iria a nado... — Neil recostou-se no sofá, com os olhos na televisão.

— Iria até voando... se você tirasse esse abrigo e deixasse eu fazer uma massagem em sua pobre perna engessada.

— Nunca vi alguém interessado em passar pomada analgésica em gesso... Isso é algum tipo novo de perversão que eu ainda não conheço? — Deirdre virou-se novamente para a televisão, com o corpo tenso, as costas retas.

— Não, Deirdre... — Ao lado, Neil suspirou. — Isso foi apenas uma

brincadeira. — "Ela tem medo... É mais que visível." Neil cruzou Os braços. "Mas medo de quê? De fazer sexo? De ser mulher, de deixar-se envolver, de perder o controle, de deixar-se levar por uma força maior, irracional, livre e poderosa?"

Enquanto pensava, Neil sentiu que ele também estava tenso, com o corpo dolorido. Havia também alguma coisa nele que bem poderia ser medo. Não era medo de fazer sexo... Nem de deixar-se envolver e arrastar... Seria o quê?

Muito tempo depois de Deirdre ter ido se deitar, Neil ainda continuava sentado em frente à lareira novamente acesa, coçando a barba, pensativo. Quando afinal resolveu ir para a cama, estava tão cansado que imaginou que dormiria em seguida. Mas o dia começou a clarear e ele ainda rolava na cama, sem conseguir decidir se o melhor seria ir dormir no quarto ao lado com os pés para fora da cama... ou sair de casa, respirar um pouco, tomar chuva... Durante toda a noite havia conseguido apenas mergulhar num estado de sonolência e torpor, interrompido várias vezes, cada vez que o seu corpo tocava o corpo de Deirdre.

Por mais que tentasse evitar qualquer contato, havia alguma força, como um ímã poderoso, que os atraía um para o outro. Muito estranho... Neil virou-se na cama, olhos muito abertos na escuridão. Tanto ele quanto Deirdre haviam viajado à procura de solidão absoluta e ali estavam, na mesma casa, sem jamais se separarem um do outro por mais de quinze minutos, dormindo na mesma cama.

Viu que ao lado, Deirdre também não conseguia dormir. Viu-a olhar em sua direção para tentar adivinhar, no escuro, se ele estava acordado e afastar-se para o extremo oposto da cama.

Não era mais possível suportar aquela tortura! Ele tinha de sair dali, tinha de sair de casa, respirar um pouco... Mas a chuva continuava, ininterrupta, batendo forte contra a parede envidraçada. Sem pensar mais, Neil saltou da cama, tropeçou nas roupas que deixara caídas no chão. Apanhou o casaco plástico com que havia viajado, jogou-o sobre as costas e saiu para a chuva.

Deirdre sentou-se. Quem lhe dera pudesse fazer a mesma coisa que Neil... saltar daquela cama, abrir a porta e sair! Já não suportava mais estar parada, fechada entre quatro paredes... Ou talvez fosse a presença de Neil que estivesse começando a sufocá-la. Não conseguira dormir um segundo, a noite inteira, mesmo antes de tê-lo visto aproximar-se para se deitar... Durante todo o tempo sentira-o presente, próximo, mesmo quando ainda continuava no living, sentado frente à lareira. Depois que o ouviu deitar-se, não parou um minuto de ouvi-lo respirar, virar e revirar na cama, também sem conseguir dormir. Seu corpo enrijecia-se, a perna latejava, o pescoço estava tão tenso que ela mal conseguia movê-lo. Talvez a única solução fosse mergulhar no mar e nadar para bem longe, até não poder mais avistar aquela ilha, a casa... e afinal ficar sozinha como sonhara, entre o céu e o mar, sem ninguém por perto.

De repente, Deirdre arrancou os cobertores, apanhou as muletas e andou até a gaveta em que colocara as roupas. O quarto agora já estava claro, com as primeiras luzes do dia, e afinal ela começava a ter uma idéia que talvez pudesse salvá-la.

Apanhou uma malha de ginástica, voltou à cama, sentou-se, arrancou o pijama e rapidamente vestiu a roupa. Depois apanhou o gravador, escolheu uma das fitas que havia levado, enrolou tudo em uma camiseta, apanhou a mochila e saiu com sua preciosa carga em direção a um dos quartos de hóspedes. Em segundos o som de uma das fitas de Barry Manilow encheu o quarto e a casa.

Deirdre respirou fundo, sorriu, fechou os olhos e começou a fazer com

cuidado a longa série de exercícios de alongamento que conhecia tão bem. Como não era necessário andar, não precisava das muletas, que ficaram jogadas sobre a cama. Aos poucos, foi conseguindo adaptar os movimentos à posição em que tinha de permanecer: em pé, praticamente equilibrando-se sobre uma perna. Não era a perfeição, mas pelo menos estava movimentando os músculos, conseguiria suar um pouco, aquecer-se, cansar-se, fazer o corpo trabalhar.

A música a ajudava a encontrar um novo ritmo para as flexões de tronco, e o espaço parecia ampliar-se à sua volta, moldado pelos movimentos de braço, à esquerda, à direita... Não tinha duas, mas uma perna perfeitamente preparada para sustentar-lhe o tronco; podia flexioná-la, estirá-la, girar sobre um pé... E o excesso de peso causado pelo gesso apenas a obrigava a um esforço extra, o que a fazia cansar-se mais, suar mais... e sentir-se, aos poucos, capaz de voltar a ser quase o que era antes do acidente.

Concentrada, em sua dança recém-descoberta, Deirdre não ouviu a porta da entrada da casa abrir e novamente se fechar. Neil ouviu a música mesmo antes de abrir a porta. Era um som agitado, com muita percussão, exatamente o oposto do que ele gostaria de ouvir ao chegar em casa... qualquer casa que fosse. E era tocada em um volume tão alto que ele nem se deu ao trabalho de tirar o casaco. Correu para ver o que poderia estar acontecendo. Principalmente, para dizer a Deirdre que, fosse o que fosse que ela estivesse tentando fazer para acabar de enlouquecê-lo por completo, não admitiria aquele tipo de ruído idiota, estúpido, comercial e ridículo. Não enquanto ele também tivesse direitos sobre a casa de Vitória! Já que não tinha a menor intenção de abrir mão de seus direitos, ela que tratasse de diminuir o volume e...

Quando porém chegou à porta do quarto de hóspedes e a viu de costas, não disse nem fez coisa alguma. Deirdre Joyce estava praticamente dançando... e era quase impossível acreditar que continuava com a perna quebrada. Mas não foram os movimentos de Deirdre que o fizeram parar, imobilizado, boquiaberto, com os olhos arregalados. Foi ela. O seu corpo... modelado pela malha de ginástica.

Já não era preciso passar horas e horas tentando adivinhar o que havia por baixo daqueles abrigos que ela fazia questão de usar. Havia um maravilhoso corpo de mulher, braços longos, finos, firmes, bronzeados... costas lindas, cintura fina e flexível... O busto arredondado, mais farto do que ele havia sonhado em seu melhores sonhos. Não podia saber ainda o que o gesso escondia... mas o que a malha cavada nos quadris deixava à mostra era mais que suficiente: um traseiro bem-feito e uma longa perna bronzeada, de linhas suaves, com a musculatura brilhando sob uma fina camada de suor...

Era de fato uma mulher muito feminina, elegante, graciosa... De repente Neil fechou os olhos e voltou a sentir nos lábios o gosto do beijo que haviam trocado. Como um sonâmbulo, deu meia-volta e andou para o quarto onde haviam dormido. Na metade do corredor já estava sem o casaco molhado de chuva e, quando entrou no banheiro, se despiu rapidamente e entrou sob o chuveiro frio. Só conseguiu respirar normalmente depois de deixar a água gelada escorrer pela nuca, pelo rosto, pelo sexo dolorido, ainda rijo. Tentou todos os truques que conhecia para se acalmar: pensou em Wittnauer-Douglass, na morte do tio menos de dois meses antes, em seu escritório em Hartford, vazio, sem clientes, o telefone mudo... Nada conseguia afastar a imagem de Deirdre... nada conseguia devolvê-la à casa de Thomas Nye, pálida, suja, molhada!

Mas, afinal, o corpo começou a reagir ao frio, a excitação começou a diminuir e, aos poucos, Neil conseguiu sentir-se quase normal. Abriu a torneira

de água quente e, mais calmo, forçou-se a pensar que apenas tomava um banho, como todos os dias.

Deirdre, sem saber do transtorno que acabara de causar, concluiu a longa série de exercícios e sentou-se para relaxar. Estava cansadíssima, mas sentia-se como nova. Precisava de alguns minutos de repouso e de um longo banho quente, para impedir que o suor começasse a evaporar e esfriasse os músculos. Depois do banho, bastaria comer um pouco... e a vida recomeçaria a sorrir-lhe outra vez.

Apanhou as muletas, andou até o pequeno gravador e desligou-o. A casa continuava em silêncio, sinal de que Neil ainda não havia voltado e de que poderia tomar banho sem medo de interrupções. Reuniu tudo o que havia levado e voltou pelo corredor, em direção ao quarto, sorrindo, orgulhosa do que tinha conseguido fazer e feliz por ter tentado. Se podia se exercitar com uma perna engessada, sem dúvida poderia voltar ao trabalho depois de tirar o gesso. Se fosse necessário, adaptaria as séries de exercícios a qualquer seqüela que, por acaso, lhe sobrasse das fraturas. Quem sabe até pudesse começar a pensar em preparar algumas séries especiais para pessoas deficientes, talvez para crianças... Aos poucos o futuro ia se abrindo como se alguém começasse a descerrar uma pesada cortina para deixar entrar a luz do sol! E tudo isso havia acontecido sem a presença de Neil Hersey. Havia feito tudo aquilo sozinha. Se conseguira vencer o gesso e a perna quebrada, claro que conseguiria vencer a tentação de se deixar envolver por, ele, de tocá-lo, de beijá-lo.

Foi o seu primeiro erro. No instante em que formulou esse pensamento, Deirdre deu-se conta de que estava querendo ir depressa demais. Havia apenas se exercitado, sentia-se fisicamente bem e os músculos haviam reagido. Mas isso era tudo. Quanto a Neil Hersey... a situação continuava exatamente como estava antes.

Ao entrar no quarto, restava bem pouco da euforia do corredor. Deirdre andou para o banheiro, de cabeça baixa, ouvindo o barulho ritmado das muletas como se fosse um canto fúnebre. Abriu a porta sem levantar a cabeça e entrou com o pensamento distante, imaginando que Neil estava andando pela ilha, tomando chuva apenas para não ter de ficar perto dela.

Seu segundo erro. Neil estava parado junto à pia, penteando os cabelos úmidos, perfumado de água de colônia... nu como Adão antes do pecado original.

Deirdre gritou de susto e quase caiu das muletas. Neil virou-se para ela, sério, atento, bem lentamente, sem querer assustá-la.

— Deirdre... — disse ele, baixinho, dando um passo em direção a ela.

Mas Deirdre não o viu, porque todos os seus sentidos estavam concentrados naquele corpo maravilhoso. Neil Hersey era o homem mais bonito que ela já vira e tinha uma musculatura invejável. E estava a um passo.. Bastaria estender a mão e poderia tocá-lo...

— Deirdre... — Neil repetiu, ainda mais próximo — venha...

Ele lhe tocou o rosto, deixou a mão deslizar por seu braço e sorriu.

— Tire essa roupa, Deirdre... Deixe-me vê-la. — Deirdre fez que não com a cabeça, sem conseguir tirar os olhos dos olhos dele. — Por que não?

— Porque estou suada. — A voz dela saiu como um sussurro.

— Então vou dar um banho em você. — O dedo de Neil tocou-lhe o mamilo, por cima do fino tecido da malha. Deirdre cerrou os lábios para não gemer, fechou os olhos. — Não é bom? — Neil aproximou os lábios de sua orelha e beijou-a.

— Não! — gritou de repente. — Eu não quero!

Claro que desejava poder tirar a roupa, deixar que ele a banhasse, que a

levasse para a cama, que a amasse... Mas não queria... não podia desapontá-lo! Ele a acharia bonita... Alguns homens a achavam bonita porque tinha um corpo bem-feito, mas... e depois?! Depois seria como sempre havia sido com Seth: o desejo, a vontade, a fome desesperada e alucinada de que alguém a aliviasse do desejo que a deixava queimando, e depois o vazio que parecia atravessar seu corpo... Ele a deixaria arder. Talvez acendesse um cigarro, como Seth... Talvez apenas saísse de dentro dela, se virasse e... dormisse! E ela?! Esperaria que a dor passasse, que o desejo acalmasse, tomaria um banho frio, chorando de frustração e desespero... Ou procuraria entre os cobertores o alívio que homem algum lhe dera... até, pelo menos, conseguir dormir um pouco.

— Preciso sair daqui, Neil! Por favor... deixe-me passar.

Neil deu um passo atrás, e Deirdre saiu do banheiro, rezando para que sua única perna boa não estivesse trêmula demais e a ajudasse a chegar, pelo menos, até o quarto de hóspedes. Não saberia dizer quanto tempo ficou lá, sentada, tremendo de frio e medo. Começou a despertar quando viu Neil parado junto à porta, vestido, descalço como sempre, olhando para ela. Daria qualquer coisa para ter certeza de que tudo estava como antes e de que tudo continuaria como antes. Mas sabia que não valia a pena sonhar com o impossível... As coisas entre eles jamais voltariam a ser... o que haviam sido!

Neil não parecia nem frustrado nem zangado. Entrou no quarto, apanhou um dos cobertores dobrados sobre a cama, abriu-o, colocou-o sobre os ombros dela. Fechou-o com cuidado sobre o peito e o pescoço e sentou-se à beira da cama.

— Do que é que você tem tanto medo, Deirdre? — perguntou sorrindo.

— Não sei. De mim. De você. — Respondeu sem levantar a cabeça.

— Eu jamais lhe faria mal.

— Eu sei.

— Então, o que é? Você me quer... Eu sinto isso. Sinto que você responde... Você quase gemeu quando eu a toquei. Isso também é medo? — Neil balançou a cabeça e respondeu ele mesmo à pergunta que deixara no ar: — Não, não é medo.

— Não sei — Deirdre respondeu. — Não é medo — Deirdre repetiu, ainda mais baixo, com a voz estrangulada na garganta. — Eu também quero você...

— Então por que não deixa que as coisas aconteçam naturalmente? Vai dar certo, vai ser bom para você e para mim. — Novamente Neil sorriu um sorriso de carinho e doçura que era mais do que uma promessa.

— Nunca é bom para mim,.. e com certeza não vai ser bom para você... Não sou doce, nem suave, nem bonita... nem sei fazer amor, nem nunca...

— Você é doce e suave e bonita quando está como está agora... Quanto a não saber fazer amor... Por que você não me dá a chance de julgar? — Ele riu baixinho. — Se eu quisesse apenas uma coisinha doce, suave e bonita para fazer amor, iria para a cama todas as noites com um ursinho de pelúcia.

Como ele esperava, Deirdre riu, os olhos verdes nadando em lágrimas.

— Não sei por quê, mas não consigo imaginar você na cama com um ursinho de pelúcia.

— Pois é... Não gosto de coisinhas doces e suaves. — Neil baixou os olhos e examinou as próprias mãos, sabendo que estava andando sobre gelo muito fino e qualquer coisa que dissesse poderia assustá-la ainda mais. — Quanto a nunca ter sido bom para você... Você acreditaria se eu lhe dissesse que também nunca foi tão bom para mim.., quanto eu imagino que possa ser? — Sorriu. — Considerando o número de tentativas que já fiz, quem deveria estar aí sentado, morrendo de medo, encolhido em um cobertor, era eu... Há sempre uma primeira vez, Deirdre.

Ela levantou os olhos para ele, mas não disse nada. Neil aproximou-se, deu-lhe um beijo na testa e andou para a porta:

— Não tenho pressa... — disse da porta. — E tenha a certeza de que eu jamais a forçarei a nada.

Mesmo que Neil Hersey não fosse advogado e tivesse dedicado toda a sua vida a estudar os sentimentos e as reações das mulheres que desejava levar para cama, não teria conseguido ser mais maravilhosamente gentil, compreensivo e sedutor do que foi ao longo daquele dia. Preparou o almoço, mas não a obrigou a almoçar com ele. Lavou as roupas dos dois e não disse uma única palavra enquanto ela voltava às lições de tricô, nem interferiu quando Deirdre escolheu um filme para o videocassete. Não discutiram uma única vez sobre qualquer assunto... Foi o dia mais calmo e tranquilo que passaram na ilha de Vitória.

Quando acabaram de jantar e sentaram-se frente à lareira, cada um deles com seu livro, Deirdre já havia resolvido que, apesar de continuar morta de medo, apesar de ter certeza de que nada daria certo e de que no dia seguinte recomçariam a brigar e discutir, se Neil tentasse qualquer aproximação, ela não fugiria. Continuou sentada ainda durante algum tempo, até que levantou-se e, em silêncio, foi para o quarto, vestiu o pijama e sentou-se na cama para reconsiderar a decisão que havia tomado. Era um risco, e ela sabia disso. Um enorme risco, considerando que estavam trancados naquela ilha... Se nada desse certo, seria impossível continuar junto com ele naquela casa. Talvez não... Talvez fosse possível recompor tudo na manhã seguinte e estabelecerem um tipo de relação platônica até o dia em que Thomas aparecesse para buscá-los. Tudo isso, é claro, imaginando que Neil, outra vez, tentasse se aproximar...

Neil estava parado à porta, e Deirdre sentiu a presença dele mesmo antes de vê-lo. Tudo o que lhe dançava na cabeça aparecia em seu rosto, nas mãos cruzadas sobre os cobertores, no casaco do pijama fechado até o pescoço, nos olhos assustados. Ela estava com medo de não satisfazê-lo... E se adivinhasse que havia muito, muito tempo, Neil não se sentia tão atraído por uma mulher quanto por ela?

Neil sorriu. Gostaria de poder dizer-lhe exatamente isso: Não tenha medo de mim, Deirdre, porque eu também estou com medo de você... “Porque estou mais louco por você do que jamais estive por mulher alguma e porque você é diferente de todas as mulheres que já conheci.” Neil sentou-se ao lado da cama e tocou-lhe o rosto com a ponta dos dedos.

Deirdre fez o melhor que pôde para sorrir. Conseguiu obrigar-se a levantar a mão e tocar o cabelo dele. Foi o gesto mais sincero que Neil viu em uma mulher, em toda a sua vida, sem falsidade alguma, sem mentira, sem subentendidos. Ela o queria, como já lhe dissera, sem mentir. E continuava com medo, como também já lhe dissera... Um jogo franco, leal, aberto. Junto com o desejo físico, começava a crescer nele alguma coisa diferente e nova: afeto, respeito, carinho...

Ele tomou-lhe o rosto entre as mãos e a olhou de frente, nos olhos, antes de aproximar os lábios e beijá-la, como se o beijo selasse um pacto de sinceridade, confiança e verdade.

— Não tenha medo de mim, Deirdre, nem de nada... — Neil deitou-se ao lado dela, ajudou-a a deitar-se e começou a desabotoar o casaco do pijama, tocando em cada botão ao mesmo tempo em que tocava na pele dela.

Quando todos os botões estavam abertos, Neil abriu o casaco e olhou para Deirdre, sorrindo:

— Era assim que eu queria vê-la... Ah! Deirdre, o que é que você escondeu de mim durante todo esse tempo? Isso? — E tocou com os lábios um dos mamilos

rosados, já teso, como se esperasse o beijo dele. — Oh! Deirdre... Você é linda... — Beijou-lhe o pescoço, os lábios, deslizando a língua por sua pele. — Você é doce e suave como um pêssego... e perfumada...

Deirdre pensou em dizer-lhe que não se iludisse tanto, mas teve medo de falar e romper o encanto daquele momento. Os olhos dele brilhavam com uma luz nova, em que havia desejo. Sim, muito desejo, mas também muito carinho.

Neil continuava a tocá-la com dedos calmos, experientes... Quando outra vez aproximou os lábios de seu seio e mordiscou-lhe o mamilo, Deirdre arqueou o corpo, pedindo mais, e teve de cerrar os lábios com força para não gemer.

— Eu não agüento mais... Eu quero... — ela sussurrou

— Vou lhe dar tudo o que você quer — Neil respondeu baixinho. — Mas nós estamos apenas começando..

— Estou esperando há tanto tempo... — Deirdre gemeu, com o corpo ondulando nos braços dele.

— Espere só mais um pouco... E vai ser muito melhor...

Neil levantou-se por um instante, despiu-se, fez a volta na cama e deitou-se, braços abertos para recebê-la. O contato dos seios doloridos, colados aos pêlos do peito de Neil foi ainda mais enlouquecedor que seus beijos. Deirdre sentiu-se pequena, protegida, quase guardada entre aqueles braços fortes e musculosos. Para ela também, junto com o desejo alucinado de que ele a possuísse, começava a crescer uma outra sensação... Alguma coisa que parecia dizer-lhe que confiasse e se rendesse. Deirdre passou os braços pela cintura de Neil e o puxou para si, com força, com calor, colando os lábios à pele quente de seu pescoço, sentindo no rosto a aspereza da barba ainda perfumada de água de colônia. Sentiu-o estremecer, com a respiração acelerada, a voz rouca.

— Assim, assim, Deirdre... Venha... — Neil forçou-a a aproximar-se mais, deslizando as mãos pelas costas dela. Abaixou com suavidade as calças do pijama e colocou os dedos por dentro do elástico da calcinha, apertando-lhe os quadris de encontro ao corpo. — Agora espere um momento...

Neil separou-se dela, ajoelhou-se na cama e, com infinito cuidado, acabou de despi-la, puxando o pijama e a calcinha por cima do gesso. Deirdre fechou os olhos e deixou-se levar pela sensação nova de sentir-se preciosa, frágil, maravilhosamente mulher. Ele voltou a se deitar ao seu lado e de novo a abraçou. Deirdre deslizou seu corpo sem perder o contato com o dele e gemeu alto, afastando-se um pouco. Queria descobrir com as mãos a textura daquele corpo com que tanto havia sonhado. Tocou-lhe a barba áspera e foi descendo a palma das mãos pelo peito... Os pêlos eram mais macios... E continuou a acariciá-lo na cintura, nos quadris, até aproximar-se do sexo. Neil virou-se de costas sobre o colchão, fechou os olhos e gemeu alto:

— Deirdre... Toque em mim... me beije...

Os dedos dela fecharam-se à volta do membro rijo, quente e liso. Aproximou os lábios, tocou-o com a língua, sentindo-o úmido, latejando, vivo entre seus dedos.

— Ah, eu quero você, Deirdre... — Neil tocou-lhe os cabelos. — Mas pare um momento... eu preciso respirar.

Deirdre afastou os lábios, sorrindo. Como ele, ela também estava a ponto de não suportar mais... excitada demais pelo simples contato com seu corpo, pela visão de seu corpo nu, do membro úmido brilhando na penumbra do quarto. Deitou-se novamente de costas, percebendo que durante três dias haviam esperado exatamente por aqueles momentos. Apesar de todas as discussões, das brigas, haviam passado três dias à espera de poderem se tocar.

Neil ajoelhou-se ao seu lado, correu a mão pela pele de sua perna até tocá-la junto ao quadril. Deirdre mergulhou os dedos nos cabelos dele, puxando-o com força.

— Eu quero você, Neil... — disse num gemido. — E não quero esperar mais... Ah!... Eu não posso mais... Venha...

Já não lhe interessava saber o que poderia acontecer depois, já não a preocupava saber se ele estaria satisfeito ou não, se acenderia um cigarro ou se lhe daria as costas para dormir. Cada célula do corpo queimava de desejo por ele... Mais do que em qualquer outro momento da vida, precisava senti-lo vibrando dentro de si...

Neil deitou-se sobre ela, acomodando-se de modo que a perna engessada parecia já nem existir. Ficou durante muito tempo ondulando sobre seu corpo, esfregando o peito em seus seios, os dedos enlaçados aos dela, sobre o travesseiro.

— Olhe para mim, Deirdre... Olhe, olhe para mim...

Deirdre abriu os olhos, esquecida de tudo que não fosse ele, seu desejo, sua fome alucinada, e estava com os olhos fixos nos dele quando sentiu que Neil começava a penetrá-la. Muito lentamente, mas cada vez mais fundo. Neil não queria machucá-la e sim dar-lhe todo o prazer que pudesse... porque ela estava lhe dando mais prazer do que qualquer outra mulher pudesse lhe dar... porque começava a sentir o que sempre imaginava que um homem pudesse sentir ao possuir uma mulher...

Quando Deirdre sentiu-o todo dentro de si, parado, preenchendo-a toda, movendo-se tão suavemente que ela apenas podia senti-lo vibrar e estremecer, descobriu que o vazio já não existia... que nunca mais existiria... que bastaria mover-se com ele, ao ritmo dele, como se fossem um só corpo. E deixou-se levar, como nunca antes conseguira fazer, até que Neil mexeu-se mais depressa e com mais força dentro dela. Uma vez, outra, outra.

Deirdre ouviu o som rouco, quase como um gemido, uma voz que não reconheceu. Ouviu-se também, como se fosse outra mulher chamando o nome dele:

— Neil... Ah... Neil... — E descobriu que era ela, ela mesma, agarrada às costas dele, com as unhas arrancando-lhe a pele. Seu corpo tomado por uma onda de fogo e vida que nascia de seu íntimo. Era o gozo, o primeiro de sua vida, que a tomou inteira. Não viu nem ouviu nada além de seus próprios gemidos, de sua própria voz chamando por Neil, Neil, sempre Neil. Ao mesmo tempo sentiu que ele se contraía todo e também explodia dentro dela, num espasmo que a inundava de calor.

Muito tempo depois, os dois ainda estavam abraçados, de olhos fechados, calados, ouvindo apenas a chuva que caía sempre, batendo nas vidraças. Neil foi o primeiro a despertar completamente, mas não acendeu cigarro algum nem virou-se para dormir. Sorriu e afastou alguns fios de cabelo dourado que brilhavam na testa de Deirdre:

— E então, Srta. Joyce? — perguntou, envolvendo-a com os braços. — Que tal lhe pareceu a nossa... performance?

— Você... gostou? — Deirdre fechou os olhos, sem saber se sobreviveria à resposta dele. Neil era franco, mas era gentil, doce... Ele tentaria mentir! Ele lhe diria que...

— Srta. Joyce — Deirdre o ouviu rir baixinho com os lábios bem junto de suas orelhas e as mãos acariciando-lhe as costas — você quer mesmo saber o que eu achei? Eu achei que... apesar de ser briguenta e malcriada e implicante... você

é... Bem... é a mulher mais sensual que já tive na vida

Capítulo 7

Deirdre respirou fundo. Não era mentira! Neil estava dizendo a verdade mais simples e sincera de sua vida. E ela podia senti-lo à vontade, descontraído e feliz.

— Não sou briguenta nem malcriada nem implicante. — Ela riu. — É que você veio intrrometer-se na minha ilha deserta, andava pela casa descalço e...

— Você já pensou que se Thomas Nye tivesse atendido ao nosso chamado nada disso teria acontecido? — Neil acomodou-se de costas no travesseiro, mas continuou brincando com os cabelos dela. — Você está feliz?

— Estou feliz, satisfeita, aliviada...

— Do que é que você tinha medo, Deirdre? — ele perguntou, olhando para ela, sério, com o olhar atento.

— Não sei, Neil... Mas, para ser franca, acho que meu medo sempre teve mais a ver com minha família do que com aquele imbecil por quem pensei que estivesse apaixonada...

— Você tem uma mãe repressora, um pai castrador, uma avó com altar no quarto... essas coisas? — Neil sentou-se e recostou-se nos travesseiros, interessado no que ia ouvir.

— Não, não! — Deirdre riu. — Meu pai já morreu, nem cheguei a conhecer minha avó, e minha mãe é razoavelmente liberal... quanto a sexo, pelo menos. Mas eles sempre me trataram como se eu fosse o patinho feio. Minha irmã Sandra é alta, morena, tem lindas pernas, belas curvas... e sempre teve dúzias de namorados. Eu sempre fui magra, sem graça, sem curvas... e passei toda a adolescência tentando me convencer de que não sofria por não ser igual a Sandra. Quando comecei a dançar e trabalhar, quando consegui encontrar uma coisa em que eu era realmente melhor que Sandra... a vida começou a me parecer mais divertida. — Deirdre sacudiu os ombros. — Seth, aquele por quem acreditei que estivesse apaixonada, foi o único homem que me levou para a cama até... hoje.

— Sei... — ele falou com calma.

— Mas ele jamais conseguiu fazer com que eu me sentisse... uma mulher sexy. E, aos poucos, comecei a acreditar que sexo era aquilo que fazíamos no escuro, muito raramente.

— E agora? — Neil perguntou com a voz doce, cruzando os braços sobre o peito largo.

— Depois de ter ido para a cama com você? — Deirdre baixou os olhos para o lençol que lhe cobria as pernas. — Agora comecei a achar que... vamos ter de dar um jeito de recuperar o tempo que perdemos. — Virou-se para ele e beijou-o de leve, na boca.

— Exatamente o que eu estava pensando... — Neil a abraçou.

— Quero mais, Neil... — Deirdre sussurrou, com o rosto escondido no pescoço dele.

— Não sei o que poderá acontecer... — Neil deixou-se escorregar pelos

lençóis até estar novamente deitado, levando-a com ele, ainda abraçada. — Estou em uma ilha deserta, sem telefone, sem rádio... à mercê de uma linda loira... maníaca sexual... — Ele aproximou os lábios e a beijou, mergulhando a língua naquele mesmo gosto delicioso que permanecia intacto em sua memória desde aquela tarde.

— Fuja... — Deirdre esfregou-se no corpo dele, sentindo o volume e o calor do sexo, novamente desperto. — Fuja, Sr. Hersey... se puder.

Neil não fugiu nem naquele momento nem em nenhum dos outros momentos em que Deirdre aproximou-se dele, durante toda a noite e até a tarde do dia seguinte, quando acordaram, exaustos, como se acordar e dormir fossem apenas aspectos diferentes de um mesmo sonho.

Quando acordou, a primeira preocupação de Deirdre foi olhar para as paredes envidraçadas a fim de verificar se a chuva continuava. A segunda, quase simultânea, foi parar para refletir que Neil ainda não sabia quem era ela... Ele não sabia nada além de seu nome, de sua profissão e do nome da cidade onde morava. Não sabia como vivia, como era sua família, a casa onde morava... Não sabia nem mesmo se o que ela lhe contara era verdade ou mentira! Mas nada disso o impedira de deitar-se com ela e amá-la como ela jamais havia sido amada. Por ela! Não por sua família ou por causa dos amigos de seu pai; nem por causa de sua fortuna ou das Empresas Joyce...

Neil acordou com a certeza de que pela primeira vez nas últimas várias semanas não se sentia culpado por estar fugindo dos problemas. Mesmo antes de ter resolvido viajar, desde o momento em que começou a suspeitar das vigarices de Wittnauer-Douglass até que todas as suas suspeitas se confirmassem pela campanha que viu desencadear-se contra sua carreira, o que mais o perturbava era a certeza de sua impotência para enfrentar todos os inimigos que tinha. Um simples advogado brandindo seus tratados de Direito não podia vencer uma verdadeira máfia, organizada, sem escrúpulos e assustadora. No entanto, despertava naquele momento com a sensação reconfortante de que não cometera crime algum ao resolver fugir de tudo e dar-se a trégua de alguns dias para pensar.

Com os dias de afastamento, os fatos começavam a parecer mais claros... Não era mais possível continuar se culpando por ter sido ingênuo. Continuava a ser o mesmo homem que sempre fora: um excelente advogado, um profissional competente e confiável que passara pela amarga experiência de aprender, de uma vez por todas, que seu trabalho consistia em vender serviços profissionais, o que sempre fizera de modo mais que satisfatório. Não fosse um profissional sério, honesto e competente, estaria agora sentado na elegante poltrona de couro de espaldar alto, quase um trono, à direita de Wittnauer-Douglass, comandando o bando...

Um único fato ainda o preocupava: Deirdre não sabia de nada. Nem suspeitava de que estava começando a se envolver, muito mais seriamente do que talvez suspeitasse, com um homem sem futuro, sem emprego, quase sem perspectivas. Era confortável sentir-se sem culpas em relação ao que havia acontecido em sua vida e com sua carreira, mas a sensação de estar com a consciência tranqüila não bastaria nem mesmo para pagar sua comida, o que o levava de volta aos distantes anos de office-boy de luxo em um escritório qualquer... Ela não sabia de nada disso e, pelo que lhe contara, Deirdre tinha boas razões para imaginar que ele fosse um advogado bem-sucedido. Mas não fizera perguntas, nem parecia preocupada: Deirdre Joyce estava feliz com o que ele lhe dera e conseguira fazê-lo mais feliz do que qualquer outra mulher. Nancy

parecia ter se evaporado no espaço como se jamais tivesse existido. Diante de Deirdre, Nancy voltara a ser exatamente o que sempre fora: Nada!

Assim, para os dois, os dias que se seguiram foram de plena e absoluta alegria de viver, de conversar, de deitar-se e fazer amor, de acordar e preparar-se para a rotina do dia como se aqueles momentos na ilha de Vitória pudessem durar para sempre.

Deirdre acabou de ler o primeiro romance e já estava lendo o segundo. A blusa de tricô já estava começando a tomar a forma de uma verdadeira blusa, tricotada quase sem erros. Fazia exercícios todas as manhãs ao acordar, e a cada dia os movimentos lhe pareciam mais fáceis e menos cansativos, mas não voltou a pensar nos planos de elaborar novas séries de exercícios destinados a deficientes ou a crianças, porque isso a fazia pensar no assunto de poder ou não voltar às aulas. E nenhuma preocupação ligada ao mundo exterior lhe parecia digna de ocupar as horas daqueles dias.

Neil também lia muito, continuou com as tarefas domésticas que Deirdre não podia fazer e parecia feliz assim. Já não discutiam sobre coisa alguma, o que não queria dizer que concordassem em tudo; apenas se respeitavam mutuamente e com alegria. À tarde, por exemplo, Deirdre concordava em jogar War e em perder sem protestar, e à noite Neil sentava-se ao seu lado, com o livro aberto, atento à leitura, como se ela não estivesse olhando para os requebros de John Travolta em *Aventuras de Sábado à Noite*.

Certa noite, depois do jantar, como a situação lhe parecesse perfeita, Neil foi até o quarto e voltou com um de seus charutos cubanos, a única lembrança que levara do escritório de Hartford. Acomodou-se no sofá, colocou ao lado um dos poucos cinzeiros que havia pela casa e concentrou-se no complicado ritual de desembrulhar o charuto, cortar-lhe as pontas, cheirá-lo fazendo-o girar entre os dedos.

Deirdre, com um olhar horrorizado, limitou-se a se afastar tapando o nariz com dois dedos. Neil sorriu, divertido. A que ponto haviam chegado! Era visível que o cheiro da fumaça de um charuto lhe parecia tão venenoso e mortal como se estivesse frente a um vazamento de gases em uma usina atômica... Mas, ainda assim, não havia dito uma palavra porque não queria estragar o prazer dele, mesmo que isso talvez lhe custasse a vida!

— Não se preocupe, amor... — disse ele, envolto em uma nuvem de fumaça azulada. — É um charuto cubano, de primeira qualidade... Não estamos correndo risco de vida. — Riu. — Estou fumando um legítimo Don Pedro, feito com as mais puras folhas do melhor fumo do mundo, absolutamente natural, sem corantes ou aditivos. Quer que eu o apague?

— Não, claro que não. — Deirdre sorriu com os dedos ainda fechando as narinas. — Não é proibido vender esses charutos? Você os contrabandeou?

— Não... Tenho um cliente árabe que manda fazer seus charutos em Cuba, personalizados, com o monograma gravado em ouro. E, como consegui livrá-lo de algumas encrencas há alguns meses, ele resolveu me oferecer alguns deles. Foi um presente, simplesmente isso.

Deirdre não disse mais nada; voltou a concentrar-se no livro que estava lendo, e Neil pôde saborear tranqüilamente o seu charuto cubano.

Na manhã seguinte, quando completava-se a primeira semana de sua estada na ilha, Thomas Nye chamou-os pelo rádio, pouco depois das oito horas. Neil ligou o aparelho e sentou-se para responder o chamado. Ao seu lado, Deirdre passou-lhe o braço pelo pescoço e esperou.

— E então? Como estão vocês? — Thomas perguntou, parecendo

sinceramente interessado pela primeira vez desde que haviam se encontrado.

— Bem... — Neil conseguiu dar à voz o mesmo tom de seriedade que ele usava no dia em que haviam se encontrado.

— Recebi alguns recados de vocês, mas estive ocupado demais. Como vocês não tornaram a chamar... Bem, eu achei que já não era necessário e... Ora! Se houvesse alguma emergência vocês voltariam a chamar. Mas como não chamaram... — Provavelmente essa era a frase mais longa de todas as que Thomas dissera durante a vida.

— Ele está se sentindo culpado... — Deirdre riu junto do ouvido de Neil. — Vá dando corda!

— Estamos bem. — Neil piscou o olho, aproximando-se novamente do microfone.

— E a Srta. Joyce? Como está sua perna? Ela... está bem?

— Está por aí? Gostaria de ouvi-la...

— O desgraçado quer saber se você não me assassinou... ou se não estou presa no sótão, amordaçada... como em *O Colecionador*! — Deirdre cobriu a boca com a mão para que Thomas não ouvisse sua gargalhada.

— Ela está bem, não se preocupe — Neil respondeu, com a voz sinistra e séria. — Mas não vai poder falar com você agora... porque está ocupada.

— Vocês dois... Estão se... entendendo bem? — Thomas parecia cada vez mais intrigado, curioso ou preocupado. Provavelmente as três coisas ao mesmo tempo.

— A última vez que a vi... estávamos nos entendendo bem. — Neil precisou respirar fundo para não explodir em uma gargalhada.

— Certo. Se está tudo bem, acho que posso desligar. A casa é de Vitória e...

— Acho que ele está querendo dizer que, como a casa é de Vitória, se houver algum assassinato aqui, o problema é dela. — Deirdre afastou-se do rádio e deu uma risada sonora.

— Thomas... — Neil chamou-o novamente — estamos precisando de alguns mantimentos.

— Já deixei várias caixas aí no ancoradouro. — Thomas suspirou. — Estive aí hoje cedo, antes de o dia clarear.

— Você não passa de um covarde, seu barba-ruiva — Deirdre gritou.

Mas Neil lhe fez um sinal para que se calasse e respondeu rápido, quase gritando:

— Obrigado, Thomas!

— Você tem certeza de que a Srta. Joyce está bem? — Thomas parecia à beira do pânico. — Se vocês estão bem... Então até a próxima semana. Vou buscá-los de hoje a sete dias, conforme o combinado. Se vocês mudarem de plano, basta ligar. Câmbio final.

Pela primeira vez Neil olhou para o aparelho de rádio como se estivesse frente a frente com um inimigo, os olhos repentinamente sérios e sombrios. Às suas costas, Deirdre engoliu em seco, incapaz de rir, sorrir ou dar um passo. Sete dias!

— Certo, Thomas... — Neil respirou fundo. — Câmbio final.

O aparelho estava desligado. Neil recolocou o fone no lugar, mas não se moveu da cadeira. Deirdre aproximou-se e tocou-lhe o ombro em silêncio. Estava tão angustiada que olhou em volta, à procura de alguma coisa que pudesse dizer ou fazer para que Neil não se virasse e olhasse para ela. O que viu, porém, era muito mais do que um bom assunto: Deirdre teve a impressão de estar recebendo uma dádiva dos céus.

— Neil! — ela gritou. — Olhe lá!
— O que é? — Ele virou-se na cadeira e olhou para fora.
— É o sol! Não chove desde ontem... Isso quer dizer que já não há tanta lama, que vamos poder sair e andar um pouco, que vamos poder ir até a praia... Oh! Neil...

Neil virou-se para ela e por um instante esqueceu-se de Thomas e dos seus malditos sete dias, deslumbrado com a alegria que havia no sorriso dela, nos olhos brilhantes, no rosto luminoso. Levantou-se e a abraçou em silêncio, prendendo-a com força junto a si.

— Claro, amor... Vamos andar, tomar sol...

O sol estava chegando para ficar. De dia para dia nasceria mais cedo e se poria mais tarde, em longos momentos de crepúsculo a colorir o céu e o mar. Com bom tempo, a ilha passou a ser acessível, e com os caminhos já quase secos, Deirdre podia andar à vontade, fazer exercícios ao ar livre. Neil também parecia revigorar-se com a possibilidade de correr pela praia, e sua pele ia tomando logo um tom de bronze antigo que o fazia ainda mais sexy. E quanto mais Deirdre olhava para ele, quanto mais andava pela ilha em sua companhia, deitava-se com ele, amava-o e deixava-se amar... mais Deirdre pensava nas palavras de Thomas: "Sete dias".

"Sete dias" significa voltar para Providence, para casa e para os problemas das Empresas Joyce... Quanto a Neil, cada vez mais sério e preocupado, Deirdre sabia que as mesmas duas pequenas palavras significavam alguma ameaça... Mas não sabia o que podia ser e estava decidida a esperar que ele falasse, se e quando falasse.

Três dias antes de esgotado o prazo que Thomas lhes dera, jantaram como costumavam fazer, na pequena mesa da cozinha. E voltaram em silêncio para o living, num silêncio que começava a pesar sobre os dois como um fantasma. Neil escolheu um filme na estante, colocou-o no aparelho de vídeo sem olhar para Deirdre e sentou-se em uma das poltronas, quase que de costas para a televisão. Deirdre encolheu-se num canto do sofá, olhando, sem ver, para as imagens de Os Caçadores da Arca Perdida.

De repente, Neil levantou-se da poltrona, andou até o aparelho de televisão e o desligou. Deirdre estremeceu como se um raio tivesse caído no meio da sala.

— Mas... o que é que você pensa que está fazendo?! — gritou. — Estou assistindo ao filme e...

— Não. Você está apenas roendo unhas, e esse ruído é a coisa mais irritante que pode existir para um homem que...

— Estou pouco ligando para o que "um homem" ache! — Deirdre gritou ainda mais alto do que ele. — Estou querendo assistir ao filme e você não tem o direito de...

— Você não está querendo ver filme algum! Você está querendo apenas me irritar com esse seu jeito de... Gata Borracheira!

— Pois eu acho que você, com essa barba ridícula, leva mais jeito de... de... — Deirdre tentou levantar-se do sofá, esqueceu-se da perna engessada e acabou desabando, como um saco vazio, por cima das muletas. E não conseguiu dizer nada além de uma dezena de palavrões, dos piores que conseguiu lembrar-se.

Sem se mover, Neil a viu lutar contra as muletas, contra o gesso, contra a lei da gravidade e contra o mundo, com os olhos verdes brilhando de fúria e desespero.

— Você não achou ridícula a minha barba... nem ontem, nem hoje cedo quando acordou... — disse, o rosto tenso, punhos cerrados ao lado do corpo.

— Nem você reclamou das minhas unhas roídas... Neil! — Deirdre gritou, esmurrando a almofada ao seu lado no sofá, com o desespero visível nos olhos e no rosto. — Estou nervosa, irritada... Droga!

— Por quê? — Em pé, ao lado da televisão, ele parecia mais alto, mais forte e mais moreno do que nunca. — Você veio para essa ilha para descansar, lembra-se? Para relaxar, para acalmar-se... por que então está tão nervosa?

— Porque... — Deirdre deixou a cabeça cair no encosto do sofá, com os olhos fechados. — Não sei por quê... — gemeu baixinho.

Neil baixou os olhos, deu alguns passos pela sala e parou junto à vidraça da janela, que não lhe mostrou mais que o próprio rosto, quase irreconhecível por trás da barba cerrada e escura.

— Nós precisamos conversar, Deirdre... — disse, sem se virar para ela. — Thomas deverá aparecer dentro de dois ou três dias...

— Eu sei. Depois de amanhã. — Deirdre arregalou os olhos e virou a cabeça para onde ele estava. — Vou voltar a Providence...

— ...eu vou voltar a Hartford.

— E...

— Nada. É só isso. — Neil continuava de olhos fixos na vidraça, tentando reconhecer-se no homem barbudo, sério e de olhos desesperados que parecia desafiá-lo.

— Nós... podemos chamar Thomas pelo rádio... — Deirdre fechou os olhos novamente, com medo do que ia dizer. — Diremos que resolvemos ficar mais um pouco... que...

— Eu não posso fazer isso — Neil virou-se para ela, mas não se afastou da janela.

— E o que é que você sugere então? — perguntou baixinho.

— Não tenho a menor idéia. — Neil colocou as mãos nos bolsos do jeans. — Desde que cheguei aqui tenho tentado não pensar no que aconteceria quando chegasse o dia de voltar. Estou no mesmo pé em que estava quando cheguei... E agora, para complicar ainda mais a minha vida... isso!

— Isso... o quê?! — Deirdre franziu as sobrancelhas, os olhos outra vez brilhantes.

— Nós.

Foi como se alguém se aproveitasse de um momento de descuido para lhe acertar um, soco no estômago. Deirdre saltou sobre o sofá, com uma mão estendida à frente como se fosse preciso defender-se:

— Não, não, Sr. Hersey... "nós" não somos, nem seremos complicação alguma para a sua vida. Eu, pelo menos, não estou interessada em atrapalhar sua brilhante carreira em Hartford! Dê-me boa-noite, faça suas malas... e adeus! Volte ao seu escritório que eu volto para a minha casa e pronto! Todos os seus problemas estarão resolvidos!

— É isso que você quer?

— Não.

— O que é que você quer fazer? — Neil respirou fundo.

— Não sei... — Deirdre gemeu, frustrada, cansada. — Eu também tenho passado os dias tentando não pensar no que faremos. Também não posso continuar aqui e... também não quero... me separar de você... — O fim da frase não foi mais que um sussurro.

— Aí está... — Neil sorriu, triste. — Tudo isso é difícil e complicado... Desde o fato de estarmos aqui, até nosso desejo de continuar na ilha, como se o mundo já não existisse... tudo isso é sinal de que estamos mesmo metidos em uma enorme

confusão.

— Neil... — Deirdre acomodou-se no sofá, lutando contra as lágrimas e o medo. — Vamos começar do começo, organizadamente... Sempre evitei fazer perguntas sobre a sua vida porque você também não se esforçou muito para saber sobre a minha; achei que... o melhor seria deixar tudo como estava... porque você me bastava. Eu estava feliz e você parecia feliz. Mas agora as coisas mudaram: estou assustada e você parece... encurralado. — Levantou a cabeça para ele e olhou-o nos olhos, séria, madura. — É hora de você me contar tudo. Você chegou a essa ilha como se estivesse fugindo de alguma coisa ou de alguém. O que houve?

Neil andou de volta para a poltrona em que estivera sentado, em silêncio, as palavras dela dando voltas e voltas em sua cabeça. Deirdre tinha razão em tudo o que acabara de dizer. Era uma mulher inteligente e franca. Por menos que lhe agradasse ter de falar sobre sua vida em Hartford, havia chegado a hora da verdade; Deirdre tinha o direito de saber de tudo..

— Tenho... graves problemas em Hartford — começou baixinho, meio sem saber como lhe contaria. — Problemas que envolvem um dos meus maiores clientes... Na verdade, um dos meus maiores "ex-clientes", uma grande empresa multinacional com sede em Hartford.

— Pode falar — Deirdre tentou animá-lo. — Se eu não entender alguma coisa eu o interrompo e pergunto, ok?

— Há três anos fui contratado como assessor jurídico dessa empresa e, ao longo desse tempo, fui entrando em contato com todas as atividades do grupo. Há pouco mais de um mês, talvez um mês e meio, comecei a notar indícios muito claros de que o grupo estava envolvido em um complicado esquema de corrupção de... vários diretores de outras empresas e alguns outros... altos funcionários públicos.

Deirdre se mexeu no sofá, cada vez mais atenta e preocupada

— Não se assuste, Deirdre... — Neil levantou os olhos como se adivinhasse o que ela estava pensando. — Não estou envolvido em nenhuma negociata... nem direta nem indiretamente.

— Não tenho a menor dúvida quanto a isso, Neil. — Deirdre sorriu porque acreditava nele e porque, em momento algum, imaginara que ele pudesse ser culpado de alguma coisa desonesta. Talvez alguém tivesse forjado alguma evidência para incriminá-lo... — Mas, de qualquer modo, você deve ter ficado numa posição difícil...

Deirdre estava acompanhando atentamente o que ele dizia, e a atenção apaixonada que brilhava em seus olhos era o que mais o desesperava. Porque a verdade que tinha para contar era a história de uma sucessão de erros, de atitudes ingênuas... de atitudes e fatos que depunham contra a imagem de grande advogado que ele gostaria que ela conhecesse. "Não...", Neil pensou. "Eu sou um grande advogado... Já era antes de Wittnauer-Douglass e continuo a ser... Mas arruinei minha vida profissional porque não percebi a tempo quem eram os homens com quem estava envolvido."

— A posição em que fiquei foi muito mais que difícil... — Neil cruzou as mãos, um braço apoiado no encosto da poltrona, o rosto virado para ela. — Não tive escolha: ou fechava os olhos e fingia que não sabia de nada que acontecia por lá, ou confiava nos diretores da empresa e expunha-lhes os fatos exatamente como os conhecia. Escolhi esse segundo caminho. E foi aí que o mundo desabou sobre a minha cabeça.

— O... o que é que você está querendo dizer?

— Todos os diretores sabiam de tudo e eram parte do esquema que eu acabava de descobrir... Fiz o papel do marido enganado. — Neil levantou os ombros. — Papel de bobo, Deirdre... E a partir do instante em que os diretores descobriram que eu também sabia de tudo o que eles andavam fazendo... passei a ser uma ameaça para eles.

— O que foi que você fez? — Deirdre respirou fundo, lutando para que ele não percebesse o quanto estava assustada.

— Pedi demissão. Não me sobrou outra escolha. Não podia continuar a trabalhar para eles sabendo que enriqueciam cada dia mais, às custas dos acionistas e de seus próprios empregados. Os pobres empregados, trabalhando dia e noite para ganhar o seu pão... e aqueles miseráveis desviando dinheiro para o exterior, alterando balanços...

— Mas... não estou entendendo. Se você pediu demissão... acabou-se! Mesmo que fossem os seus maiores clientes! Você tem outros clientes... não tem?

— Tinha, Deirdre. — Neil passou a mão pelos cabelos, o desânimo estampado no rosto. — De repente, sem mais nem menos, meus outros clientes começaram a desaparecer. Primeiro um, depois outro, e outro... O último deles "dispensou meus serviços" na véspera de eu vir para cá. Claro que não foi coincidência! Wittnauer-Douglass não se satisfez com a minha demissão, provavelmente porque ficou com medo de que eu saísse e espalhasse aos quatro ventos o que sabia. Para que eles pudessem voltar a dormir em paz e pudessem continuar com seus golpes, era necessário que eu fosse destruído e acabasse desacreditado.

— Você acha que há outras pessoas que sabem o que...

— Ninguém sabe de nada — Neil a interrompeu. — Nem tive tempo para pensar no que faria com as informações que tinha porque, no dia seguinte à minha demissão, soube que já havia um verdadeiro complô contra mim. Wittnauer-Douglass destruiu as provas que eu conhecia, forjou alguns documentos e criou uma situação na qual eu passava de acusador... a réu. Pouco antes de viajar fiquei sabendo que a empresa estava preocupada em salvar a minha reputação. A versão oficial que começou a circular na cidade dizia que... eles haviam me dispensado para evitar serem obrigados a me levar a julgamento... por procedimento ilegal, uso indébito do nome e dos bens da empresa e mais meia dúzia de crimes.

— Mas eles não podem provar nada! — Deirdre gritou. — Você não fez nada e...

— Claro que não fiz nada. Mas você não conhece essa gente. São tão ricos, tão influentes e tão poderosos, que a verdade é o que menos os preocupa. Eles não se interessam pela verdade, pela simples e boa razão de que têm poder suficiente para inventar qualquer verdade, prová-la, defendê-la... Esses homens estão acima do bem e do mal...

— Não! — Deirdre balançou a cabeça, e Neil viu seus olhos brilharem com a mesma mistura de medo e determinação para lutar que já conhecia desde o dia em que a vira abaixada na cozinha, apanhando cacos de vidro. — Tem de haver alguma coisa que nós possamos fazer!

Era a segunda vez que Neil ouvia alguém falar em "nós", em solidariedade, em apoio. Grandes mulheres! Tão diferentes e ao mesmo tempo tão parecidas: Vitória Lesser e Deirdre... Sua pequena, doce, loira, linda e forte Deirdre...

— Eu poderia denunciá-los, claro. — Ele sorriu. — Mas jamais conseguiria provar nada e, mesmo que conseguisse levar o processo até o fim, já estaria com a minha carreira arruinada.

— É terrível... — Deirdre respirou fundo.

— E eu me vejo atado! — Neil explodiu. — Sou um excelente advogado... mas tenho de ter clientes para poder trabalhar. A essa altura, não existe uma única grande empresa no país inteiro que não tenha sido informada sobre o "caso Hersey"! E Wittnauer-Douglass é conhecido de costa a costa. Em Hartford, não há um único executivo que tenha coragem de afrontá-lo ou desafiá-lo! Na véspera de vir para cá não consegui encontrar nem um parceiro para jogar tênis no clube. Estou transformado em um autêntico pária em Hartford. Quando chegar lá de volta, com certeza já terão cancelado até a minha assinatura dos jornais... e talvez tenham mandado desligar meu telefone.

Deirdre o ouvia calada, sem saber o que dizer, sem saber como consolá-lo.

— O pior de tudo, porém, não é isso. — Neil respirou fundo. — O pior é que eu não percebi nada antes... Não consigo me perdoar por ter sido ingênuo a ponto de não ver quem eram aqueles homens, por não ter desconfiado de nada. — Neil estava lívido, com os dentes cerrados, rígido na ponta da poltrona.

— Fui ingênuo, Deirdre e continuei a acreditar que...

— Pare com isso, Neil! — Deirdre levantou-se, apoiada nas muletas. — Ninguém pode se culpar por ter acreditado no próximo. Se você fosse capaz de desconfiar deles antes mesmo de imaginar que poderiam fazer o que fizeram... você seria igual a eles!

— Eles chegaram a envolver até os meus amigos!

— Se foram envolvidos, não eram seus amigos!

— Fui um imbecil, Deirdre... — Neil sorriu. — Um bom menino do interior, confiante, simplório... Que estudou muito, formou-se, transformou-se em um excelente advogado e acabou desacreditado porque insistiu em se comportar como um homem honesto.

— Você pode mudar de cidade. — Deirdre sentou-se novamente, com os olhos nos dele, esperando para ver como reagia.

— Fugir como um criminoso... Veja a que ponto cheguei...

— Droga, Neil! — Ela esmurrou a almofada. — Se você continuar a se lamentar, não vai conseguir emprego nem como co-piloto de Thomas Nye! Está agindo e pensando como se todos os problemas do mundo se resumissem aos seus problemas... E os meus, por exemplo?

— Mas Deirdre... você está com a perna engessada, não pode dar aulas, eu sei! Mas dentro de algumas semanas vai estar boa, vai poder voltar às suas aulas, vai...

— A perna é apenas um dos meus problemas. — Deirdre levantou-se outra vez e ajeitou as muletas embaixo dos braços. — Você não sabe nada sobre minha vida... E se está pensando que é a única pessoa que está se sentindo como se o mundo fosse desabar sobre a sua cabeça, desista...

— Não estou entendendo você. — Neil estava assustado.

Deirdre encostou-se à mesa e sorriu, de cabeça baixa. Como se pensasse em voz alta, continuou:

— A vida é muito engraçada. Você está cheio de problemas porque uma grande empresa "dispensou" os seus serviços profissionais... E eu estou cheia de problemas porque quero, preciso, preciso desesperadamente... dispensar da minha vida uma outra grande empresa... que minha família insiste em jogar sobre as minhas costas,

— O que é isso?! Sobre o quê você está falando? Você está usando uma metáfora ou...

— Não, não... — Deirdre balançou a cabeça. — Estou falando das Empresas

Joyce. Você já ouviu falar delas? São um gigantesco conglomerado...

— ...com sede em... Providence! Você é... dos Joyce, das Empresas Joyce... de Providence?!

— Não sou "dos Joyce de Providence", como minha mãe também costuma dizer. Sou Deirdre Joyce, professora de dança e ginástica. — Deirdre respirou fundo, afastando o cabelo do rosto. — Meu pai, minha mãe, minha irmã Sandra e meus dois tios, eles sim, são "os Joyce de Providence" em carne e osso. Meu pai morreu há seis meses e minha irmã assumiu o controle das empresas.

Neil balançava a cabeça, sem poder acreditar no que estava ouvindo:

— Parece impossível! Você é herdeira de um império... e vive como se...

— ...não fosse. — Deirdre completou-lhe a frase, muito séria, ainda de cabeça baixa. — A verdade é que não sou, não quero ser, não tenho condições psicológicas nem profissionais para ser. Aquelas empresas pesam como se fossem uma cruz que minha família quer me obrigar a carregar. É uma longa história, Neil... — Ela suspirou, levantando o rosto. — As empresas começaram com meu avô, passaram para o meu pai, que as fez crescer e transformou-as... no que você conhece. Quando meu pai morreu, minha irmã assumiu o controle de tudo, porque nem meus tios nem minha mãe seriam capazes de dirigir um negócio como aquele.

Neil levantou-se, deu alguns passos pela sala e aproximou-se da mesa, com as mãos nos bolsos e as sobrancelhas franzidas:

— Então eles querem que você assuma o lugar de seu pai...

— Exatamente.

— E você não quer.

— Eu não posso — Deirdre o corrigiu, em voz baixa, tensa. — Quando saí da universidade eles praticamente me obrigaram a ir trabalhar com papai... E eu quase enlouqueci! Não sou capaz de passar dias e dias fechada em uma sala, cercada de executivos, vigiada por meia dúzia de secretárias eficientíssimas, obrigada a pensar dez vezes antes de falar, obrigada a me vestir bem, me comportar bem, ser polida e gentil e...

— Entendo... — Neil riu baixinho. — Deve ser mesmo muito difícil para você!

— Qualquer um entende — Deirdre sorriu —, menos minha mãe e... os outros. Minha mãe passa dias e dias repetindo que eu sou a última esperança da família, que sem a minha cooperação iremos à falência, que ela vai acabar morrendo em um asilo de indigentes se eu não assumir a presidência das empresas... E há seis meses não há outro assunto, dia e noite, ao vivo ou pelo telefone. No hospital... foi um tormento! Porque enquanto eu estava trabalhando, ocupada com minhas aulas, pelo menos tinha uma desculpa para não fazer o que me pediam... Mas quando quebrei a perna, o mundo desabou... também para mim. Foi uma loucura completa! — Deirdre balançou a cabeça e fechou os olhos. — Acho que minha mãe não entende, nem jamais conseguirá entender, por que eu não faço as coisas exatamente como ela quer... E como não entende, acha que estou apenas sendo teimosa, egoísta, infantil. Para ela é simples: já que não me casei, não tenho filhos, não sirvo para nada... por que me recuso a, pelo menos, dirigir as empresas?

— E você se sente culpada porque não pode lhe dar o prazer ou a alegria de satisfazê-la, não é? — Neil tocou-lhe a ponta do nariz com o dedo, sorrindo.

— Sinto-me culpada porque, de certo modo, sei que sou responsável. E porque sei que as empresas vão se deteriorar muito rapidamente sem alguém que assuma o controle dos negócios de verdade. Passo o tempo todo tentando não pensar nisso, mas a verdade é que minha mãe e minha irmã não são capazes de

assumir nada... nem as empresas nem a vida delas, nem coisa alguma. Tenho pena de Sandra...

— Que bela dupla! — Neil abraçou-a, e Deirdre escondeu o rosto em seu peito. — A ilha de Vitória serviu para nós, mas não conseguiu resolver nenhum dos problemas que deixamos para trás. Bela dupla!

— Oh, Neil... — Ela passou-lhe os braços pela cintura. — que é que nós vamos fazer?!

Neil não respondeu. Deixou-se ficar abraçado nela, com os olhos fechados, na última tentativa de esquecer de tudo e aproveitar os poucos momentos dos últimos dias que tinham para ficar juntos. De repente Deirdre saltou, estremeceu, quase caiu sobre a mesa. Afastou-se dele, com os olhos muito abertos, boca aberta, vermelha como um pimentão maduro:

— Neil! Oh, Deus... Neill — E mal conseguiu falar, tremendo dos pés à cabeça.

— O que houve?! — Neil assustou-se. — É sua perna? Pelo amor de Deus, Deirdre... o que houve?!

— Você... você... Você quer se casar comigo?

— Claro... — Ele deu uma gargalhada. — Chamamos Thomas, encomendamos um padre para ser entregue com outra caixa de mantimentos e...

— Neil! — Deirdre respirou fundo e levantou a cabeça. — Estou falando sério! Se você casar comigo... todos os nossos problemas estarão resolvidos...

— Você enlouqueceu? Que problemas? Você nunca pensou em casar, nem eu...

— Não seja idiota, Neil Hersey! Você tem de casar comigo!

— Deirdre... Eu não tenho de me casar com ninguém... — Ele deu um passo atrás, desconfiado. — Você é maior de idade! Não foi coagida a ir para a cama comigo, não foi torturada, nem violentada, nem...

— Você tem de casar comigo... — Deirdre repetiu, rindo alto, às gargalhadas —... porque, se casar comigo... passará a ser dono das Empresas Joyce! Você é advogado, entende de administração de empresas, adora andar de terno e gravata, é bem-educado, eficiente...

Neil arregalou os olhos e deu um passo atrás. Quanto mais ele arregalava os olhos, mais Deirdre ria.

— Eu... — ele tentou começar a dizer alguma coisa, mas calou-se novamente. — Deirdre... você acha que...

— Ora, Neil... Vamos raciocinar como adultos maduros e equilibrados. Eu sei que você não pode estar apaixonado por mim... Eu sei que o que houve entre nós foi apenas... uma paixão passageira, um homem, uma mulher, uma ilha deserta... Estou apenas lhe fazendo uma proposta comercial.

Aos poucos, enquanto falava, Deirdre começou a sentir que já não havia nada de engraçado no que dizia. O riso foi desaparecendo de seus olhos, de seus lábios, de seu rosto... E quando acabou de falar, baixou a cabeça para que ele não visse que estava a ponto de explodir em lágrimas.

— Eu aceito — Neil respondeu, já sem o menor espanto ou susto, com a voz calma e controlada.

— Você... aceita? — ela perguntou baixinho, sem acreditar no que acabava de ouvir. — Você aceita... casar-se comigo?

— Já disse: aceito me casar com você. Faremos tudo exatamente como sua família espera. Vocês terão um ótimo administrador para os negócios, e eu terei uma chance de reconstruir minha vida e minha reputação. Mas nosso casamento vai incluir uma cláusula de separação de bens.

— Separação... de bens? — Deirdre respirou fundo, tentando não se esquecer de que ela mesma havia inventado aquilo tudo. Por que Neil não a abraçava e lhe dizia: "Sim, sim... quero casar com você porque a amo, teremos muitos filhos e seremos felizes para sempre"?! — O que quer dizer isso? — perguntou, ainda sem levantar a cabeça.

— Quer dizer que eu serei empregado das Empresas Joyce, sem participação acionária. — Neil tentou sorrir. Por que ela não olhava para ele e lhe dizia que queria se casar com ele porque o amava, porque queria ter filhos... porque seriam felizes para sempre, como haviam sido felizes naquela casa, naquela ilha?! — Tudo o que pertence a você continuará a pertencer apenas a você. E caso eu não seja aprovado como administrador, você poderá me demitir como a qualquer dos outros empregados. Nos divorciaremos e pronto. Do ponto de vista de sua mãe, o arranjo parecerá mesmo perfeito... — Neil cruzou os braços, deu-lhe as costas e andou alguns passos pela sala. — As Empresas Joyce continuarão a pertencer à família, administradas pelo marido de sua filha rebelde, mas regenerada pelo amor. E ninguém precisará saber do que decidimos quanto... ao nosso relacionamento. É perfeito, Deirdre. Você teve uma magnífica idéia.

Deirdre viu-o afastar-se, tenso, frio.

— E vou poder continuar trabalhando! — foi a única coisa que Deirdre conseguiu dizer. — Vou poder continuar a dar aulas e...

— Você poderá continuar a fazer exatamente o que faz. — Neil andou até a poltrona em frente à lareira, sentou-se e coçou a barba. — Vou comprar uma casa para nós... porque as pessoas poderiam estranhar se continuássemos morando em sua casa de solteira. E, se às vezes for necessário, você fará o sacrifício de ir ao cabeleireiro e vestir-se como qualquer esposa de qualquer grande empresário... Tudo exatamente como "os outros" esperam.

— Neil... Estou começando a achar que isso tudo é uma loucura... — Deirdre disse, baixinho, a voz por um fio.

— Por quê?! Há milhares de casamentos felizes que começam com muito menos do que o que nós temos. E é claro que eu quero me casar com você... Se não quisesse, Deirdre, não aceitaria essa sua proposta... comercial, como você mesma disse.

Deirdre aproximou-se por trás dele e pousou a mão em seu ombro. Neil curvou a cabeça e beijou-lhe os dedos.

Capítulo 8

Conforme o combinado, Thomas apareceu dois dias depois.

Desde o momento em que decidira se casar, Neil e Deirdre pareciam mais calmos, mais à vontade, mas, ao mesmo tempo, muito mais tristes. Deirdre sabia exatamente o que estava sentindo e sabia também que não adiantaria tentar voltar a discutir o assunto com Neil. Havia feito uma proposta, por idéia sua, uma proposta que resolvia os problemas da vida dos dois, que permitiria que continuassem juntos, praticamente vivendo como haviam vivido na ilha. Com

direito a todo o sexo que quisessem fazer, legal, sem precisar dar satisfações a ninguém, com sua própria casa. Não podia voltar atrás... e sabia que também não queria voltar atrás porque, entre várias razões, seria como obrigá-los a voltar à situação de desespero em que estavam quando aquela idéia estúpida lhe passou pela cabeça. Mas ainda não haviam falado em amor, em filhos, em afeto. E era isso que começava a atormentá-la cada vez mais.

Neil sentia-se ainda mais confuso. Tinha a sensação de que havia aceitado fazer um acordo em que era o principal beneficiado. Com um pouco de paciência, Deirdre acabaria conseguindo convencer a família de que precisavam contratar alguém para dirigir as empresas, e tudo estaria resolvido para ela. Não era um acordo justo, ele concluiu pela milésima vez, durante a viagem de volta a Spruce Head, mas não queria desfazê-lo porque precisava desesperadamente daquela chance e, sem uma grande empresa em que apoiar-se, não teria jamais como refazer sua vida.

A volta foi cuidadosamente planejada. Deixaram Thomas em Spruce Head, com um aperto de mão e sem nenhuma explicação que o ajudasse a descobrir o que poderia ter acontecido naquela ilha. Depois, cada um no seu carro, foram os dois para Providence, porque era lá que Deirdre previa que se travariam as maiores batalhas. Em uma das paradas que fizeram para esticar as pernas e tomar um café, Deirdre sugeriu que passassem antes por Hartford:

— Você poderia apanhar suas coisas, ver como está o escritório... — disse ela, sem a mínima convicção.

— Não seja boba, Deirdre... — Neil riu. — Você está com medo de que sua mãe não aprove a nossa idéia? Ou que não goste de mim? Não se preocupe! Não conheço uma única mulher, de mais de quarenta anos, que seja capaz de resistir ao meu charme...

— Não estou com medo de nada... — Deirdre desviou os olhos, — De qualquer modo, não se iluda com minha mãe... Ela não conhece o significado da palavra charme...

Maria Joyce estava na biblioteca de sua casa quando Deirdre buzinou e estacionou o carro. Mesmo antes de Deirdre e Neil chegarem ao hall de entrada, já a ouviram gritar:

— Deirdre! Finalmente... Eu estava morrendo de preocupação e desespero. Se eu não tivesse pensado em telefonar para Vitória... — Parou exatamente nesse ponto, e não disse mais nada.

À sua frente estava Deirdre, corada, amparada nas muletas, vestida como se acabasse de desembarcar do Vietnã, ao lado de um homem barbudo, mal vestido e sorridente.

— Meu Deus! — Maria gemeu baixinho, levando a mão direita ao coração. — O que foi que você inventou agora?

— É um prazer revê-la, mamãe... — Deirdre sorriu para Neil e o viu levantar as sobrancelhas, assombrado. — Gostaria de apresentá-la a Neil... Neil Hersey, Maria Joyce, minha mãe.

Neil adiantou-se e estendeu-lhe a mão. Maria cumprimentou-o como faria se alguém, em plena rua, lhe apresentasse um mendigo.

— É um prazer conhecê-la, Sra. Joyce. — Neil curvou-se e levou a mão dela aos lábios, num gesto elegante e refinado que nada tinha a ver com o mendigo que ela estava vendo no hall de sua casa, levado pela filha.

— Oh, Sr. Harshley, o prazer é meu... Minha filha já me falou muito a seu respeito...

— É Hersey, mamãe — Deirdre corrigiu. — E é claro que jamais lhe falei

dele, porque só o conheci quando cheguei à ilha de Vitória. Aliás, você deveria agradecer-lhe, porque ele me salvou de perder a perna. Gangrena.

— Você... está com gangrena na perna, Deirdre?! — Maria Joyce tateou à procura de uma cadeira para sentar-se.

— Claro que não. — Deirdre suspirou. — Pois se estou lhe dizendo que Neil salvou-me de perder a perna... Vamos, mamãe, seja gentil. Diga: "Obrigada, Sr. Hersey".

— O-obrigada, Sr. Harshley...

— Foi um prazer, Sra. Joyce. — Neil sorriu outra vez.

— Ótimo! Assim já está melhor. Acho bom que vocês se entendam bem... porque Neil e eu vamos nos casar.

— Deirdre! — O grito da mãe ecoou pelas paredes do hall. — Você mal conhece esse homem! — Olhou em volta, desamparada e como se estivesse perdida. — Eu preciso de um drinque...

— Ora, mamãe... — Deirdre aproximou-se de uma das poltronas e sentou-se com um suspiro de alívio. — Você não imagina o quanto se pode aprender sobre um homem depois de passar quinze dias com ele em uma ilha deserta...

— Por favor, Sra. Joyce... — Neil resolveu intervir antes que o hall desmoronasse. — O que sua filha está querendo dizer é que tivemos muito tempo para conversar e nos conhecer. Temos certeza de que seremos muito felizes.

— Preciso de um drinque. — Maria Joyce olhou "através" dele, como se Neil não estivesse presente, sentado entre sua cadeira e o elegante bar de madeira escura.

— São três horas da tarde, mamãe! — Deirdre levantou os olhos para o céu. — Ninguém pode precisar de um drinque a essa hora!

— Não importa. Ninguém tem uma filha que desaparece durante quinze dias, com a perna quebrada... e volta dizendo que quer se casar com um... pescador! Oh! Deirdre... Onde foi que nós erramos com você, filha? Fiz todo o possível para que fosse uma moça educada, fina, que se vestisse bem, que estudasse, aprendesse a se comportar como uma dama... Oh! Deus... O que foi que não deu certo com você?! — Maria parecia estar à beira de uma crise de nervos. — E justamente agora, quando mais precisamos de você, você inventa outra de suas maluquices. O que é que você quer? Matar sua mãe de desgosto?! E quanto à sua irmã?!

Neil achou que já ouvira o bastante. Achou, principalmente, que se não fizesse alguma coisa, Deirdre não pensaria duas vezes antes de responder afirmativamente às duas últimas perguntas que sua mãe deixara tio ar.

— Sra. Joyce... — começou — acho que estamos envolvidos em um mal-entendido, e é bom esclarecer alguns detalhes. Em primeiro lugar, não sou pescador. Sou advogado e, depois de tomar um banho, trocar de roupa e aparar a barba, a senhora verá que sou tão bem-educado e fino quanto... seus tapetes Dunhill. — Olhou em volta, sério. — Ou quanto aquele Modigliani pendurado em sua parede; lindíssimo, aliás.

— Você é incrível! — Deirdre deu uma gargalhada. — Está vendo, mamãe? Escolhi um noivo bem informado e elegante. Só precisamos de um banho... Será que poderíamos continuar a brigar mais tarde?

— Você está grávida. — Maria levantou-se e andou até o bar. — Vamos fazer um desses testes rápidos... e depois que eu tiver visto o resultado com meus próprios olhos, voltaremos ao assunto do seu casamento. — Encheu meio copo de uísque e voltou à cadeira. — Está resolvido.

— Não estou grávida, mamãe... — Deirdre apanhou as muletas e preparou-

se para se levantar e ir embora. Virou-se para Neil e balançou a cabeça. — Eu avisei que não ia ser fácil. Venha.

— Ok, ok — Maria respirou fundo. — Então você não está grávida... Mas está planejando se casar com um advogado que vive em... — Virou-se para Neil. — Onde é mesmo que o senhor disse que mora?

— Ainda não lhe disse, Sra. Joyce... — Neil sorriu sem se alterar. — Moro em Hartford.

— Exatamente... — Maria retomou o fio. — Está planejando casar com um advogado que vive em Hartford... e vai nos abandonar aqui, vai deixar sua irmã enlouquecer de preocupação, vai nos jogar na miséria... Você acha que isso é justo, Deirdre?!

— Não estamos planejando viver em Hartford. — Neil acomodou-se melhor na poltrona e cruzou as pernas. — Vamos morar aqui em Providence. Vou comprar uma casa logo que encontrar uma que agrada a Deirdre e...

— Em Providence... — Maria respirou fundo, olhou para a filha, levou o copo aos lábios e quase o esvaziou de um gole só. Engasgou-se e tossiu. — Sr. Hershley... talvez o senhor ainda não tenha tido tempo suficiente para conhecer a minha filha, mas eu a conheço muito bem. Deirdre não vai querer ficar morando aqui porque sabe que tem deveres para com nossa família... deveres que ela insiste em ignorar, mas que eu me encarregarei de...

— Mamãe, Neil está certo. Nós vamos mesmo ficar morando em Providence. — Deirdre sorriu, mais calma, quase gentil. — Como você já sabe, Neil é advogado e, como você ainda não sabe, ele é especialista em administração de grandes empresas. Vamos tomar conta de tudo... — Fechou os olhos, respirou fundo e falou bem lentamente, para ter certeza de que sua mãe entendia exatamente o que estava dizendo. — Vamos assumir a presidência das Empresas Joyce. Eu e o Sr. Hersey. Ou, se você preferir e ele concordar, o Sr. Hersey e eu.

— Ah... — Maria levantou-se da cadeira, andou até o bar, colocou o copo quase vazio sobre o balcão e voltou à cadeira, andando com calma, com os dedos brincando com o longo colar de pérolas que tinha no pescoço. — Pelo que estou vendo, vocês já pensaram bastante sobre tudo isso — disse, afinal, ainda com medo de não ter entendido bem. — E a idéia lhe parece interessante, Sr. Hersey?

— Hersey... finalmente — Deirdre suspirou. Se sua mãe já conseguia acertar o nome dele, as coisas começavam a melhorar.

— O que me parece mais interessante é sua filha, Sra. Joyce. — Neil sorriu. — As Empresas Joyce são parte da vida dela e tenho certeza de que Deirdre jamais teria falado de seus compromissos com as empresas e com sua família se não se preocupasse muito com vocês todos. Com Sandra, principalmente. Quando nos conhecemos na ilha, eu ainda não sabia quem era Deirdre... e ela não sabia meu nome, nem que eu era advogado. Vitória Lesser poderá confirmar isso, se a senhora lhe perguntar. Ela também poderá lhe dizer quem sou eu. A idéia de assumirmos a direção das empresas foi o último assunto de que tratamos na ilha.

Deirdre encostou a cabeça na poltrona em que estava sentada e fechou os olhos para não chorar. Era a mais pura e simples verdade, contada com simplicidade, sinceridade e carinho. Por que Neil não dizia que a amava? Por quê?

— Você acha que será feliz, Deirdre? — Maria virou-se para a filha, quase sorrindo.

— Eu... acho que sim. — Ela baixou os olhos, sem coragem de olhar para qualquer um dos dois.

— Nós seremos felizes, Sra. Joyce. Dou-lhe minha palavra de honra.

A primeira batalha parecia estar ganha. Neil despediu-se de Maria com um beijo no rosto, e Deirdre a abraçou como não a abraçava havia anos. No caminho para a casa de Deirdre pararam apenas para fazer o pedido da licença de casamento e para marcar os exames pré-nupciais que a lei exigia. Depois, foram para casa.

— É aqui que eu vivo, Neil. — Deirdre sorriu, abrindo-lhe a porta do pequeno apartamento. — Não há tapeçarias, nem Modigliani algum pendurado pelas paredes... Mas gosto daqui e sempre fui mais feliz aqui do que na casa de minha mãe. Entre.

— Você vai ser ainda mais feliz em nossa casa... — Neil a abraçou, sério. — Temos de encontrar um local onde você se sinta bem, onde goste de viver, onde se sinta livre...

Deirdre escondeu o rosto no peito dele e não teve coragem de dizer nada. Estava abraçada ao homem que amava, estavam fazendo planos para o futuro, iam se casar... Neil era doce, gentil, carinhoso, sabia amá-la na cama como ela jamais sonhara que pudesse ser amada... Mas seu casamento não passava de um acordo de interesses comerciais. Um acordo claro e franco, sem mentiras, sem subentendidos, baseado no respeito e na confiança. Era perfeito... Mas começava a pesar-lhe no coração como uma tonelada de chumbo. O que aconteceria quando realmente voltassem à vida normal, sem a magia da ilha de Vitória... e descobrissem que estavam casados, que tinham um futuro de harmonia e carinho pela frente, mas que jamais haviam falado de amor? Que jamais, em momento algum haviam dito que se amavam? Por que Neil não lhe dizia as coisas com mais franqueza? Por que insistia em tratá-la como se ela fosse a coisa mais preciosa do mundo... e se recusava a dizer que a amava?

Poucos meses depois de casados e instalados na casa que Deirdre escolheu, uma linda casa térrea cercada por um parque de árvores centenárias, Maria Joyce apareceu para uma visita, à tarde, numa hora em que sabia com certeza que não encontraria Neil.

— Precisamos conversar, Deirdre — disse, mal entrou, passando pela filha quase sem vê-la.

— Pensei que nunca mais voltaria a ouvir essa frase, nesse tom... — Deirdre suspirou. — O que houve, mamãe? Você veio me visitar para me dizer que está satisfeítíssima com o trabalho de Neil, que as Empresas Joyce estão praticamente recuperadas e que se papai fosse vivo estaria muito feliz?

— Não. — Maria sentou-se no grande sofá da sala em frente à lareira, com as costas retas e as mãos cruzadas no colo, sobre a bolsa. — Vim para lhe falar sobre Wittnauer-Douglass,

— Sim. — Deirdre acomodou-se em uma grande almofada, cruzou as pernas e sorriu. — Wittnauer-Douglass... Aí está um nome que me faz lembrar do tempo em que estive com a perna engessada. Neil me falou sobre ele quando estávamos na ilha de Vitória. O que é que você soube sobre ele, mamãe? Acaba de ser preso e condenado a vinte anos de cadeia?

— Não brinque com esses assuntos, Deirdre. — Maria franziu as sobrancelhas. — Você e Neil não me contaram nada sobre o que Neil fez em Hartford... antes de conhecê-la. Você também sabe sobre isso? Ou seu marido teve o cuidado de não lhe contar que...

— Meu marido me contou tudo sobre o que Wittnauer-Douglass fazia em Hartford, usando suas empresas como fachada legal para uma centena de negócios escusos. Neil pediu demissão do cargo que ocupava quando descobriu tudo. — Deirdre olhou-a, muito séria.

— Ben Hamilton, que é casado com Bess Hamilton, que é minha amiga, contou-me outra versão...

— E quem é Ben Hamilton? — Deirdre suspirou, começando a perder a paciência.

— É um dos principais diretores da empresa de Wittnauer-Douglass, em Hartford! — Maria levantou a voz, como se estivesse exibindo um grande trunfo.

— E desde quando você tem amigos... como ele?! — Deirdre também levantou a voz. — Se esse tal de Ben Hamilton diretor da empresa de Wittnauer-Douglass e deu-se ao trabalho de lhe contar mentiras sobre Neil, é porque também está envolvido nas vigarices que Neil descobriu. Sugiro que você não continue a se encontrar com ele ou com a mulher dele, mamãe... — Sorriu, esforçando-se para se acalmar. — Mais cedo ou mais tarde você também poderá ser acusada de estar envolvida nas vigarices dele... Talvez até acabe presa! Já imaginou o escândalo que haveria em Providence?!

— Deirdre! Os Hamilton são pessoas respeitáveis, honestas. São de uma família tradicional, e eu não posso admitir que você os acuse de...

— Chega, mamãe! — Deirdre levantou-se da almofada. — Não acredito que gente respeitável, honesta e séria se atreva a lhe contar mentiras sobre o seu genro!... A menos que estejam com medo do que Neil possa fazer.

— Você parece estar esquecendo de que seu marido é dono de metade das ações das nossas empresas! E se ele estiver interessado em fazer conosco o mesmo que fez em Hartford?

Deirdre respirou fundo, contou até dez e decidiu que sua mãe não merecia saber que Neil não era dono de nada! Não merecia saber que em seu contrato de casamento havia uma cláusula especial, pela qual ficava estabelecido que as ações que seu pai lhe deixara em testamento continuavam em seu nome e que ela podia despedir Neil a qualquer momento, "como qualquer outro empregado", como ele mesmo lhe dissera na ilha.

— Se vocês, você e Sandra ou qualquer outro diretor, começarem a inventar histórias ou a acreditar nas mentiras que qualquer ladrãozinho barato vier soprar em seus ouvidos... Neil e eu lhes devolveremos as empresas! — Deirdre deu um passo em direção ao sofá. — Se quiserem, podem contratar Ben Hamilton para administrar os seus negócios... Mas, antes, comprem as nossas ações e nos liberem de tudo. Nem Neil nem eu concordaremos em nos associar a gente como esses seus amigos. E se voltar a encontrar-se com eles, diga-lhes exatamente o que estou lhe dizendo! Em meu nome e em nome de Neil.

Maria levantou-se para sair, assustada com a firmeza da filha e muito mais assustada ainda com a possibilidade de Neil devolver a responsabilidade e a preocupação com a administração dos negócios.

Deirdre acompanhou-a até a porta e voltou para a almofada, pensativa. Estava segura quanto a tudo o que dissera, tinha absoluta confiança em Neil e não havia a menor dúvida de que as empresas estavam recomeçando a crescer e prosperar. Ainda assim, vivia com a sensação de que Neil trabalhava mais do que precisava. Não havia uma noite em que não voltasse para casa com os braços carregados de papéis e projetos e, às vezes, passava os fins de semana trabalhando, fechado no escritório. Havia contratado um gerente jovem e muito eficiente, e os dois passavam horas discutindo detalhes de novos projetos.

Verdade que ele sempre encontrava um modo de ser gentil e doce com ela, verdade que continuavam a fazer o mesmo maravilhoso amor que faziam na ilha e verdade que Neil era sempre compreensivo e paciente quando ela se desesperava porque sua perna ainda não estava completamente boa e ela ainda

não podia retomar as aulas. Mas Neil saía todos os dias para ir trabalhar, parecendo animado, voltava tarde ainda com trabalho para fazer em casa, mas nem uma única vez lhe dissera que a amava.

De repente, exatamente como já fizera uma vez em sua vida, quando se sentira perdida, infeliz e sem saber o que fazer, correu para o telefone, ligou para Vitória e a convidou para um almoço. Desde o casamento não haviam voltado a se encontrar, e uma conversa franca com Vitória sempre a fazia reconciliar-se com a humanidade.

— Há quanto tempo você conhece Neil, Vitória? — Deirdre foi direto ao assunto, no instante em que o garçom deu-lhes as costas.

— Há muito tempo. — Vitória sorriu. — Por que é que você está perguntando? Está acontecendo alguma coisa? Será que o meu fantástico plano... Impossível! Meus planos nunca falham!

— Não sei, Vi... — Deirdre suspirou. — Acho que é apenas uma reação normal... A verdade é que estou começando a achar que as coisas aconteceram depressa demais. Em pouco mais de alguns meses, mudou tudo em minha vida: quebrei a perna, conheci Neil, nos casamos, nos mudamos para uma casa maravilhosa, Neil está conseguindo reorganizar as empresas da família...

— E daí, querida? — Vitória sorriu seu maravilhoso sorriso de total solidariedade. — Você o ama, não é?

— Muito. — Deirdre baixou os olhos para o prato. — Mas mamãe apareceu em nossa casa há dois dias... e disse que... talvez Neil estivesse interessado apenas nas empresas. Que talvez...

— Dee! — Vitória levantou a cabeça, muito séria. — Você não pode ter acreditado nos delírios de sua mãe! Você sabe que eu conheço Maria há muito mais tempo que você e sabe que ela é uma pessoa... horrivelmente sem imaginação! — Sorriu, divertida. — Sinto muito, querida, ela é sua mãe... mas só deixa de ser insuportável pelo fato de ter dado a luz a alguém como você!

Deirdre riu baixinho, divertida com a franqueza da amiga.

— Claro que não acreditei em nada do que ela disse e que nem vou repetir porque são mesmo loucuras... Mas a verdade é que Neil está trabalhando demais. Eu o conheci em sua casa na ilha, Vi... Habituei-me a um homem que conversava, que lia, que dizia coisas engraçadas, que brigava e discutia muito... Que me amava mil vezes por dia... Que cozinhava para mim, que lavava a minha roupa... E estou casada com um homem que só pensa em trabalhar!

— Você me disse que o ama...

— Acho que Neil não me ama! — Deirdre a interrompeu, corada, assustada com o que acabava de dizer. — Acho que é ambicioso demais... que talvez esteja querendo se vingar de Wittnauer-Douglass... mostrando que é capaz de gerir uma empresa tão grande quanto a dele.

— Deirdre... você está sendo injusta e idiota. — Vitória colocou o talher ao lado do prato e olhou para ela. — Neil casou-se com você porque a ama. Se não a amasse não se casaria. O fato de você ser dona de uma empresa em que ele está podendo mostrar tudo o que é capaz de fazer profissionalmente foi um detalhe a mais. E se alguém merece a chance que o casamento lhe deu, esse alguém é Neil! Neil já lhe contou o que fez pela minha sobrinha?

— Não... — Deirdre arregalou os olhos. — Nem sabia que : conheciam!

— Neil a ajudou a sair de uma situação difícil... Um divórcio complicado, depois de um casamento complicado, que acabou de modo ainda mais complicado, mas que poderia ter-lhe rendido uma pequena fortuna em honorários. Neil não aceitou receber um tostão em pagamento pelos seus

serviços; disse que minha sobrinha ia precisar de todo o dinheiro que conseguisse arrancar do marido, porque tinha um filho para criar. Agiu como amigo e como homem de bem. Você não tem o direito de pensar que, agora, ele possa estar tentando usá-la, ou usar sua empresa, para se vingar ou para enriquecer... Não seja idiota, Dee, querida!

— Neil nunca disse que me ama... — Deirdre respirou fundo, os olhos cheios de lágrimas.

— E o que é que ele faz quando você diz que o ama? — Vitória curvou-se sobre a mesa, interessada. Deirdre não respondeu, e ela quase saltou da cadeira. — Deirdre! Você nunca disse que o ama?! Você dorme todas as noites com aquele homem maravilhoso... e nunca disse que o ama?!

— Mas nós mal nos encontramos, Vitória! — Suspirou, cansada e desanimada. — Ele passa os dias no escritório e quando chega em casa... não tenho coragem de começar a me lastimar da vida. Fico fingindo que vai tudo bem para não preocupá-lo... Minha perna ainda não está boa, não posso dar aulas, passo os dias sem ter o que fazer...

— E por que não vai trabalhar com ele no escritório? — Vitória sorriu. — Se eu tivesse um marido como o seu, não me separaria dele um instante. E se ele vivesse pensando em trabalho... eu me mudaria para o escritório e o obrigaria a pensar em mim enquanto estivesse trabalhando. Que tal?

A solução havia lhe parecido perfeita... talvez até pudesse dar certo. Mas, já na manhã seguinte, Deirdre mal conseguiu levantar a cabeça do travesseiro. Alguma coisa não ia bem... Sentia-se tonta, zozza, com uma náusea que aumentava cada vez que ela tentava se levantar. Ao lado, Neil acordou e estendeu os braços para ela.

— Oh, Neil... Não sei o que está acontecendo. Saí ontem para almoçar com Vitória e devo ter comido alguma coisa que não me fez bem. Estou tonta, com náuseas...

— Você deve ser a única pessoa nessa cama que não sabe o que está acontecendo. — Ele sorriu. — Você não sabe... ou apenas não quer me contar?

— Mas... do que é que você está falando?!

— Você está grávida, Deirdre... Tenho observado você há algumas semanas. — Neil acariciou-lhe o ventre, tocou-lhe de leve os seios. — Seu corpo está mudando... Você está mais redonda... — Neil riu outra vez cheio de carinho e curvou-se para beijá-la.

— Mas... Oh! Não!

— Você não fica feliz por estar grávida? — Neil franziu as sobrancelhas intrigado, assustado, tenso. — Você... não disse que queria filhos?

— Mas você disse que... Você está feliz com a idéia de termos um bebê, Neil? — Deirdre afastou-se dele para poder olhá-lo de frente.

— Feliz?! — Ele puxou-a para junto de si e prendeu-a com força. — Eu estou muito, muito feliz, Deirdre... Não há nada no mundo que possa me fazer mais feliz...

"Então diga que me ama, Neil...", Deirdre pensou. "Diga que me ama como eu o amo, como amo o bebê porque é seu filho... porque vai ser bom e bonito como você... Neil! Por favor... diga que me ama!"

Neil apertou-a em seu peito, escondeu o rosto em seus cabelos e respirou fundo, com a sensação de estar abraçando o mundo inteiro, com tudo o que havia nele de mais precioso:... sua mulher e seu filho! Se, pelo menos, Deirdre pudesse amá-lo um pouco... Se pelo menos ele conseguisse que ela confiasse nele... De qualquer modo, não queria, não podia e não a forçaria a aceitá-lo. Tinham um

contrato e ele estava decidido a cumpri-lo a qualquer custo. Quando as empresas estivessem definitivamente saneadas e, exatamente por isso, ele tivesse reconstituído sua reputação profissional... teriam de sentar e pensar novamente no casamento, no trabalho... Agora, com o bebê, talvez as coisas ficassem ainda mais difíceis para ele... mas ele estaria ao seu lado para ajudá-la no que pudesse, enquanto Deirdre lhe permitisse ficar.

— Neil... — Deirdre o chamou, baixinho. — Acho que as coisas vão bem, não é? Quero dizer... O bebê vai ter um pai e uma mãe que se respeitam, se gostam, se entendem bem, não é? Vamos ter o bebê... porque nós dois o queremos, não é?

— Claro, Deirdre. — Neil fechou os olhos. — Claro que o bebê vai ter um pai e uma mãe que se respeitam, se admiram e se gostam. Claro que vamos tê-lo porque o queremos... Por que é que você está dizendo isso?

— Por nada... Porque, de repente, percebi que já não temos apenas um contrato comercial. Oh! Eu sei que a idéia foi minha e não estou reclamando de nada. Você tem sido maravilhoso comigo, as empresas vão bem... Mas o bebê não tem nada com isso. Ele tem o direito de ser amado... de verdade!

— Deirdre... pelo amor de Deus, pare com isso!

Neil separou-se dela, saiu da cama e começou a andar pelo quarto, de um lado para outro. Ela o viu afastar-se como se estivesse partindo para sempre. Como se já não pudesse suportar continuar fingindo que se amavam, que eram felizes, que estavam casados por amor.

— Não diga mais nada, Deirdre... — Neil parou de repente, de costas para a cama, olhando o vento que mexia nas folhas das árvores à volta da casa. — Isso tudo foi uma loucura! Nós jamais deveríamos ter feito o que fizemos...

— Foi uma loucura... — Deirdre encolheu-se entre os cobertores, com lágrimas descendo pelo rosto. — E a culpa foi minha.

— Não, não... A culpa foi minha! — ele disse. — Porque eu já amava você desde o primeiro dia que fomos para a cama, na ilha de Vitória... Acordei na manhã seguinte certo de que só havia uma mulher no mundo para mim, e que essa mulher era você. Quando teve a idéia do casamento... Oh, Deirdre... Pensei que você estava me oferecendo a única chance possível de tentar fazer com que você me amasse e conseguisse me respeitar. E aceitei esse acordo maluco e irresponsável. E agora, você não me ama... e vamos ter um bebê! Meu Deus... Você tem toda a razão: o bebê não tem nada com isso! Ele tem todo o direito de ser amado de verdade!

— Neil! — Deirdre saltou da cama e correu para ele, os olhos ainda cheios de lágrimas. — Repita tudo o que você acaba de dizer..., Não! Não precisa repetir tudo... Diga apenas que... você disse que me ama." . Você disse mesmo?! Você disse que me ama, Neil?

— Disse... mas isso não significa que você tenha de me amar. Eu não tenho o direito de...

— Neil... Eu amo você... — Deirdre o abraçou pela cintura, encostou o rosto em seu peito, beijou-o e fechou os olhos. — Eu amo você... e amo o bebê... Só preciso de você, do bebê e de uma ilha para ser feliz. Se você quiser, devolveremos as empresas à minha família. Oh, querido! Vamos viver nossa vida, como na ilha...

— Será... que você está tendo outra de suas idéias fantásticas? — Neil a abraçou, começando a acreditar que o milagre acontecera, sentindo-a mais forte e ao mesmo tempo mais doce. — Você está dizendo que me ama... é isso? Que está feliz porque vai ter um bebê...

— Exatamente isso. — Deirdre riu, feliz, erguendo os olhos para ele. — E

estou tendo outra idéia...

— Que Deus nos proteja! O que é?

— Estou pensando em nomear esse gerente que você contratou... Louis Walson, não é? Estou pensando em nomeá-lo presidente das empresas. Mamãe vai aprovar porque não lhe restará outra escolha... Será Louis ou Sandra... E nós dois sabemos que Louis é competente e sério e conhece as empresas tão bem quanto você. E um milhão de vezes melhor que Sandra...

— E como é que você imagina que vamos conseguir dinheiro para o leite do bebê... e para essas incríveis camisolas transparentes que você tem comprado... e para seus abrigos de ginástica?

— Depois que o bebê nascer já vou poder voltar às minhas aulas. E você... poderá voltar a trabalhar como advogado. Se Wittnauer-Douglass tentar atrapalhar... Temos as empresas! Somos tão fortes quanto ele! Você não prefere voltar a ser advogado em vez de ter que continuar a fazer-se de empresário? Cercado de burocracia, sem tempo para ler, para estudar...

— Além de você e do bebê, isso é exatamente o que mais quero. — Neil sorriu, o maravilhoso sorriso que Deirdre não via mais desde que haviam deixado a ilha. — E como já não sou empresário, não tenho de acordar cedo e posso voltar para a cama, com a minha mulher... e passar o dia em casa...

Neil tomou-a nos braços e a levou para a cama. O vento que soprara pouco antes transformou-se em um vendaval, e logo uma tempestade violenta desabou com a chuva a bater, pesada, contra as vidraças.

— Você se lembra, amor? — Neil aproximou os lábios dos lábios de Deirdre, passando os braços em volta de sua cintura.

— A chuva... — Deirdre tocou-lhe os cabelos e o puxou para mais perto. — A chuva nos traz sorte...

— É você quem me dá sorte, Deirdre... Você e o bebê... Eu te amo...

— Neil... — Deirdre fechou os olhos e deixou-se levar pela onda de calor que saía dele e que a envolvia toda. — Vai chover durante uma semana...

— Então desligue o telefone. Mande a empregada embora... e fique aqui comigo... Como está a geladeira? Será que temos algumas latas na despensa?... — Neil tocou-lhe o seio com a ponta da língua, e Deirdre gemeu baixinho.

Estavam novamente sós, os dois, em uma ilha de sonho, no meio do mar...

Fim

Edição 126

Um romance real como a vida!

A repórter e o embaixador

Maura Seger

Judith Fairchild, repórter de televisão, parte para Gregória com a desculpa de que fará a cobertura do casamento do rei. Mas a sua missão é bastante diferente. Numa festa conhece Gavin Peters, embaixador americano. Logo intui as intenções daquele homem: Peters a deseja. Mo olhar a promessa de carícias, noites de amor inebriantes, entrega, rendição...

E ela está certa: o embaixador precisa se conter para não levá-la dali e amá-la total e completamente.

Judith se assusta. Gavin Peters é o único homem que pode impedi-la de realizar a reportagem mais importante de sua carreira.